

HELEN CRISTINA DO CARMO

**AS REPERCUSSÕES DO PROGRAMA POUPANÇA JOVEM
NAS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES DE JOVENS EGRESSOS
DO ENSINO MÉDIO EM RIBEIRÃO DAS NEVES**

**Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2011**

HELEN CRISTINA DO CARMO

**AS REPERCUSSÕES DO PROGRAMA POUPANÇA JOVEM
NAS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES DE JOVENS EGRESSOS
DO ENSINO MÉDIO EM RIBEIRÃO DAS NEVES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Magela Pereira Leão

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG

2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Dissertação intitulada “*As repercussões do Programa Poupança Jovem nas experiências escolares de jovens egressos do ensino médio em Ribeirão das Neves*”, de autoria da mestrande Helen Cristina do Carmo, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Geraldo Magela Pereira Leão – FaE/UFMG – Orientador

Prof. Dr. Leôncio José Gomes Soares – FaE/UFMG

Prof. Dr. José Eustáquio de Brito – UEMG

Profa. Dra. Marlucy Alves Paraíso

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação
FaE/UFMG

Belo Horizonte, 31 de agosto de 2011

Aos meus pais, que mesmo não ultrapassando as barreiras do ensino fundamental, me acompanharam até aqui. Em especial minha mãe, que dividiu comigo (e ainda divide) sabedorias que jamais encontrei nos livros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Geraldo Leão, pela companhia nesta caminhada. Desde o princípio o percurso foi um desafio, mas com sua ajuda, compreensão, paciência e sabedoria, pude finalizar esta caminhada. Muito obrigada.

Agradeço também aos professores/as Juarez Dayrell, Leôncio Soares, Nilma Gomes, Amauri Ferreira, Maria Alice, Francisco Soares, Cynthia Greive e Eduardo Weiss, que contribuíram para as reflexões realizadas nas disciplinas do mestrado.

A todos/as que contribuíram diretamente nesta pesquisa, desde a aplicação dos questionários, tabulação dos dados, transcrições, até os momentos finais: Liliane, Luciana, Danúbia, Raquel, Matheus, Marcos, Fernandinha e Symaira, muito obrigada.

Aos colegas de mestrado, especialmente Fernanda, Gelson e Gláucia. Foi bom saber que não estava sozinha.

Aos jovens, gestores e educadores do Poupança Jovem. Todas as informações divididas contribuíram muito para a realização desta pesquisa. Obrigada pelas preciosas conversas.

Aos diretores das escolas onde pesquisei, agradeço à abertura e disponibilidade.

À João Pinheiro Consultoria Jr. pela possibilidade de acesso ao banco de dados que foi fundamental no início desta pesquisa.

Muito obrigada queridos/as amigas/as do Observatório da Juventude. Aprendi muito com todos/as vocês nestes vários anos de convivência.

Às colegas do Giz, especialmente Bréscia e Bianca, com as quais muito aprendi no último ano. Obrigada por ouvirem pacientemente minhas dores e alegrias da escrita.

À Capes, pelo apoio através da concessão da bolsa Reuni nos últimos doze meses do mestrado.

Queridas amigas Fernanda, Heloíza e Tatiane, obrigada pela presença em todos os momentos. Sem dúvidas, vocês foram grandes suportes neste percurso.

À minha família: meus queridos pais, irmãos, cunhadas e sobrinhos que acompanharam de perto ou longe esta longa caminhada. Em especial minha mãe, companheira de todas as horas (até das madrugadas). Mamusca, você é a minha base forte!

Ao Rômulo, um verdadeiro companheiro. Obrigada pelo carinho, paciência e, sobretudo pela crença de que eu conseguiria finalizar esta empreitada.

Agradeço a Deus por esta conquista. Olhando para trás consigo perceber como Ele se fez presente em cada etapa da minha vida.

RESUMO

Esta pesquisa teve como principal objetivo investigar as repercussões do programa Poupança Jovem nas experiências escolares de jovens egressos do ensino médio em Ribeirão das Neves - MG. Para tanto, foi realizado um estudo de caso envolvendo de três momentos da trajetória destes jovens. Para a primeira fase utilizamos um banco de dados secundário criado no ano de 2007 por uma equipe de consultoria. Este banco de dados possuía informações sobre o perfil dos jovens matriculados no primeiro ano do Ensino Médio em todas as escolas da rede estadual de Ribeirão das Neves, com um total de 3.426 respondentes ao questionário. No segundo momento duas escolas foram escolhidas para que os questionários fossem reaplicados para os alunos do terceiro ano, perfazendo um total de 120 alunos. E por fim, foram realizadas entrevistas com doze participantes do programa, sendo oito jovens alunos, uma aluna adulta, duas educadoras e uma gestora do programa. Além da aplicação dos questionários e realização das entrevistas, também foram feitas análises de documentos relacionados ao Poupança Jovem. Partindo de uma análise sob o olhar da sociologia da juventude, foi possível perceber como os jovens avaliam a experiência do programa como positiva para suas vidas e ao mesmo tempo são capazes de apontar falhas e sugestões que podem contribuir para o avanço das políticas públicas voltadas para a juventude. Diante dos resultados encontrados nesta investigação, destacamos que o Poupança Jovem repercute de maneiras diversas para cada jovem, em geral estas repercussão são tidas como positivas por eles, principalmente no âmbito da sociabilidade e do benefício financeiro, porém apresenta pouco ou nenhum reflexo na experiência do Ensino Médio.

Palavras-chave: Juventude, Políticas Públicas e Ensino Médio.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the impact of the Poupança Jovem Program in educational trajectories of young graduates from high school in Ribeirão das Neves – Minas Gerais. As part of the research we conducted a case study involving three moments of the trajectory of these young people. In the first phase we used a secondary database that was originally created in 2007. The database was created by a consulting team hired to analyze the profile of young people enrolled in the first year of secondary education in all schools of Ribeirão das Neves. This included 3,426 students who were asked to complete a questionnaire. In the second phase two schools were chosen to reapply the questionnaires for third year students. This included 120 students. In the third and final phase interviews were conducted with 12 participants. This included 8 young students, 1 adult student, 2 teachers, and 1 program manager. The researchers, in addition to applying questionnaires and conducting interviews, also analyzed documents related to the Poupança Jovem. Based on an analysis from the perspective of the sociology of youth, it was possible to observe how young people evaluate the program as a positive experience for their lives and at the same time are able to point out deficiencies and/or make suggestions that may contribute to the advancement of public policies aimed at youth. Based upon the findings in this study the researchers would like to emphasize that the Poupança Jovem resonates differently for each individual. In general these are taken as positive repercussions for students, especially in the context of sociability and financial benefit, but it has little or no reflection on their overall high school experience.

Keywords: Youth, Public Policy and High School.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Taxa de frequência líquida entre os jovens de 15 a 17 anos – Ribeirão das Neves 2009.....	25
GRÁFICO 2	Taxa de frequência líquida entre os jovens de 18 a 24 anos – Ribeirão das Neves 2009.....	25
GRÁFICO 3	População de Ribeirão das Neves no período de 1950 a 2010.....	37
GRÁFICO 4	População de Ribeirão das Neves no período de 2000 a 2010 – Divisão por sexo e local de moradia.....	38
GRÁFICO 5	Pirâmide etária de Ribeirão das Neves – 2010.....	39
GRÁFICO 6	Motivos dos deslocamentos de Ribeirão das Neves para RMBH – 2001.....	41
GRÁFICO 7	Distribuição dos empregos formais por setor de atividade e sexo – 2005.....	42
GRÁFICO 8	Matrículas no Ensino Médio em Ribeirão das Neves – 2007 a 2010...	45
GRÁFICO 9	Taxas de rendimento no Ensino Médio em Ribeirão das Neves – 2010.....	47
GRÁFICO 10	Distorção idade/série no Ensino Médio em Ribeirão das Neves – 2010.....	47
GRÁFICO 11	Proporção de jovens no primeiro e terceiro ano de acordo com sexo – 2007 e 2009.....	57
GRÁFICO 12	Proporção de jovens no terceiro ano de acordo com cor/raça – 2009	58
GRÁFICO 13	Proporção de jovens no primeiro e terceiro ano de acordo com o ano de nascimento – 2007 e 2009.....	59
GRÁFICO 14	Principal responsável pelos jovens – 2007 e 2009	60
GRÁFICO 15	Escolaridade do principal responsável pelos jovens – 2007 e 2009....	61
GRÁFICO 16	Situação de atividade do principal responsável – 2007 e 2009.....	61
GRÁFICO 17	Número de residentes incluindo os jovens – 2009.....	62
GRÁFICO 18	Renda mensal familiar – 2007 e 2009.....	63
GRÁFICO 19	Situação de moradia – 2007 e 2009.....	64
GRÁFICO 20	Trabalha atualmente entre os jovens – 2007 e 2009.....	65
GRÁFICO 21	Trabalhou nos últimos três anos – 2009.....	65
GRÁFICO 22	Já repetiu o ano escolar – 2007 e 2009.....	66
GRÁFICO 23	O que mais gosta na escola – 2009.....	67
GRÁFICO 24	Como pretende gastar o benefício – 2007 e 2009.....	92
GRÁFICO 25	Avaliação sobre o Programa Poupança Jovem – 2009.....	96

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Situação educacional dos jovens – 2008.....	26
TABELA 2	Número de estabelecimentos por tipo de prestador segundo tipo de estabelecimento – 2009.....	40
TABELA 3	Taxa de desemprego: Ranking dos municípios da RMBH – 2000.....	43
TABELA 4	Valor da passagem em Ribeirão das Neves – 2011.....	44
TABELA 5	Número de alunos matriculados nas escolas Serra e Planalto – 2007 a 2009.....	56
TABELA 6	Preferências esportivas dos alunos do primeiro ano em Ribeirão das Neves – 2007.....	82
TABELA 7	Atividades profissionalizantes de interesse dos alunos do primeiro ano em Ribeirão das Neves – 2007.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDEPLAR	Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG
CINTERFOR	Centro Interamericano para el Desarrollo del Conocimiento en la Formación Profesional
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FJP	Fundação João Pinheiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCED	Instituto de Cooperação e Educação ao Desenvolvimento
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
OSCIP	Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SEDESE	Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social
SEE	Secretaria de Estado de Educação
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	12
1.1 – OBJETIVOS	14
1.2 – Caminhos da Pesquisa e Procedimentos Metodológicos	15
1.3 – Estrutura da dissertação.....	18
2 – JUVENTUDE, ENSINO MÉDIO, POLÍTICAS PÚBLICAS E O PROGRAMA POUPANÇA JOVEM	20
2.1 – Considerações sobre o conceito de juventude.....	20
2.2 – Considerações sobre o ensino médio	23
2.3 – Considerações sobre as políticas públicas de juventude	28
2.2.1 – O Programa Poupança Jovem	30
3 – O CONTEXTO E OS SUJEITOS: O MUNICÍPIO, O PROGRAMA E OS JOVENS	36
3.1 – Conhecendo o município de Ribeirão das Neves.....	36
3.2 – O Programa Poupança Jovem em Ribeirão das Neves	48
3.2.1 – Estrutura do programa.....	49
3.2.2 – Gestão do programa no município	50
3.2.3 – As turmas de 2007 a 2009 em Ribeirão das Neves	53
3.2.4 – Poupança Jovem e a relação com a escola	54
3.3 – Retratos dos sujeitos investigados	55
4 – APROXIMANDO DOS SUJEITOS: COMO OS JOVENS AVALIAM A EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO NO POUPANÇA JOVEM	69
4.1 – Breve descrição dos sujeitos.....	69
4.2 – Adesão ao programa	72

4.3 – Início das Atividades: o Giro Jovem	77
4.4 – Os Cursos e as atividades dinamizadoras	81
4.5 – As repercussões.....	86
4.5.1 – O Poupança Jovem concomitante à vivência do Ensino Médio	87
4.5.2 – O Benefício.....	90
4.6 – A especificidade da experiência piloto.....	94
4.7 – A avaliação geral.....	96
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS.....	102
ANEXOS	106
I – Questionário	106
II – Roteiro de Entrevista – Jovens.....	114
III – Roteiro de Entrevista – Educadores.....	116
IV – Roteiro de Entrevista – Gestores	117

1 – INTRODUÇÃO

A presente pesquisa insere-se no campo dos estudos sobre a juventude, particularmente nos estudos sobre a relação juventude, escola e políticas públicas. A partir de uma perspectiva da sociologia da juventude, buscamos investigar as possíveis repercussões de um programa social voltado para esse grupo, o programa “Poupança Jovem”, nas experiências escolares dos jovens estudantes do ensino médio do município de Ribeirão das Neves, em Minas Gerais.

A escolha por essa temática ocorreu a partir das reflexões realizadas no decorrer da minha graduação em Pedagogia e, principalmente, da minha inserção no “Programa Observatório da Juventude¹ da UFMG”. Minha primeira experiência neste programa foi como bolsista de iniciação científica em uma pesquisa intitulada “Juventude desempregada e políticas públicas: os impactos do Consórcio Social da Juventude de Belo Horizonte²”. O objetivo desse trabalho era conhecer, por meio de dados coletados junto aos jovens atendidos pelo referido programa, seu impacto como uma política pública de juventude nas suas diferentes dimensões, tais como: inserção no trabalho, transferência de renda, elevação da escolaridade e participação política e social. Nessa primeira experiência pude me aproximar das discussões a respeito das políticas públicas para juventude, em âmbito nacional, e conhecer as expectativas que os jovens nutriam em relação à participação nesse tipo de ação. No decorrer da referida pesquisa de iniciação científica, surgiram várias questões relacionadas ao lugar de destaque que o trabalho ocupava nas preocupações dos jovens. Além da interferência das políticas públicas nas trajetórias dos mesmos.

¹ O Observatório da Juventude da UFMG é um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão. Criado em 2002, o programa realiza atividades de investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos jovens na região metropolitana de Belo Horizonte. Desenvolve também ações de capacitação tanto de jovens, quanto de educadores e alunos dos cursos de graduação e pós-graduação da UFMG interessados na problemática juvenil. O programa situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, orientando-se por quatro eixos centrais de preocupação que delimitam sua ação institucional: a condição juvenil nas sociedades contemporâneas; as políticas públicas e as ações sociais voltadas aos jovens; as práticas culturais e as ações coletivas da juventude na cidade e a construção de metodologias de trabalho com jovens.

² Mais informações sobre essa pesquisa podem ser encontradas no artigo *Juventude, pobreza e trabalho: o que podem os jovens esperar das políticas públicas?*, Disponível no endereço eletrônico <http://www.cinterfor.org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/temas/youth/doc/not/juvpobtr.pdf>.

Mais tarde, em outra experiência num projeto de extensão denominado “Diálogos da juventude”, realizado pelo mesmo programa, pude conhecer melhor a realidade escolar. Pude conviver e dialogar com os jovens sobre os mais diversos aspectos relacionados à experiência vivenciada por eles nesta instituição e perceber como a escola está ligada à vida deles.

Além de desenvolver um melhor entendimento sobre o olhar que esses jovens lançavam sobre a escola, em outro projeto de “Formação de Professores do Observatório da Juventude”, obtive a oportunidade de conhecer o ponto de vista dos professores que trabalham diretamente com a juventude no contexto escolar. Esses docentes evidenciavam as dificuldades encontradas no trabalho com o público jovem. Contudo, demonstravam também o prazer de contribuir na formação destes estudantes, procurando atender às demandas trazidas por eles que, muitas vezes, extrapolavam os aspectos de escolarização, envolvendo a formação pessoal, a sociabilidade, planos para futuro, entre outras questões.

Ainda durante a graduação, participei de outra pesquisa intitulada “O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira³”. Durante a consecução dessa pesquisa, tive a oportunidade de realizar a leitura e análise de um grande número de teses e dissertações relacionadas ao tema “juventude e escola”. Essa experiência configurou-se em um importante passo para minha formação como pesquisadora, ampliando meu ponto de vista sobre as investigações na área da educação.

A partir das inquietações surgidas durante as experiências relatadas, optei por desenvolver minha monografia partindo dos questionamentos relacionados com as expectativas de jovens em relação ao trabalho. Tendo em vista os problemas levantados durante a pesquisa, principalmente nas falas dos jovens, ficou evidente a necessidade de se considerar, durante as investigações científicas, os sentidos, motivações e disposições dos mesmos em relação ao trabalho e à escolarização, pois só através desse esforço, teremos a chance de nos aproximar do universo que cerca tais sujeitos e compreender as estratégias por eles usadas na busca pela concretização de seus projetos para o futuro.

³ Essa pesquisa está relatada nos dois volumes da obra *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social* (1999-2006). O volume 1 está disponível no endereço eletrônico <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/EstadoArte-Vol-1-LivroVirtual.pdf> e o volume 2 está disponível no endereço eletrônico <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/EstadoArte-Vol-2-LivroVirtual.pdf>.

Com a experiência adquirida por meio da realização da monografia, pude coletar pistas que auxiliaram durante a reflexão sobre algumas questões relacionadas ao tema “Juventude, Trabalho e Escolarização”. Entretanto, outros questionamentos se apresentaram a partir desse leque de experiências, principalmente no que diz respeito às trajetórias escolares dos jovens, crescendo em mim a vontade de me aprofundar nessa temática e compreender melhor as complexas relações entre juventude e escola.

Durante a minha inserção no mestrado, tive a chance de investigar vários elementos que me chamaram atenção durante minha trajetória como aluna egressa de escolas públicas, pedagoga e interessada nos estudos sobre juventude. Trouxe comigo questionamentos sobre a qualidade da educação pública, a condição juvenil no município de Ribeirão das Neves, cidade na qual resido, a vivência de “jovens comuns”, ou seja, aqueles que seguem suas trajetórias sem grandes marcos que os rotulem como, por exemplo, pertencer a um grupo de cumprimento de medida sócioeducativa, ou serem moradores de um “aglomerado x”, ou estarem envolvidos em atividades culturais, etc. Acredito que olhar para este “jovem comum” que, na verdade, inclui uma diversidade de características, sem, no entanto, se limitar a apenas uma delas, é um primeiro passo para aprofundarmos a compreensão da condição juvenil num contexto mais amplo.

1.1 – OBJETIVOS

Objetivo Geral

Investigar as repercussões de um programa governamental para juventude nas experiências escolares de jovens do ensino médio de um município da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Objetivos Específicos

- Compreender o programa Poupança Jovem, sua concepção e objetivos.
- Conhecer e descrever as trajetórias escolares dos jovens pesquisados.

- Identificar como os jovens avaliam a experiência de participação no programa, bem como percebem a interferência deste em sua experiência escolar.

1.2– Caminhos da Pesquisa e Procedimentos Metodológicos

Por meio da presente investigação, buscamos uma maior compreensão das relações entre os jovens e a instituição escolar, num contexto caracterizado pela ação de um programa social governamental, mais especificamente, o “Programa Poupança Jovem” do estado de Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa sobre a experiência piloto deste programa, que foi realizada no período de 2007 à 2009.

Na execução dessa pesquisa, realizamos um estudo de caso com jovens de duas escolas estaduais do município de Ribeirão das Neves, localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), buscando conhecer a experiência escolar dos mesmos, suas percepções do referido programa e as repercussões dessa ação em seus percursos escolares. Como ferramental de pesquisa, realizamos uma investigação de caráter qualitativo. Martins (2004) esclarece que, antes de mais nada, as chamadas metodologias qualitativas

“[...] privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la” (MARTINS, 2004, p. 292).

A pesquisa qualitativa abarca uma série de procedimentos metodológicos. Tais procedimentos são utilizados na medida em que se fazem necessários, dependendo do objeto investigado e da percepção de cada pesquisador.

A presente pesquisa teve três fases durante seu desenvolvimento. Na primeira fase, realizamos pesquisa documental sobre o Programa Poupança Jovem. Durante a segunda fase, aplicamos questionários aos jovens que finalizavam o

ensino médio e a experiência de participação no programa. Finalmente, na última fase, foram realizadas entrevistas com os jovens participantes do programa, que já estavam desligados da escola. O trabalho de campo foi desenvolvido durante os anos de 2009 e 2010, como descreveremos a seguir.

De acordo com as fases anteriormente descritas, no primeiro momento tivemos acesso a um banco de dados elaborado em 2007 pela “João Pinheiro Consultoria Jr.”⁴. Esse banco de dados foi resultado de um *survey*, que buscou levantar elementos sobre o perfil dos jovens atendidos pelo programa Poupança Jovem em seu primeiro ano de realização. Para concretizá-lo, a equipe de consultoria realizou a aplicação de questionários junto às turmas de primeiro ano do ensino médio em todas as escolas da rede estadual de ensino do município de Ribeirão das Neves. Responderam ao questionário 3.426 alunos. As questões foram organizadas em seis blocos, a saber: dados pessoais e familiares; trajetória e vida escolar; vitimização e violência; trabalho e profissionalização; lazer, cultura e acesso a serviços; e, por fim, expectativas quanto ao programa. Os dados coletados por meio dos questionários foram disponibilizados no programa *Microsoft Access*. Além do acesso a este banco de dados, utilizamos informações do relatório, resultado do *survey*, bem como documentos relativos ao programa Poupança Jovem. Vale destacar que, embora o universo de jovens respondentes tenha chegado a aproximadamente 3.500, nossa investigação teve um recorte a partir da priorização dos dados coletados em duas escolas, como explicitaremos a seguir.

Na segunda fase da nossa investigação, selecionamos duas escolas – Escola Serra⁵ e Escola Planalto – para aplicar novamente os questionários. A partir dos dados disponibilizados no relatório do *survey*, selecionamos duas escolas, consideradas medianas de acordo com os seguintes critérios: taxa de abandono (evasão), taxa de reprovação, número de professores efetivos por estabelecimento e condições materiais das escolas. Optamos pelas escolas que apresentaram uma média, na avaliação destes critérios, entre os estabelecimentos de ensino do município. Consideramos que, dessa maneira, conheceríamos dois contextos capazes de esboçar as escolas de Ribeirão das Neves, sem nos deixar levar pelas discussões sobre contextos escolares marcados por extremas dificuldades e/ou por

⁴ A João Pinheiro Consultoria Jr. é uma consultoria júnior em administração pública fundada em 1998 e gerida pelos alunos do Curso Superior de Administração Pública (CSAP) da Fundação João Pinheiro (FJP).

⁵ Os verdadeiros nomes das escolas serão preservados.

privilégios. A partir da escolha das escolas, realizamos a reaplicação do questionário utilizado no ano de 2007 pela referida consultoria, com adaptações (Anexo I). Nosso objetivo foi elaborar uma análise comparativa entre os dados levantados junto aos jovens enquanto os mesmos estavam no primeiro ano do ensino médio e os dados colhidos no momento em que eles estavam finalizando essa fase do ensino. Os questionários foram aplicados em cinco turmas do último ano do ensino médio, em 2009, sendo três turmas da Escola Planalto e duas turmas da Escola Serra. Foram aplicados um total de 120 questionários, e os dados coletados foram lançados no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS).

Na terceira fase da coleta de dados, foram realizadas 12 entrevistas, sendo oito delas com os jovens alunos egressos do ensino médio e ex-participantes do programa Poupança Jovem, uma entrevista com uma aluna adulta de 57 anos, que também participou do programa, duas entrevistas com educadoras contratadas pelo programa Poupança Jovem e uma entrevista com a gestora local deste programa. Consideramos importante destacar que essas entrevistas foram realizadas depois da formatura da turma piloto do programa Poupança Jovem, ou seja, no momento em que os jovens já estavam desligados do ensino médio. As entrevistas foram realizadas em local escolhido pelos entrevistados e utilizamos um gravador de voz digital para registrar as conversas. Dos oito jovens entrevistados, quatro eram homens e quatro eram mulheres, com idade entre 17 e 20 anos, egressos das duas escolas selecionadas para esta pesquisa.

Por se tratar de um estudo de caso, consideramos que a fase de realização das entrevistas, configurou-se como o momento mais rico da pesquisa de campo, pois tivemos a chance de ampliar e, ao mesmo tempo, aprofundar as reflexões sobre a experiência vivenciada pelos jovens no programa Poupança Jovem. Durante a entrevista pudemos entrar em contato com a experiência narrada pelos jovens Felipe⁶, Michael, Ingrid, Gustavo, Jenifer, Guilherme, Júlia e Rebeca, buscando nos aproximar destes sujeitos, que dividiram suas reflexões sobre a vivência deles no decorrer dos três anos do ensino médio.

Para Bourdieu (1997, p.104) “a entrevista pode ser considerada como uma forma de *exercício espiritual*, visando a obter, pelo *esquecimento de si*, uma

⁶ Os verdadeiros nomes dos jovens foram mantidos em sigilo. No momento da realização das entrevistas foi explicado aos jovens sobre o sigilo dos nomes e pedido para que os mesmos escolhessem um nome para representá-los na pesquisa.

verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida”. Corroborando com a visão sobre a sensibilidade necessária para a realização da entrevista, Teixeira e Pádua (2006) destacam uma forma específica de entrevista, a entrevista narrativa que, de acordo com as autoras, é uma metodologia qualitativa de investigação que “propõe-se a escutar os sujeitos que, generosamente, emprestam e confiam suas vidas aos/as entrevistadores/as, que delas recolhem não somente os fatos, mas os sentidos, os sentimentos, os significados e interpretações que tais sujeitos lhes conferem”.

Baseados na importância dessa sensibilidade apontada pelos autores buscamos realizar uma investigação que pudesse alcançar os dados objetivos da realidade social pesquisada, mas que também avançasse para uma compreensão dos sentidos e motivações dos jovens em relação à experiência vivenciada.

Nossa intenção foi compreender a experiência de participação no programa Poupança Jovem em várias etapas das trajetórias escolares destes jovens, buscando, mesmo de maneira simplificada, estabelecer uma reflexão longitudinal do processo. Reconhecemos as limitações do uso de um banco de dados secundário que restringe a ação dos pesquisadores, além da coleta de dados diferenciada nas três etapas do desenvolvimento da pesquisa, considerando que o ideal para pesquisas de cunho longitudinal seria a reaplicação das técnicas e instrumentos para obtenção de uma comparação legítima. Ainda assim, acreditamos que a reunião dos dados coletados ao longo do processo de participação dos jovens no programa, concomitante à realização do ensino médio, trouxeram reflexões importantes para a investigação proposta.

1.3 – Estrutura da dissertação

No capítulo 2 desta dissertação desenvolveremos uma reflexão sobre os termos juventude, ensino médio e políticas públicas. Nossa intenção é estabelecer uma relação entre esses três eixos, de forma a contribuir para uma reflexão sobre as experiências vivenciada pelos jovens sujeitos investigados nesta pesquisa. Nesse

capítulo também apresentaremos o programa Poupança Jovem, seus objetivos, formato e legislação vinculada ao programa.

No capítulo 3 apresentaremos o contexto da pesquisa, procurando evidenciar as particularidades do programa Poupança Jovem no município de Ribeirão das Neves. Apresentaremos também os dados quantitativos sobre o perfil dos jovens atendidos nas duas escolas, no ano de 2007, quando eles iniciavam o ensino médio e no ano de 2009, no final desta fase do ensino. Estas informações são oriundas da coleta de dados por meio de questionários que abarcaram questões sobre o perfil sócio-econômico dos jovens, dados sobre a família, trajetória escolar, violência na escola, trabalho e profissionalização, lazer e acesso a serviços e por fim, aspectos sobre o programa. Nosso intuito é que a apresentação destes dados contribuam para refletir sobre o programa no período delimitado por esta pesquisa 2007/2009, aproximando do contexto onde foi implantado e dos sujeitos envolvidos.

No capítulo 4 buscaremos identificar como os jovens avaliam a experiência de participação no programa Poupança Jovem, bem como percebem as possíveis repercussões desta ação em suas experiências escolares. Para tanto, recorreremos ao relato dos jovens sobre as diversas etapas de desenvolvimento do programa, desde a inscrição, até as formações e cursos oferecidos, tentando aprofundar a compreensão das repercussões do programa em suas vidas.

Por fim, nas considerações finais, destacaremos os principais apontamentos e os desafios encontrados no desenvolvimento da desta pesquisa; e também os achados desta investigação.

2 – JUVENTUDE, ENSINO MÉDIO, POLÍTICAS PÚBLICAS E O PROGRAMA POUPANÇA JOVEM

Nesse capítulo procuramos desenvolver uma reflexão sobre o conceito de juventude e suas relações com o ensino médio e as políticas voltadas para esse grupo. Nossa intenção é nos aproximarmos da realidade do ensino médio no contexto nacional e compreender as especificidades desse grupo, bem como as atuais intervenções governamentais que buscam, de alguma forma, atender às muitas demandas e necessidades do público juvenil.

2.1 – Considerações sobre o conceito de juventude

O campo de estudos sobre juventude no Brasil vem crescendo como demonstra a pesquisa realizada sob a coordenação de Marília Sposito, denominada “O estado da arte sobre a juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)”. Nessa pesquisa, a autora admite já existir um conjunto de estudos produzidos nos últimos vinte anos no Brasil sobre os jovens e “se for considerado o conjunto do que já foi produzido nos últimos dez anos, é possível afirmar que a pesquisa sobre juventude no Brasil não pode ser mais tratada como um dado apenas emergente” (SPOSITO, 2009, p.15). Esse crescimento indica uma maior visibilidade da categoria de juventude.

Para fins desta pesquisa, buscaremos localizar as análises no campo de estudos da juventude sob a ótica da sociologia, mais precisamente, da sociologia da juventude, que de maneira geral, percebe tal categoria como uma construção social, que varia de sociedade para sociedade e em diferentes contextos históricos. Nesse sentido, parece-nos insuficiente a compreensão de juventude apenas por intermédio de um recorte etário. Adiante, reiteraremos essa conceituação a partir do olhar de alguns autores situados no campo de estudos da sociologia da juventude que,

embora admitam a dificuldade de conceituar o que venha a ser juventude, apresentam certo consenso sobre a percepção deste termo.

A abordagem da juventude apenas na perspectiva etária pode nos levar a considerá-la apenas como um momento transitório, que se justifica tendo em vista um ideal de vida adulta. Dessa maneira, a noção de juventude como “transição” acaba por conferir ao jovem o *status* de um ser inacabado, levando a uma postura de tutela e, muitas vezes, de desconsiderar que os jovens são portadores de direitos. (SPOSITO, 2002; DAYRELL, 2007).

Outra dimensão importante na reflexão do conceito de juventude é a consideração de que se trata também de uma representação social, que varia de acordo com cada contexto social e histórico. Assim, podemos perceber diferentes representações sobre o ser jovem, que ganham predominância em sucessivos momentos históricos ou mesmo convivem em um mesmo contexto social. A juventude idealizada como faixa etária, propensa à participação e à renovação social, a juventude como um problema social, protagonista da violência, em risco social, fonte de desvios, são exemplos de diferentes formas de representar esse momento da vida (ABRAMO, 2005). Atualmente, em função de uma série de transformações sociais e culturais, podemos dizer que a juventude cada vez mais se apresenta como um modelo cultural nas sociedades ocidentais (PERALVA, 1997).

Seguindo os passos de alguns autores (PAIS, 2001; SPOSITO, 2002), para além de uma delimitação etária, consideramos juventude como uma “categoria em permanente construção social e histórica, incorporando a complexidade da vida – em suas dimensões biológicas, sociais, psíquicas, culturais, políticas, econômicas etc. – que organiza as múltiplas maneiras de viver a condição juvenil” (IBASE, 2005:7).

Tendo destacado a variedade de olhares sobre o conceito de juventude, podemos dizer que

Definir o que é ser jovem é uma exigência temerária, mas necessária. O temor é de que nos percamos ao buscarmos uma definição para expressar algo que tende a ganhar sentido nas interações sociais nas quais as diferentes idades se reconhecem e se distinguem. Sendo assim, partimos do princípio de que há recortes etários que se configuram através de agrupamentos de idades próximas cujas dinâmicas identitárias provocam um autorreconhecimento entre os indivíduos. Esses marcadores identitários próprios circunscrevem o que é ser a criança, o jovem e o

adulto em um determinado tempo e espaço, ao conferir a seus integrantes um sentimento de unidade entre os que pertencem a um mesmo grupo em detrimento a outro grupo considerado não-jovem ou não-adulto (DAYRELL, NOGUEIRA E MIRANDA; 2011, p.15).

Dessa maneira, ao se tratar do jovem devemos primeiramente pensar em condição juvenil, ou seja, no conjunto de condições objetivas e subjetivas que marcam de maneira singular a forma como cada jovem viverá esse período da vida. Souza e Corti (2004) destacam que a classe social do indivíduo, sua condição étnica e de gênero, sua presença ou não no mercado de trabalho e na escola, seu local de moradia (urbano ou rural), sua situação familiar e sua orientação religiosa são fatores, entre outros, que diferenciam internamente esse grupo que chamamos de juventude. Tais elementos possibilitam diversas maneiras de viver a condição juvenil. É através do reconhecimento dessa multiplicidade de experiências que dizemos não de juventude, mas de juventudes, no plural.

Ainda de acordo com Souza e Corti (2004), juventude consiste numa categoria histórica e socialmente definida. Assim, a própria noção de juventude é dinâmica e mutante. Nesse sentido, as autoras fazem algumas considerações importantes para a reflexão sobre essa categoria. A primeira consideração está relacionada à problematização da ideia de que a juventude é uma transição, uma vez que a juventude possui um sentido e uma importância em si mesma, não sendo um período apenas posterior à infância e de preparação para vida adulta. Viver a juventude não se limita à expectativa de um tempo futuro, significa a possibilidade de descoberta de si e do mundo, numa busca por novos sentidos e num exercício efetivo no presente. Além disso, as autoras consideram necessário compreender a juventude como um período importante durante o percurso da vida, para a constituição das identidades e para a experimentação das escolhas e caminhos a serem trilhados. Dessa maneira, algumas atitudes e escolhas dos jovens devem ser vistas como parte de um processo de apropriação do universo social, que pode ser revisto, alterado ou consolidado. Finalmente, as autoras enfatizam as peculiaridades das experiências psíquicas vivenciadas pelos jovens. Durante essa fase da vida, os jovens reelaboram suas referências infantis e constroem uma perspectiva própria e singular a respeito de sua existência.

Tendo em vista as análises citadas, devemos reconhecer que várias dimensões interferem nas experiências do jovem e na sua trajetória de vida. Esses

fatores são a dimensão da sociabilidade, a identidade grupal, o processo de inserção no mundo do trabalho, a escolarização, as relações afetivas e sexuais, o consumo e as relações familiares.

2.2 – Considerações sobre o ensino médio

Dentre as várias dimensões da vida juvenil, a escola configura-se como espaço importante, uma vez que essa instituição se faz presente na biografia da maioria dos jovens.

No Brasil, a recente expansão da educação básica indica um significativo crescimento do acesso à escola por parte da população juvenil. Entretanto, ao analisarmos os dados referentes à escolarização dos jovens, percebemos que um grande número ainda não tem acesso à educação como é garantido em lei.

Para compreender a situação desses jovens em relação ao processo de escolarização, usaremos os estudos de Sposito e Galvão (2004) na contextualização da expansão da educação básica no Brasil. As autoras relacionaram o processo de massificação da educação no país com o processo de redemocratização vivido nos últimos 25 anos, a acelerada urbanização e a exigência de maior escolaridade para o mercado de trabalho, bem como, na transformação da educação escolar em direito para as crianças e jovens. Paralelo a esse movimento, houve o estabelecimento de políticas educacionais favoráveis ao fim da retenção, correção de fluxo e adoção da progressão continuada, ou seja, processos nos quais os estudantes teriam uma maior flexibilidade no seguimento dos estudos. Esse quadro culminou na ampliação das vagas nas escolas de educação básica, especialmente nas escolas de nível fundamental. A partir da universalização dessa fase do ensino, percebemos uma maior pressão sobre o sistema educacional para que o ensino médio se torne direito de todos.

Ainda, segundo Sposito e Galvão (2004), nos últimos 20 anos, a expansão do número de matrículas na educação básica foi vertiginoso, apontando para um aumento significativo das oportunidades escolares na década de 1990. “O

embate principal deu-se no processo de elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que, fundamentada na Constituição de 1988, deveria substituir a LDB de 1961” (ZIBAS, 2005, p.1070).

Nesse contexto de expansão do acesso ao ensino médio para jovens das classes populares, o público que chega aos anos finais da educação básica já não é mais homogêneo, se comparado ao público da década de 1970, composto por jovens originários das elites. Os jovens da contemporaneidade apresentam uma diversidade de habilidades, conhecimentos, repertórios culturais e projetos de vida, o que leva a escola ganhar novos sentidos. O ensino médio que há décadas atrás era considerado como uma antessala dos estudos universitários e, como tal, estava reservada aos filhos das classes dominantes, hoje torna-se o ensino “final” para a maioria da população.

No Brasil, apesar da expectativa da massificação do ensino médio, podemos perceber que uma boa parcela da população jovem não completa o ensino fundamental e outros não têm acesso ao Ensino Médio, e entre aqueles que acessam, a permanência nesta fase do ensino não é garantida.

Quando refletimos sobre a juventude, especialmente em relação ao processo de escolarização, alguns aspectos sociais devem ser levados em conta para compreendermos as especificidades vivenciadas por este grupo.

Os indicadores demonstram que no país prevalecem expressivas desigualdades educacionais entre ricos e pobres, brancos e não brancos, áreas urbanas e rurais e diferentes regiões. Além disso, predominam trajetórias escolares interrompidas pela desistência e pelo abandono que, algumas vezes, são seguidas por retomadas. As saídas e os retornos caracterizam um percurso educacional bastante irregular (IPEA, 2010, p.3).

Nos gráficos abaixo, podemos observar como tais desigualdades se expressam na vida escolar dos jovens.

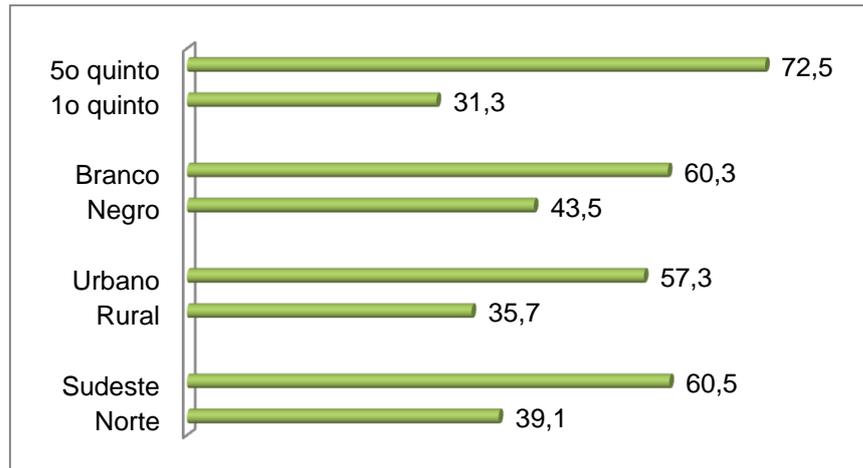


GRAFICO 1 – Taxa de frequência líquida – 15 a 17 anos de idade - 2009
Fonte: PNAD/IBGE

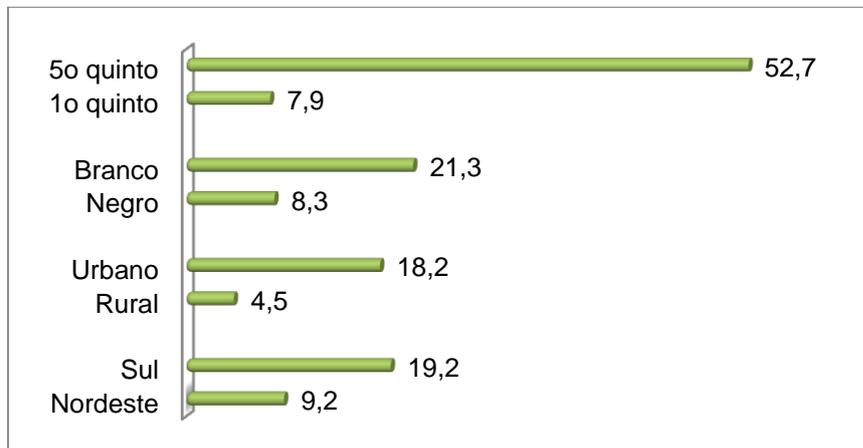


GRAFICO 2 – Taxa de frequência líquida – 18 a 24 anos de idade - 2009
Fonte: PNAD/IBGE

Os dados sistematizados pelo IPEA (2010) demonstram que as desigualdades no acesso ao ensino médio são pronunciadas, especialmente quando considerada a renda das famílias dos alunos: no primeiro quinto (relativo aos mais pobres), 31,3% dos jovens de 15 a 17 anos cursavam o ensino médio, proporção que para os mais ricos (último quinto) é de 72,5%, ou seja, a oportunidade de acesso ao ensino médio para os adolescentes mais ricos é mais de duas vezes maior que para os mais pobres. Os aspectos regionais também mostram diferenças, especialmente entre as regiões Sudeste e a Norte. Na primeira região, 60,5% dessa população frequentava o ensino médio e na segunda, apenas 39,1%. Essa diferença é, em parte, devida à maior concentração de população rural na região Nordeste. Da população de 15 a 17 anos da zona urbana metropolitana, 57,3% frequentam o

ensino médio, enquanto na zona rural essa taxa é de 35,7%, quase 21,6 pontos percentuais menor. Também há desigualdade no acesso ao ensino médio entre brancos e negros. Enquanto 60,3% dos brancos frequentam a escola na faixa etária analisada, entre a população negra essa taxa cai para 43,5% dos jovens. Assim, os negros, sejam do primeiro ou do último quinto, estão em desvantagem em relação aos brancos.

Retomando a avaliação em relação à totalidade dos jovens, podemos visualizar na tabela abaixo a situação educacional dos jovens brasileiros.

TABELA 1

Situação educacional dos jovens em 2008 (%)			
	15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos
Analfabetos	1.7	2.4	4.2
Freqüentam o ensino fundamental ¹	32.5	3.7	1.6
Freqüentam o ensino médio ²	50.8	12.7	2.7
Freqüentam o ensino superior ³	0.6	13.9	7.8
Freqüentam a alfabetização de jovens e adultos	0.1	0.2	0.2
Estão fora da escola	15.9	69.5	87.7
– Ensino fundamental incompleto	9.5	16.6	22.7
– Ensino fundamental completo	2.5	8.1	9.0
– Ensino médio incompleto	1.4	7.0	5.8
– Ensino médio completo	1.2	32.1	33.9
– Ensino superior incompleto	-	1.0	2.0
– Ensino superior completo ³	-	2.3	10.2
População jovem (valor absoluto)	10,286,624	23,242,095	16,239,405

¹ Ensino Regular ou EJA / ² Ensino Regular, EJA ou Pré-Vestibular / ³ Inclui mestrado ou doutorado
Fonte: Pnad/IBGE - Elaboração: Disoc/Ipea

Analisando os dados da tabela 1, notamos que a taxa de analfabetismo é menor entre os grupos de menor faixa etária, o que pode ser considerado um avanço para as novas gerações. Contudo, a situação de frequência na educação básica ainda é um desafio a ser enfrentado por essa parcela da população. Considerando a proporção idade/série, observamos que apenas 50,8% dos jovens com idades entre 15 e 17 anos frequentam o ensino médio e apenas 13,9% dos jovens na faixa etária de 18 e 24 anos frequentam o ensino superior. Impressiona também o número de jovens entre 15 e 17 anos que estão fora da escola, o índice é de 15,9%.

Buscando compreender os motivos do abandono da escola, a Fundação Getúlio Vargas (2009) realizou uma investigação com a população entre 15 e 17 anos, a partir do seguinte questionamento: o que leva um jovem a sair da escola? Segundo o levantamento realizado por essa pesquisa, as possíveis causas da evasão foram: ausência de oferta para 10,89 % dos pesquisados, falta de renda para 27,09%, falta de interesse para 40,29% e 21,73% dos pesquisados apresentaram outros motivos para o abandono.

Esse resultado nos leva a questionar como se dá a relação entre os jovens e a instituição escolar e o que causa essa falta de interesse por parte daqueles que abandonam seus estudos.. Denota preocupação o fato de quase metade dos jovens deixarem a escola porque essa instituição não lhes desperta interesse. Esses jovens abandonam a educação formal e, conseqüentemente, as credenciais proporcionadas por essa formação. Nesse sentido, podemos questionar de que maneira essa instituição se coloca na vida dos jovens estudantes? A escola contribui para a elaboração de projetos de futuro? Os jovens conseguem dialogar com essa instituição? Quais os sentidos e significados que os jovens atribuem à escola?

Os dados apresentados contribuem para pensarmos sobre o papel da escola como espaço de elaboração de estratégias para o futuro, uma vez que grande parte dos jovens não se interessam por essa instituição.

No âmbito das políticas públicas voltadas para a juventude, o combate a evasão tem sido o destaque de algumas ações que buscam garantir a permanência dos jovens na escola e incentivar o término dos estudos, seja de estudantes matriculados, seja de estudantes que são impulsionados a retomarem os estudos. Todavia, consideramos necessário questionar os impactos dessas ações na real permanência desses estudantes na escola.

A partir do exposto sobre o acesso e a permanência dos jovens na escola, consideramos necessário investigar os sentidos da escolarização para a juventude na atualidade e a atuação das políticas públicas na relação dessa parcela da população com a instituição escolar.

2.3 – Considerações sobre as políticas públicas de juventude

De acordo com dados do IPEA (2008), o Brasil tem hoje cerca de 49,7 milhões de jovens, 26,2% da população, com idades entre 15 e 29 anos⁷. Cerca de 14 milhões de jovens podem ser considerados pobres, pois vivem em famílias com renda familiar per capita de até meio salário mínimo. Nesse contexto, torna-se evidente a necessidade de intervenção governamental, especialmente junto a esses jovens que, em sua maioria, estão privados das condições mínimas de sobrevivência como acesso aos serviços de saúde, educação, lazer, ao trabalho, etc. É fato que a população brasileira como um todo é afetada por tais problemas sociais, contudo, os jovens vivenciam essas dificuldades de maneira mais acentuada. Corroborando com essa avaliação, Sposito (2003) afirma que, apesar dos crescentes índices de escolaridade da população juvenil, esse grupo tem participação maior em todas as situações de precariedade. Um exemplo é a situação do jovem no mercado formal, enquanto os trabalhadores sem carteira correspondem a 21,6% da população com mais de 24 anos, entre os mais jovens esse índice alcança 32,7%.

De Tommasi (2004), em referência aos dois volumes sobre políticas públicas de juventude, organizados e publicados pelo Centro de Investigación y Difusión Poblacional de Achupallas (CIDPA), fornece elementos para a compreensão do contexto de implementação de políticas públicas na América Latina. Para a autora,

em matéria de políticas públicas de juventude, o panorama é ainda bastante desalentador; apesar de existirem em quase todos os países instituições públicas dedicadas a formular e implementar políticas de juventude, as inúmeras mudanças de rumos, de planos propostos e de programas implementados, e até de nomenclatura das instituições responsáveis, sugerem que essas políticas ainda sofrem de significativa falta de legitimidade e de extrema

⁷ O IPEA vem procurando trabalhar com o mesmo recorte etário e categorização adotados na proposta do Estatuto da Juventude, em discussão na Câmara dos Deputados, também incorporados pela Secretaria e Conselho Nacional de Juventude. Cabe mencionar que, no âmbito das políticas públicas, a adoção do recorte etário de 15 a 29 anos é bastante recente. Antes, geralmente era tomada por “jovem” a população na faixa etária de 15 a 24 anos. Dessa maneira, a faixa etária de 15 a 29 anos é dividida em três grupos: de 15 a 17 anos (jovem adolescente), de 18 a 24 anos (jovem jovem) e de 25 a 29 anos (jovem adulto).

precariedade institucional, programática e financeira (DE TOMMASI, 2004, p.177).

No contexto nacional, Sposito e Carrano (2003) fizeram um panorama das políticas públicas no Brasil, de meados da década de 1990 até princípio do ano 2000. Os autores evidenciaram a necessidade de uma contribuição efetiva para a construção de uma nova maneira de se compreender os jovens. A compreensão da juventude deveria se expressar tanto sob a forma de políticas públicas democráticas que reconheçam o não cumprimento de direitos historicamente negados como educação, saúde e trabalho, quanto com a abertura de outras modalidades de ação que contemplem novos direitos da juventude.

Ainda que o estudo dos referidos autores datem de um período político anterior ao Governo Lula, ainda é possível fazermos relações com as conclusões destacadas por Sposito e Carrano (2003). Isso acontece porque ainda são escassas as políticas voltadas para a juventude, configurando-se num “varejão” de políticas focalizadas, que eclodem e desaparecem no cenário brasileiro sem estabelecerem uma intervenção efetiva no sentido de garantia dos direitos mínimos da juventude.

Atualmente, podemos dizer que houve avanços e limites no cenário das políticas públicas para juventude. Dentre os ganhos percebidos, podemos citar o fortalecimento dos conselhos de juventude, culminando no Conselho Nacional de Juventude. Houve conferências por todo o país, com destaque para questões importantes para juventude, fomentando o debate acerca das políticas públicas, além de iniciativas de integração das políticas no âmbito do Governo Federal e, por fim, a aprovação do Estatuto da Juventude, dando maior visibilidade às questões juvenis.

Contrariamente aos avanços destacados, ainda há limites no âmbito de tais políticas públicas. Ainda que haja um esforço no sentido de integração das políticas no marco nacional, ainda é grande o número de ações focalizadas, que dificultam uma intervenção mais eficaz junto a essa parcela da população. Percebemos também a desarticulação entre as várias políticas implementadas, desconsiderando os acúmulos com experiências anteriores. Finalmente, observamos a permanência de improvisação e precarização das ações, consequências do baixo investimento financeiro, o que leva à intervenções de curta duração, além do descaso com as instituições/organizações responsáveis pela efetivação das políticas propostas.

Nesse contexto de limites e possibilidades, a presente pesquisa busca analisar as repercussões de um programa social nas experiências escolares de jovens alunos, tendo como foco de interesse a visão dos próprios estudantes sobre a experiência concomitante de escolarização no ensino médio e participação no Programa Poupança Jovem.

2.2.1 – O Programa Poupança Jovem

O Programa Poupança Jovem é um dos projetos estruturadores⁸ do governo do estado de Minas Gerais que teve início no ano de 2007, com a realização de uma proposta piloto em Ribeirão das Neves, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. Atualmente, esse programa está presente em oito⁹ municípios: Sabará, Esmeraldas, Ribeirão das Neves, Ibirité, Juiz de Fora, Montes Claros, Governador Valadares e Teófilo Otoni.

Trata-se de um programa social voltado integralmente para estudantes do ensino médio, matriculados nas escolas públicas estaduais e residentes em municípios ou regiões que ainda apresentam elevadas taxas de evasão escolar, combinadas com altas taxas de violência e baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A meta do governo do estado de Minas Gerais é assegurar aos jovens mineiros atendidos pelo programa, durante o período de formação, um acompanhamento permanente do seu rendimento escolar, juntamente com programas culturais e cursos técnicos profissionalizantes e de inclusão digital que desenvolvam seu capital humano e social, em benefício próprio, das famílias e das comunidades. Assim, além das aulas de reforço e acompanhamento, a proposta é que os alunos tenham acesso a diversos programas extracurriculares, tais como:

⁸ Projetos estruturadores são aqueles que representam os melhores esforços do Governo, são monitorados intensivamente por equipes de especialistas em gestão de projetos (GUIMARÃES; CAMPOS, p.01).

⁹ Está em andamento a negociação junto ao município de Pouso Alegre para a realização do Programa Poupança Jovem. O município é o primeiro do Sul do Estado de Minas Gerais a ser beneficiado pela iniciativa. O programa vai atender 1.000 jovens do 1º ano do ensino médio.

- **Atividades dinamizadoras:** realizadas ao menos uma vez no primeiro e segundo ano do programa, compreendem atividades culturais como visitas a museus, teatros, feiras, cinemas e locais de interesse histórico, artístico ou natural, escolhidos pelos próprios alunos. O objetivo dessas atividades é despertar visão de mundo e explorar possibilidades de futuro dos alunos.
- **Cursos de informática e inglês:** o curso de informática é ministrado por uma instituição especializada, que fica responsável também pela elaboração dos materiais pedagógicos e disponibilização dos equipamentos necessários. São ofertados a todos os alunos os módulos básico e avançado, com carga horária definida em conjunto com a instituição contratada. Já o curso de inglês é opcional e ofertado para 1/3 dos participantes, com carga horária de 120h, distribuindo-se ao longo de oito meses, durante o segundo ano.
- **Curso de qualificação profissional:** o curso de qualificação profissional é o foco principal nas atividades do terceiro ano. É desenvolvido por meio de parcerias com instituições especializadas, especialmente aquelas credenciadas para compor a Rede Mineira de Formação Profissional Técnica de Nível Médio, do Programa de Educação Profissional (PEP) da Secretaria de Estado de Educação (SEE). A carga horária e os objetivos da qualificação profissional são definidos com a instituição responsável, de acordo com as ocupações oferecidas.
- **Giro jovem:** giro jovem é uma série de encontros para tratar de assuntos de interesse dos alunos participantes do programa Poupança Jovem. É promovida durante os três anos do ensino médio e trata de questões importantes para o desenvolvimento pessoal do jovem, estimulando-o a refletir sobre seu presente e futuro e avaliando as implicações dos seus planos e escolhas, por meio de dinâmicas, debates, leituras, produções verbais e não verbais, individuais e coletivas, entre outras atividades. No primeiro ano, os alunos encontram-se semanalmente para tratar de temas que tenham relação com o seu cotidiano, como sexualidade, saúde, cidadania, globalização etc. No segundo ano, as atividades são mensais e continuam a explorar os assuntos que despertam a atenção dos participantes

em temas complementares aos já vistos na escola. No último ano, são realizados três encontros com foco principal no mercado de trabalho e formação profissional. A participação nessa atividade é obrigatória.

Como contrapartida, exige-se dos jovens os compromissos de frequência regular às aulas, bom desempenho escolar; participação em atividades juntos às comunidades, respeito aos valores da cidadania e nenhum envolvimento com a criminalidade e outras ações antissociais.

A cada ano, cumpridos todos os seus compromissos, o jovem poderá receber a importância de mil reais, depositados em conta bancária individual. A quantia só poderá ser retirada ao final do ensino médio, contudo, o jovem pode receber 100 reais, como adiantamento, ao completar o primeiro e o segundo ano do ensino médio, sendo que os 2.800 reais restantes serão corrigidos monetariamente. O estudante é livre para utilizar esses recursos da forma que julgar mais produtiva para o seu futuro desenvolvimento humano e profissional.

De maneira geral, o programa apresenta o objetivo de conceder aos jovens uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e social, visando a sua permanência na escola, o seu sucesso escolar, a sua inserção no mercado de trabalho e a geração de renda. De maneira específica, objetiva-se aumentar a taxa de conclusão do ensino médio; propiciar aos estudantes conhecimentos e habilidades gerais e específicas para a inserção no mercado de trabalho, além de desenvolver competências, habilidades gerais e valores como o protagonismo, a responsabilidade social e o cooperativismo.¹⁰

Desde a sua instituição, no ano de 2007, o governo do estado de Minas Gerais, regulamentou o programa através dos seguintes documentos:

1 – DECRETO nº 44.476/2007 (06/03/2007): instituiu o programa Poupança Jovem no estado de Minas Gerais, apresentando os objetivos e condições gerais para sua realização.

¹⁰ As informações referentes à caracterização do programa são da Secretaria de Desenvolvimento Social de Minas Gerais, disponíveis no portal da internet dedicado ao Programa Poupança Jovem www.poupancajovem.mg.gov.br.

2 – DECRETO nº 44.548/2007 (22/06/2007): contém o regulamento do programa, contando com a explicitação dos itens: disposições iniciais; ingresso e participação; benefício financeiro; conduta ética; procedimentos; penalidades; e disposições finais e transitórias.

3 – DECRETO nº 44.696/2008 (02/01/2008): alterou a redação do decreto 44.476, relativa a atualização financeira com base nos índices da caderneta de poupança.

4 – DECRETO nº 44.697/2008 (02/01/2008): alterou a redação do decreto 44.548, relativa à maneira de transferência do benefício aos participantes concluintes do programa.

5 – DECRETO nº 44839/2008 (19/06/2008): alterou a redação do decreto 44.548, relativa ao limite de idade para adesão ao programa.

6 – DECRETO nº 44944/2008 (13/11/2008): alterou a redação do decreto 44.476 e o decreto 44.548, relativa aos seguintes aspectos: a) critérios priorizados nas escolhas dos municípios participantes; b) valores creditados aos alunos reprovados; c) observação dos critérios de prioridade na escolha dos municípios; d) documento necessário para assinatura do Termo de Compromisso; e) definição da frequência mínima nas atividades extracurriculares; f) reprovação no ensino médio durante a participação no programa; g) abertura da conta e depósito do benefício.

7 – DECRETO nº 44973/2008 (03/12/2008): alterou a redação do decreto 44.632, que estabeleceu as normas para credenciamento de instituições prestadoras de serviços educacionais de formação profissional técnica. A alteração na redação enfatiza que, nos municípios em que estiver implantado o projeto Poupança Jovem, os alunos de escolas públicas estaduais terão prioridade para matrícula em cursos oferecidos pelas instituições credenciadas.

8 – RESOLUÇÃO SEDESE n.º 50/2009 (29/05/2009): estabeleceu as normas complementares do Programa Poupança Jovem, instituído pelo Decreto n.º 44.476, de 06 de março de 2007 e instituiu Comissões Deliberativas Estadual e Municipais. A resolução apresenta os seguintes aspectos: a) papel do município na execução do

programa; b) divulgação do programa; c) comissões deliberativas do programa Poupança Jovem estadual e municipais; d) adesão ao programa e abertura das contas bancárias; e) frequência nas atividades do programa; f) regimento especial de cumprimento da carga horária; g) exclusão do aluno do programa; h) regras para alunos que participam de atividades oferecidas por parceiros; i) disposições finais.

9 – RESOLUÇÃO SEDESE n.º 460/2010 (30/12/2010): contém a adesão dos alunos da rede estadual de ensino médio ao programa Poupança Jovem no ano de 2010. Junto a resolução está anexada a lista de todos os alunos que aderiram ao programa em 30 de dezembro de 2010.

Essa série de documentos revelam os ajustes realizados no programa no decorrer da sua aplicação.

Como já citado, a versão piloto do Programa Poupança Jovem foi realizada na cidade de Ribeirão das Neves, município marcado pela pobreza, associada à baixa renda per capita de seus moradores e elevados índices de desemprego e baixa escolaridade da população. Em relação aos 34 municípios que compõem a RMBH, Ribeirão das Neves é o quarto mais populoso, representando 6,59% dos residentes na região (IBGE, 2007). Embora conte com alto contingente populacional, o município oferece poucas oportunidades de trabalho, com uma taxa de desemprego de aproximadamente 22%, de acordo com dados do Censo de 2000. Como consequência das poucas oportunidades de trabalho, Ribeirão das Neves é considerada “cidade dormitório”, convivendo com o fenômeno de deslocamento pendular de seus habitantes que possuem como principal destino a capital mineira. O município apresenta também baixa renda per capita, cerca de R\$ 160,00 (cento e sessenta reais), comparada às outras cidades da RMBH, apresenta a sexta menor renda (Censo, 2000)¹¹.

A educação segue os baixos índices, quando comparado às demais cidades da RMBH. A taxa de alfabetização é de 90,6%, ao passo que, na Região Metropolitana essa taxa é de 94% (Censo 2000). Comparando também o percentual de pessoas com menos de quatro anos de estudo por idade, é possível perceber a diferença do município com a média das cidades vizinhas. Entre as crianças de 10 a

¹¹ Alguns dados apresentados nesta dissertação, referente ao município de Ribeirão das Neves datam do ano de 2000, pois os dados referentes ao Censo 2010 ainda não foram lançados.

14 anos, 34,2% possuem menos de quatro anos de estudo, enquanto na RMBH esse número é de 33,8%. Entre os jovens de 15 a 17 anos, 7,2% estudaram menos de quatro anos, ao passo que na RMBH esse índice é de 6,2%. Já os jovens entre 18 e 24, 10,5% têm menos de quatro anos de estudo, enquanto na RMBH esse mesmo número cai para 7,2%. Por fim, em relação às pessoas com mais de 25 anos, 32,3% estudaram menos de quatro anos, já na RMBH esse índice é de 20,5%.

Os dados apresentados contribuem para a compreensão da escolha do município de Ribeirão das Neves para experiência piloto do Programa Poupança Jovem, uma vez que o município apresenta um baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), critério relevante para a implantação do programa.

Num contexto marcado por mazelas sociais, é mais evidente a necessidade de se problematizar a experiência escolar vivida pelos jovens do ensino médio, bem como compreender as trajetórias traçadas em meio aos obstáculos impostos a essa parcela da população. Nesse sentido, durante a execução da pesquisa, nos propomos a compreender as repercussões do Programa Poupança Jovem nas experiências escolares dos jovens moradores de Ribeirão das Neves, atentando para os objetivos propostos pelo governo do estado com tal política; mas, principalmente, atentando para a percepção dos jovens acerca da experiência de participação nesse programa e as possíveis marcas em seus percursos escolares.

3 – O CONTEXTO E OS SUJEITOS: O MUNICÍPIO, O PROGRAMA E OS JOVENS

Para melhor entendimento da pesquisa realizada, esboçaremos nesse capítulo um relato sobre o contexto onde estão inseridos os sujeitos da pesquisa, buscando destacar as especificidades do programa Poupança Jovens no município de Ribeirão das Neves. Apresentaremos os dados quantitativos sobre o perfil dos jovens atendidos pelo programa no início do ensino médio, no ano de 2007 e no final desta fase do ensino, no ano de 2009. Os dados que serão apresentados foram coletados por meio de questionários com perguntas sobre o perfil sócioeconômico dos jovens, sobre a família, trajetória escolar, violência na escola, trabalho e profissionalização, lazer e acesso a serviços e, por fim, aspectos sobre o programa. Nosso objetivo é refletir sobre o desenvolvimento do programa Poupança Jovem durante o período de 2007 à 2009, nos aproximando do contexto onde foi implantado e dos sujeitos envolvidos na implantação.

3.1 – Conhecendo o município de Ribeirão das Neves

O município de Ribeirão das Neves já integrou as cidades de Contagem (1911), posteriormente Betim (1938) e Pedro Leopoldo (1943). A cidade se desenvolveu a partir da instalação da Penitenciária Agrícola de Neves, que motivou o deslocamento de um grande número de agregados, formando-se assim um povoado composto, em sua maioria, de habitantes ligados, por vários motivos, a este estabelecimento penal. Essa localidade só foi elevada à categoria de município pela Lei n.º1039, de dezembro de 1953, ou seja, sua emancipação é bem recente.

Souza (2008), em seu estudo sobre a expansão urbana na RMBH e o caso específico de Ribeirão das Neves, demonstra que o processo de ocupação da região teve início na década de 1920 com as obras de construção da penitenciária. Contudo, pode-se dizer que, nos primeiros anos após sua inauguração, no ano de

1937, o estabelecimento penal não exerceu influência negativa sobre a valorização do espaço do município. “No entanto, nos anos 60, com a instalação da Casa de Detenção Antônio Dutra Ladeira, presídio de segurança máxima¹², os preços das terras nevenses começaram a se desvalorizar” (SOUZA, 2008:142).

Paralelo a esse processo de desvalorização das terras do município, a RMBH vivencia, no início da década de 70, um movimento de aumento de qualidade dos loteamentos, priorizando aqueles dotados de infraestrutura, obedecendo as exigências legais para os parcelamentos da terra. Nesse sentido, naqueles municípios onde a fiscalização era menor, como Ribeirão das Neves, o mercado imobiliário continuou produzindo loteamentos para a população renda mais baixa. De acordo com Souza (2008):

A qualidade dos loteamentos foi a principal estratégia do mercado imobiliário para controlar o uso e ocupação do solo na RMBH, pois através de sua influência direta sobre o preço do lote, o mercado imobiliário selecionava os habitantes das regiões mais nobres da capital, expulsando para as áreas periféricas do próprio município ou, ainda, para outros municípios da RMBH a população de nível sócio-econômico mais baixo (SOUZA, 2008, p.72).

No gráfico abaixo é possível visualizarmos as consequências dessa política imobiliária para o município de Ribeirão das Neves que, a partir da década de 1970, vivencia um aumento vertiginoso de sua população.

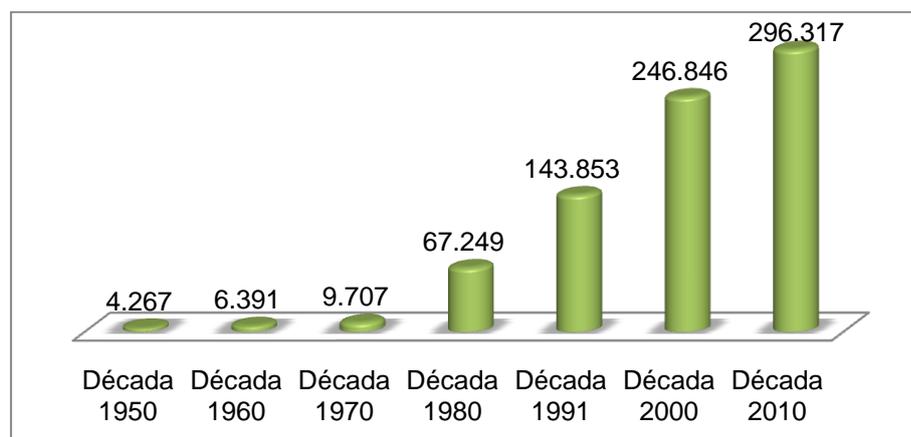


GRAFICO 3 – População de Ribeirão das Neves no período de 1950 a 2010
Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 1950 a 2010

¹² Atualmente a Casa de Detenção Antônio Dutra Ladeira se caracteriza como um presídio de segurança média. Não existe em Ribeirão das Neves nenhum presídio de segurança máxima para os padrões atuais.

Diante de crescimento tão abrupto, é impossível não nos questionarmos sobre as condições da ocupação desse município e as consequências deste crescimento populacional em um espaço de tempo tão curto. Considerando características como baixa qualidade de infraestrutura em seus loteamentos, pouca fiscalização dos parcelamentos de terra, terrenos destinados a pessoas de baixa renda e um crescimento populacional extraordinário, fica evidente que o município de Ribeirão das Neves enfrenta problemas desde a sua constituição.

Atualmente, o que percebemos é que dentre os vários aspectos que caracterizam Ribeirão das Neves, podemos dizer que o município é marcado pela pobreza, associada à baixa renda *per capita* de seus moradores, e elevados índices de desemprego e baixa escolaridade de sua população. Vejamos alguns dados que auxiliam na aproximação deste contexto.

Ribeirão das Neves conta com uma população de 296.317 habitantes, caracterizada pelo equilíbrio de gênero e com a quase totalidade de seus moradores vivendo na zona urbana.

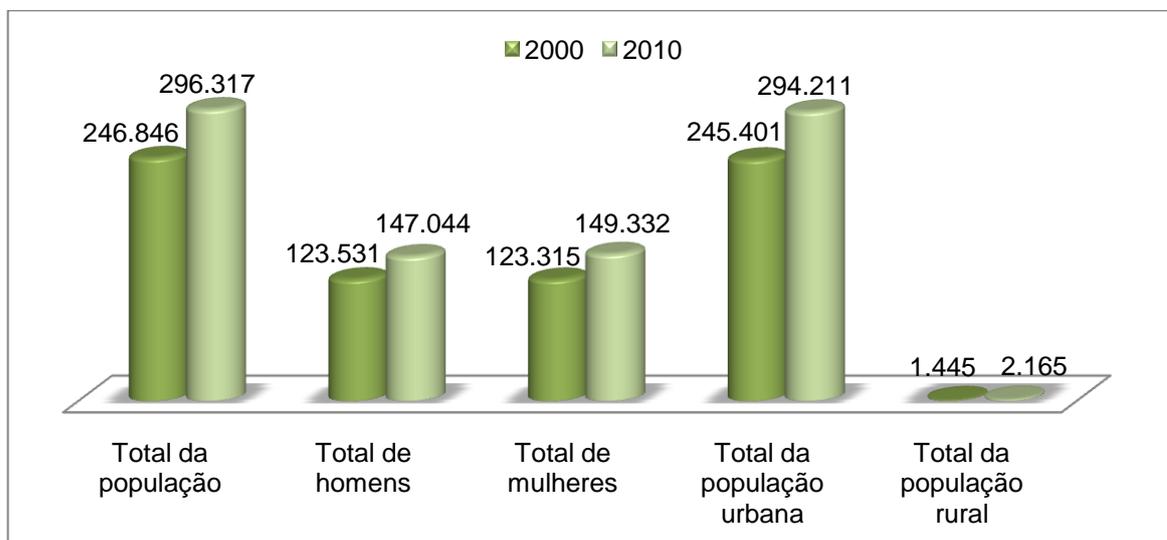


GRAFICO 4 – População de Ribeirão das Neves no período de 2000 e 2010
Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 2000 e 2010

A população desse município pode ser considerada jovem, uma vez que mais da metade (54,4%) da população encontra-se na faixa etária entre 0 e 29 anos. Daí a necessidade de atenção e investimentos nas áreas da educação, lazer, inserção profissional, entre outras necessidades intimamente ligadas às questões próprias da infância e da juventude no município.

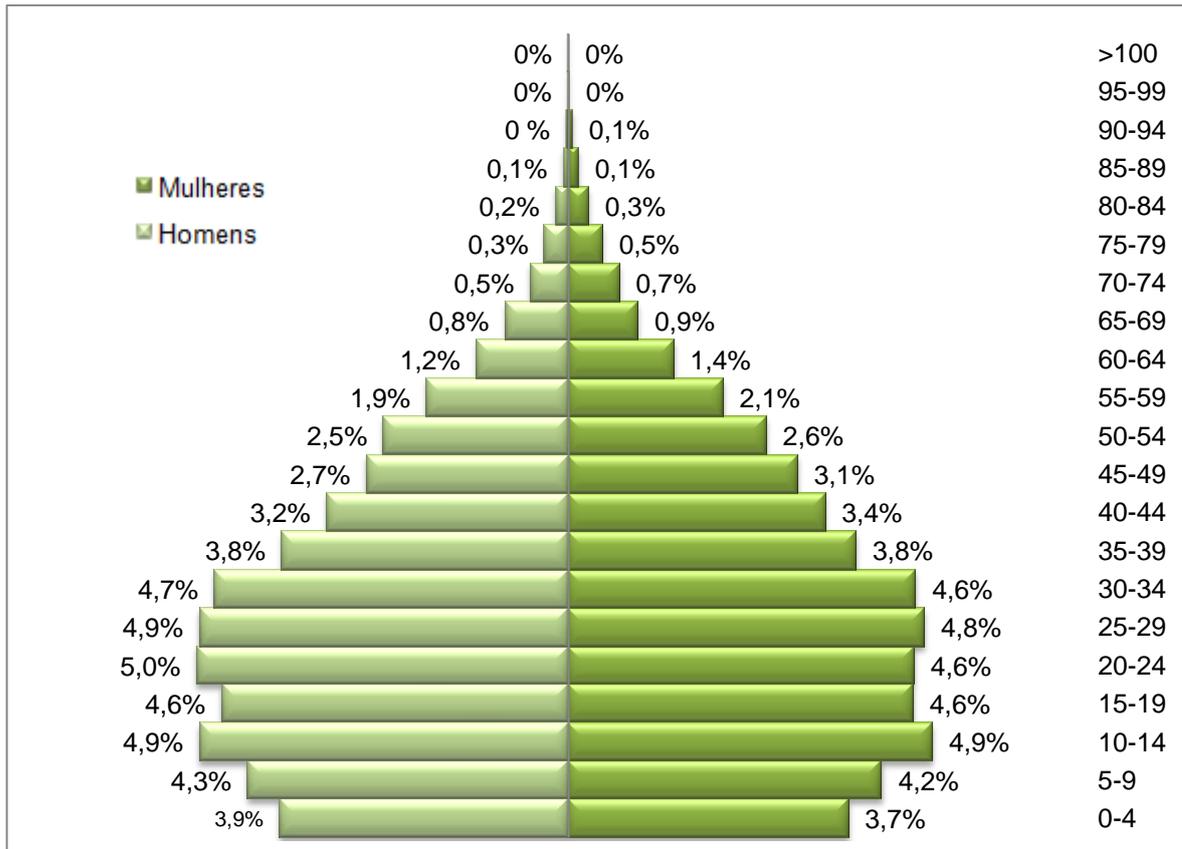


GRÁFICO 5 – Pirâmide etária de Ribeirão das Neves - 2010
 Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2010

Trata-se do sétimo município mais populoso do estado de Minas Gerais e, em relação aos 34 municípios que compõem a RMBH, está na quarta posição. No entanto, o município vem acumulando, durante anos, uma série de carências relacionadas aos serviços e equipamentos públicos para atendimento à sua população. A rede de assistência à saúde, por exemplo, encontra-se deveras limitada, insuficiente para atender às necessidades mais básicas de saúde da população. Alguns dados elencados na tabela a seguir chamam atenção como, por exemplo, o número de Centros de Saúde que somam 64 unidades de atendimento público. Se compararmos este dado com o número de bairros do município, que passam de 115, é possível perceber a deficiência de atendimento básico à população. Essa situação torna-se ainda mais crítica quando comparamos o número de habitantes, aproximadamente trezentos mil, com o número de equipamentos direcionados ao atendimento de urgência (apenas um) e atendimento especializado (sete clínicas e apenas um hospital geral).

TABELA 2

Número de estabelecimentos por tipo de prestador segundo tipo de estabelecimento Dez/2009			
Tipo de Estabelecimento	Público	Privado	Total
Central de Regulação de Serviços de Saúde	-	-	-
Centro de Atenção Hemoterápica e ou Hematológica	-	-	-
Centro de Atenção Psicossocial	3	-	3
Centro de Apoio a Saúde da Família	-	-	-
Centro de Parto Normal	-	-	-
Centro de Saúde/Unidade Básica de Saúde	64	1	65
Clinica Especializada/Ambulatório Especializado	7	4	11
Consultório Isolado	5	34	39
Cooperativa	-	-	-
Farmácia Medic Excepcional e Prog Farmácia Popular	3	-	3
Hospital Dia	-	1	1
Hospital Especializado	-	1	1
Hospital Geral	1	-	1
Laboratório Central de Saúde Pública - LACEN	-	-	-
Policlínica	-	-	-
Posto de Saúde	-	-	-
Pronto Socorro Especializado	-	-	-
Pronto Socorro Geral	1	-	1
Secretaria de Saúde	1	-	1
Unid Mista - atend 24h: atenção básica, intern/urg	-	-	-
Unidade de Atenção à Saúde Indígena	-	-	-
Unidade de Serviço de Apoio de Diagnose e Terapia	1	2	3
Unidade de Vigilância em Saúde	1	-	1
Unidade Móvel Fluvial	-	-	-
Unidade Móvel Pré Hospitalar - Urgência/Emergência	1	-	1
Unidade Móvel Terrestre	-	-	-

Fonte: DataSus - CNES. Situação da base de dados nacional em 10/04/2010.

Nesse contexto, a população infantojuvenil sofre de maneira ampliada as consequências do atendimento insuficiente do sistema de saúde do município. Do acompanhamento pediátrico básico na infância, que supõe visitas regulares ao médico e controle das vacinas, até as necessidades básicas da juventude como, por exemplo, acompanhamento da gravidez de adolescentes e controle de doenças sexualmente transmissíveis, entre outras ações necessárias a essa faixa etária.

A precarização do sistema de saúde leva os moradores de Ribeirão das Neves se deslocarem para a capital mineira, em busca de atendimento médico especializado ou, até mesmo, básico. Contudo, o deslocamento não garante o atendimento, uma vez que o sistema de saúde de Belo Horizonte também é

sobrecarregado com as demandas da sua população e de outros municípios da RMBH, que vivenciam dificuldades parecidas com as de Ribeirão das Neves. O depoimento de uma das jovens moradoras do município ilustra os problemas enfrentados na tentativa de atendimento. Ela explica que não pretende permanecer em Ribeirão das Neves e conta uma experiência referente ao atendimento de saúde:

“[...] não adianta eu morar aqui em Neves e depois vai que eu estou com um bebê no meu colo, passando mal e eu não consigo um médico para ele aqui? É. Eu penso mais é nisso. Eu gosto daqui pra caramba. Só que eu penso mais é nos meus filhos, que eu vou ter. Porque eu passando mal, com 18 anos, fui no médico lá em BH, esperando o médico chegar, para o médico chegar e falar que não posso te atender porque você mora em Ribeirão das Neves” (Ingrid, 18 anos).

As dificuldades enfrentadas pelo município na manutenção da estrutura básica urbana vão além da assistência à saúde. A pesquisa Origem Destino, realizada pela Fundação João Pinheiro, no município, revela que os principais motivos para os deslocamentos para Belo Horizonte e outras localidades da região metropolitana estão relacionados à necessidade de acesso ao trabalho, estudo, lazer, entre outras. No gráfico a seguir podemos perceber que o trabalho é, sem dúvida, o maior responsável pelo trânsito dos seus moradores.

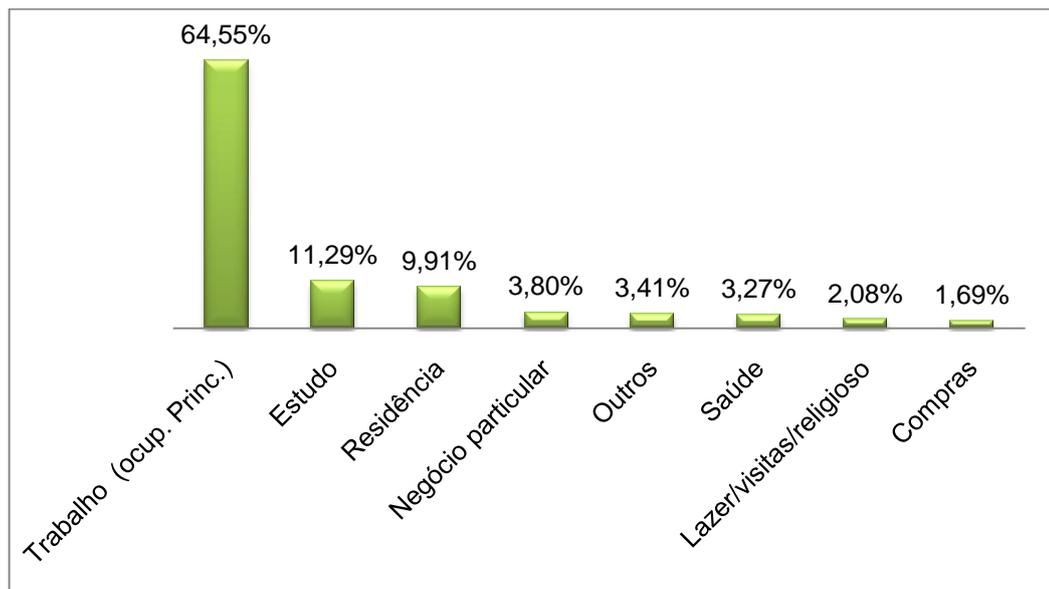


GRÁFICO 6 – Motivos dos deslocamentos diários dos moradores de Ribeirão das Neves para os municípios da RMBH – 2001

Fonte: FJP – Pesquisa Origem Destino. In: JOÃO PINHEIRO CONSULTORIA JR. 2007, p. 23.

Por oferecer poucas oportunidades de trabalho, Ribeirão das Neves é considerada uma “cidade dormitório”, convivendo com o fenômeno de deslocamento pendular de seus habitantes, tendo como principal destino Belo Horizonte, com 86% dos deslocamentos, seguido por Contagem com 8% e Betim com 2%, outros municípios somam 4% dos deslocamentos.

Andrade e Mendonça (2010) corroboram com a análise de que a cidade, como um todo, apresenta um alto grau de dependência em relação a Belo Horizonte, principalmente no que diz respeito ao trabalho, uma vez que quase metade da sua população que trabalha, desenvolve suas atividades em Belo Horizonte (FJP, 2004).

Na realidade, menos da metade da população trabalhadora exerce sua ocupação no próprio município. Com relação à realidade do mercado de trabalho no município, o Gráfico 7 retrata a distribuição dos empregos formais por áreas de atividade e por sexo conforme dados da RAIS/Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

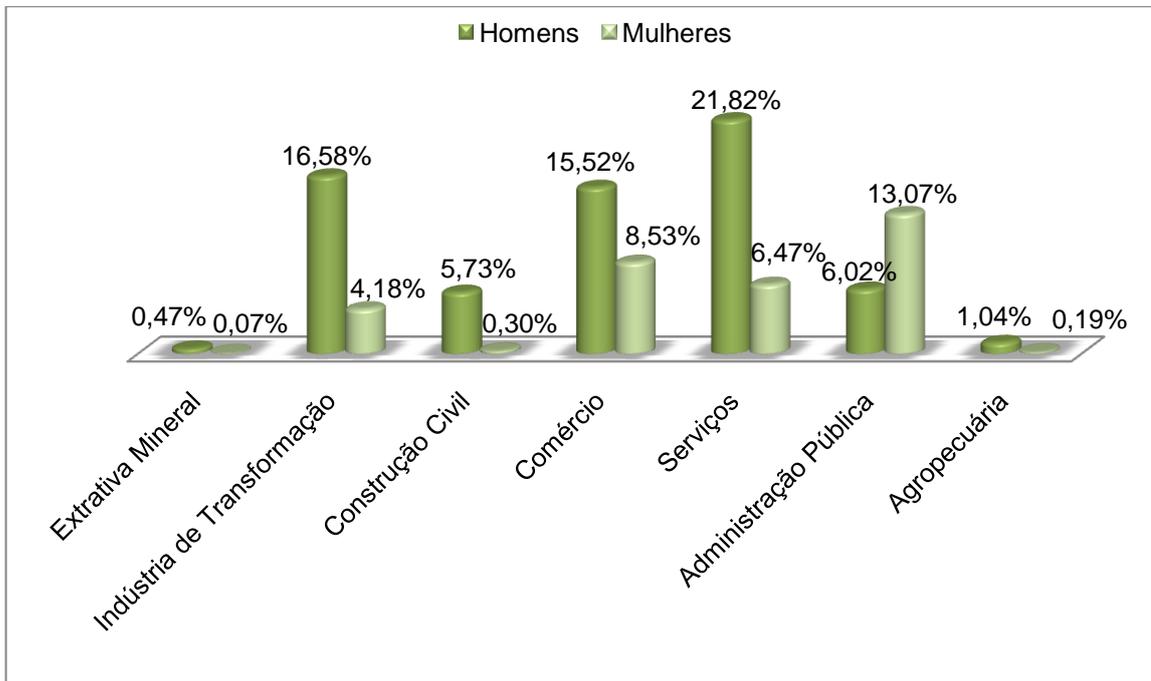


GRÁFICO 7 – Distribuição dos empregos formais por setor de atividade e sexo – 2005
 Fonte: RAIS/2005 – Ministério do Trabalho e Emprego. In: JOÃO PINHEIRO CONSULTORIA JR. 2007, p. 25.

Os homens predominam em quase todos os setores, apenas na Administração Pública o número de mulheres empregadas é bem superior ao número de homens. Entretanto, se analisado como um todo, o número de

empregados do setor formal do sexo masculino supera o feminino. De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), as mulheres representam apenas 32,8% da mão de obra do setor formal em Ribeirão das Neves.

Grande parte dos empregos formais de Ribeirão das Neves é gerada pelos sub-setores de serviços e comércio, representando juntos 52,34%. As indústrias de transformação são responsáveis por 20% dos empregos formais e a Administração Pública gera aproximadamente 19% dos empregos. O gráfico mostra que a agropecuária corresponde a apenas 1,2% dos empregos formais, o que se explica por tratar-se de um município predominantemente urbano.

Deve-se destacar que esses dados são provenientes da RAIS e, portanto expressam apenas os empregos formais que são gerados em Ribeirão das Neves, e assim mostram o perfil do mercado de trabalho em Ribeirão das Neves e não o perfil dos trabalhadores da cidade. Já em relação ao desemprego, podemos ver na tabela 3 como o município de Ribeirão das Neves se destaca entre aqueles que apresentam as maiores taxas de desemprego na RMBH.

TABELA 3

Taxa de desemprego - Ranking dos municípios da RMBH - 2000 ¹³			
Ibirité	10,50%	Média RMBH	8,30%
Betim	10,40%	Mateus Leme	8,30%
São Joaquim de Bicas	10,10%	Confins	8,10%
Ribeirão das Neves	10,10%	Lagoa Santa	8,10%
Santa Luzia	10,00%	São José da Lapa	8,00%
Vespasiano	9,80%	Nova União	7,70%
Juatuba	9,60%	Belo Horizonte	7,60%
Raposos	9,30%	Mário Campos	6,60%
Sarzedo	9,00%	Capim Branco	6,10%
Esmeraldas	8,90%	Baldim	5,70%
Caeté	8,90%	Rio Acima	5,70%
Pedro Leopoldo	8,90%	Florestal	5,60%
Matozinhos	8,80%	Brumadinho	5,40%
Igarapé	8,80%	Jaboticatubas	4,20%
Contagem	8,60%	Itaguara	3,80%
Saberá	8,60%	Taquaraçu de Minas	2,90%
Nova Lima	8,40%	Rio Manso	1,50%

Fonte: IBGE – Censo 2000. In: JOÃO PINHEIRO CONSULTORIA JR. 2007, p. 25.

¹³ Os dados elencados nesta tabela datam do ano de 2000, pois os dados referentes ao Censo 2010 ainda não foram lançados.

A análise do movimento pendular revelou que grande parte da força de trabalho de Ribeirão das Neves se desloca para cidades vizinhas, principalmente para Belo Horizonte. Essa situação evidencia a dependência da cidade em relação às outras cidades que oferecem um mercado de trabalho com mais oportunidades.

Esse deslocamento acarreta um alto custo para os seus moradores, uma vez que o valor cobrado nos transportes públicos para o deslocamento entre Ribeirão das Neves e Belo Horizonte é muito elevado. A título de comparação, podemos considerar que o valor cobrado nos ônibus que deslocam entre os bairros de Belo Horizonte, atualmente, é de R\$ 2,45 (dois reais e quarenta e cinco centavos), e o valor cobrado no deslocamento de alguns bairros de Ribeirão das Neves para a capital mineira, conforme a tabela 4:

TABELA 4

Valor da Passagem - Ribeirão das Neves	
Trecho	Valor
Justinópolis - Belo Horizonte	R\$ 3,05
Vereda - Belo Horizonte	R\$ 3,20
Monte Verde - Belo Horizonte	R\$ 3,40
Rosaneves - Belo Horizonte	R\$ 3,75

Fonte: DER – MG 2011

Além das tarifas elevadas, o sistema público de transporte metropolitano é caracterizado pela baixa qualidade no atendimento, considerando que as linhas responsáveis pelos trajetos entre os municípios possuem quadro de horários limitado, demandando dos usuários um longo tempo de espera. Além da espera pelo transporte, os passageiros ainda despendem tempo no trajeto, muitas vezes, realizando o deslocamento em pé, com desconforto.

Perante essa realidade, nem todos os moradores de Ribeirão das Neves conseguem se deslocar para ter acesso a bens e serviços que ainda não são oferecidos no município. No caso específico dos jovens, essa dificuldade de acesso é agravada pelo fato de muitos deles não possuírem nenhuma fonte de renda. Esse contexto incita outras discussões, que não serão abordadas neste trabalho, mas que impactam na condição juvenil dessa parcela da população, como a reivindicação pelo meio passe estudantil (correspondente à metade da tarifa cobrada nos ônibus),

a vivência no plano do lazer e da cultura, a *guetização* destes jovens, a privação do acesso aos espaços públicos, etc.

No que diz respeito à educação, o município conta com uma rede de ensino predominantemente pública. No caso do ensino médio, por exemplo, no ano de 2010, do total de 13.607 alunos matriculados, 13.555 pertenciam à rede de ensino estadual e apenas 52 alunos estavam matriculados em escolas privadas. Assim, 99,6% dos alunos vivenciam a experiência do ensino médio em escolas públicas estaduais.

Esses dados revelam a importância do atendimento público estadual no município e, ao mesmo tempo, nos leva a questionar sobre a qualidade do ensino oferecido por tais instituições e os possíveis impactos na vida dos jovens, uma vez que a escola é considerada uma dimensão central para aqueles que têm acesso a ela.

Depois de um período de crescimento do acesso ao ensino médio, com a expansão dessa fase do ensino nos anos 90, o número de matrículas vem se mantendo estável no Brasil¹⁴. Em Ribeirão das Neves, podemos observar que a média geral de matrículas no ensino médio nos anos de 2007, 2008, 2009 e 2010 foi de aproximadamente 13.000 alunos, coincidindo com os números nacionais.

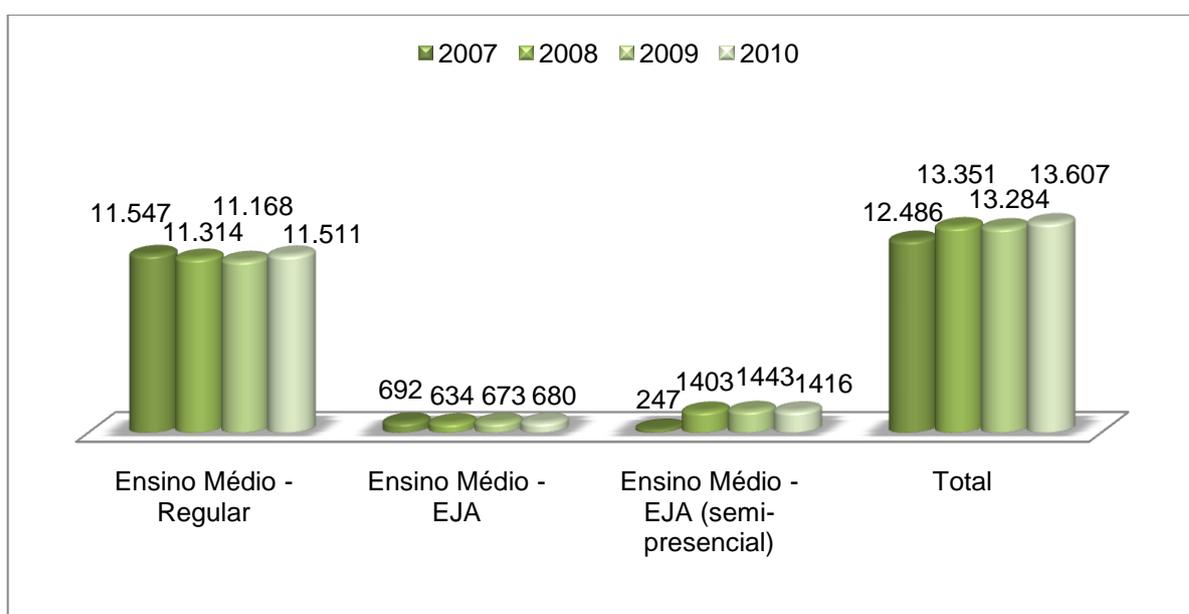


GRÁFICO 8 – Matrículas no Ensino Médio em Ribeirão das Neves 2007 a 2010
Fonte: INEP – Censo Escolar 2007, 2008, 2009 e 2010

¹⁴ De acordo com dados do Censo Escolar realizado pelo Inep, no ano de 2007 o número de matriculados no Ensino Médio no Brasil foi de 8.369.369; no ano de 2008 foi de 8.366.100; em 2009 ficou em 8.337.160 e por fim, no ano de 2010 foi 8.357.675.

Embora seja possível perceber certa estabilidade no número geral de matrículas, o município apresenta uma especificidade no número de matrículas segundo a modalidade de ensino. No Gráfico 8 observamos que houve um grande crescimento na procura pela modalidade “ensino médio – EJA (semi presencial)” entre o ano de 2007 (247 alunos matriculados) e o ano de 2008 (1.403 alunos matriculados), praticamente uma demanda seis vezes maior. Essa informação nos leva a questionar por que os jovens alunos do ensino médio realizam esse movimento de passagem da modalidade regular para a EJA, especialmente no formato semipresencial. Podemos elencar diversas razões. Talvez, a dificuldade para concluir esse nível de ensino esteja levando alguns alunos a, uma vez ultrapassada a idade de 18 anos, buscarem a EJA no ensino médio como uma alternativa de conclusão em um tempo mais curto. Outro motivo pode estar relacionado com as pressões do mercado de trabalho que levam os jovens a procurar essa modalidade de ensino. Durante a nossa investigação, não foi possível nos aproximar das respostas a essa questão, mas reconhecemos a necessidade de compreender melhor esse trânsito que os jovens realizam entre as modalidades de ensino, suas estratégias e motivações.

Em relação ao desempenho e permanência dos jovens no ensino médio, podemos perceber, por meio do gráfico 9, que ainda é alto o número de jovens que são reprovados e/ou abandonam a escola. Se considerarmos que já no primeiro ano do ensino médio, um terço dos alunos de Ribeirão das Neves (33,4%) não seguem para o segundo ano, percebemos que essa fase do ensino apresenta grandes desafios para os jovens do município. O gargalo permanece e, até o fim do último ano, a situação é agravada. Nos anos seguintes, a taxa de aprovação tende a aumentar. Assim, o primeiro ano parece funcionar como um filtro. Poderíamos elencar muitas hipóteses, tomando como base esses dados. Talvez, uma expectativa mais positiva quanto ao sucesso nos anos seguintes favoreçam o melhor rendimento durante esses anos. Porventura, os professores sejam mais flexíveis nos anos seguintes. De qualquer maneira, trata-se de um fenômeno que exige maiores investigações.

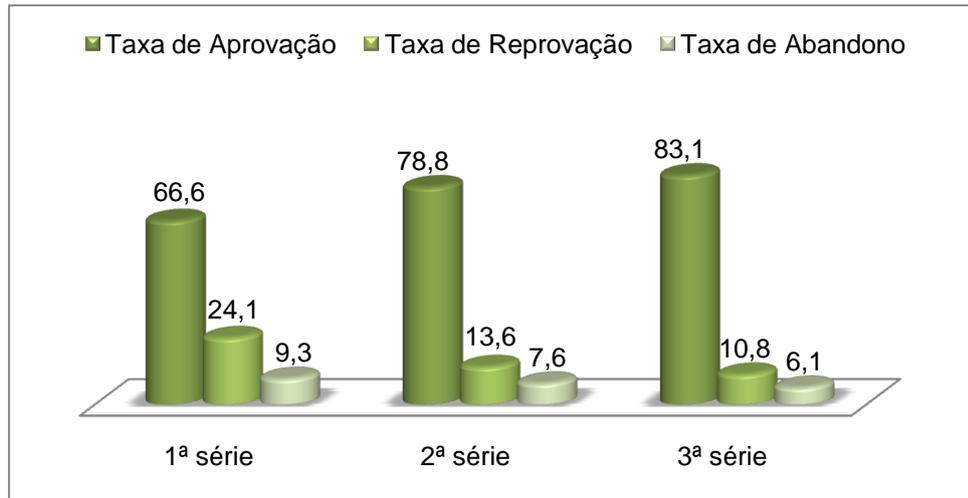


GRÁFICO 9 – Taxas de rendimento no Ensino Médio em Ribeirão das Neves em 2010
Fonte: Inep

Outro desafio na área da educação é a distorção idade-série, ou seja, a defasagem entre a idade e a série escolar que o aluno deveria estar cursando. Essa distorção configura-se em um problema nessa fase do ensino e é agravado pela repetência e o abandono da escola, como nos mostra os dados do gráfico 9. Em 2010, aproximadamente 40% dos alunos estavam em situação de defasagem. Esse índice tende a diminuir no segundo e terceiro anos. Como muitos desses alunos abandonam o ensino médio, os que obtêm êxito são estudantes que já percorriam uma trajetória regular.

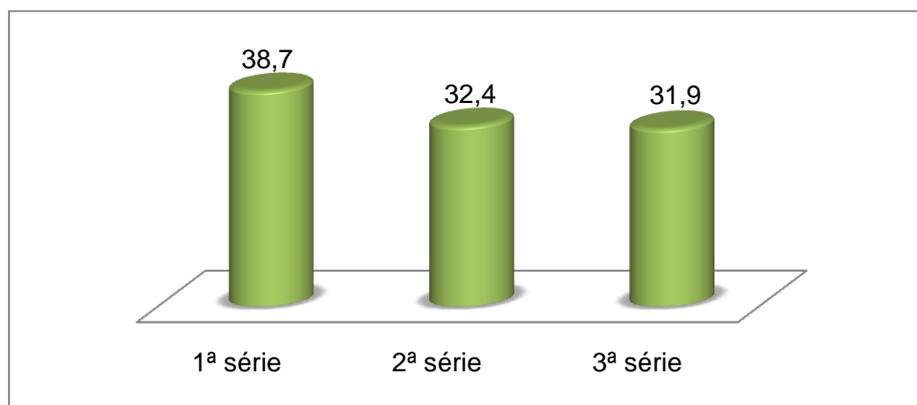


GRÁFICO 10 – Distorção idade/série no Ensino Médio em Ribeirão das Neves em 2010
Fonte: Inep

Os dados elencados acima permitem uma aproximação do contexto do município de Ribeirão das Neves e instiga a pensar sobre a condição que vivem

esses jovens. Ser morador de Ribeirão das Neves significa enfrentar diariamente diversos problemas de ordem estrutural e social, além de lidar com os preconceitos que surgem devido a visão estereotipada sobre os moradores dessa cidade devido à presença de uma instituição prisional. Como salientam Andrade e Mendonça (2010, p. 175) “antes de se constituir como ‘cidade dormitório’, Neves foi, e continua sendo, a ‘cidade presídio’ da RMBH. Essas duas funções, presídio e dormitório, têm um efeito bastante negativo sobre sua imagem”.

Nesse contexto, mais uma questão que surge é quais são os impactos da vivência numa localidade tão adversa sobre a formação da criança e do jovem. Ser um jovem de Neves significa trazer a marca dessas representações da cidade, carregadas de estereótipos ligados ao atraso, à violência e ao abandono. Como lembra Dayrell (2007), o **espaço** também é uma dimensão importante na experiência juvenil.

Tendo em vista as mazelas sofridas pela população de Ribeirão das Neves, o município foi selecionado para a experiência piloto do programa Poupança Jovem. As autoridades políticas do governo estadual esperavam que esse programa fosse capaz de promover um melhor desempenho escolar entre os jovens estudantes do ensino médio no município, contribuindo assim para o combate aos altos índices de violência e desemprego na região.

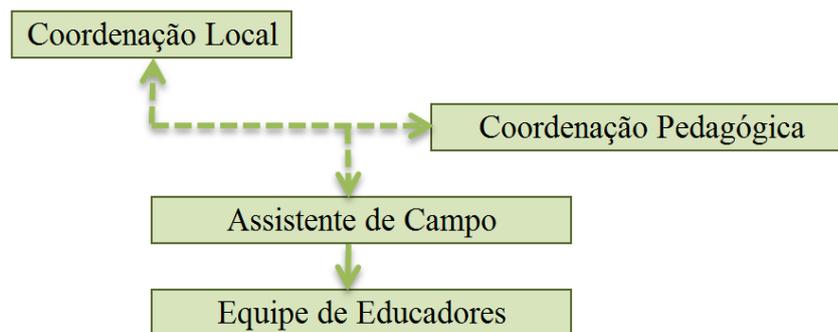
3.2 – O Programa Poupança Jovem em Ribeirão das Neves

Como já mencionado, a versão piloto do programa Poupança Jovem foi realizada no município de Ribeirão das Neves. O programa foi instituído em março de 2007 e contou com a adesão de 3.454 alunos matriculados no primeiro ano do ensino médio. Neste subitem trataremos algumas informações mais relacionadas a experiência do programa no município de Ribeirão das Neves e muitos dos elementos descritos aqui são originadas da entrevista realizada junto à coordenadora local do programa no município.

3.2.1 – Estrutura do programa

O programa Poupança Jovem apresenta três núcleos localizados no Centro de Ribeirão das Neves e nos bairros Justinópolis e Veneza. O núcleo situado no Centro é conhecido como Casa Jovem e abriga a coordenação geral do programa no município. Os núcleos de Justinópolis e Veneza são conhecidos como Centro Jovem e configuram-se como pontos de encontro para a equipe de educadores e também como espaço para a realização das atividades do Giro-Jovem.

O programa é organizado hierarquicamente da seguinte maneira:



Dessa maneira, a coordenação local é responsável pela organização geral do programa no município. Suas funções são, de maneira geral, cuidar da estrutura física, organizar a rotina de contratação do lanche para os jovens, fazer o acompanhamento das atividades realizadas pelo programa, fazer a gestão, contratação de pessoal e espaço, ou seja, a coordenação local é responsável por garantir a estrutura para o atendimento dos alunos.

A coordenação pedagógica está diretamente relacionada à realização das atividades formativas do programa, como o Giro Jovem, eventos educativos e assessorar o acompanhamento da participação dos alunos nos cursos.

O assistente de campo é responsável pela coordenação da equipe de educadores, atuando como um elo entre as coordenações local e pedagógica e os educadores.

Finalmente, a equipe de educadores está diretamente ligada aos alunos. Os membros dessa equipe são responsáveis pela elaboração e realização da formação nas atividades do Giro Jovem.

Vale dizer que todo o pessoal contratado para atuação no programa tem formação em nível superior, não sendo exigida área do conhecimento específica. A própria coordenadora é formada em matemática e nos relata que na equipe de educadores é possível encontrar profissionais como enfermeiros, advogados, mas que há um predomínio da formação em educação (licenciaturas). Segundo a coordenadora, essa diversidade de formação apresenta vantagens para o programa, pois os vários profissionais auxiliam na elaboração e realização de eventos com temas específicos, como por exemplo, atividades de conscientização sobre os perigos da Dengue, onde os educadores com formação na área da saúde oferecem um suporte maior ao evento, dentre outras possibilidades. Porém, nos questionamos sobre a especificidade do trabalho dos educadores junto aos jovens, principalmente no Giro Jovem. Embora a diversidade das formações acadêmicas dos profissionais possa enriquecer as experiências formativas no programa, pelo que se pode perceber, não se tratam de profissionais com uma longa atuação junto à juventude. Ressaltando assim a prática comum de contratação de profissionais sem experiência para a atuação em projetos voltados para a juventude. Sendo assim, qual formação esses profissionais, recebem do programa para atuarem como educadores? Quais espaços e tempos de reflexão e planejamento coletivo são reservados para esses educadores?

3.2.2 – Gestão do programa no município

No período delimitado por essa pesquisa, 2007 à 2009, a versão piloto do programa Poupança Jovem passou por várias modificações. Entre essas modificações, a mais importante foi a alteração da gestão do programa, que a princípio era planejada, executada e monitorada pelo Estado, a partir da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (SEDESE). A partir do ano de 2009, a gestão passou a ser realizada em nível local pelo município de Ribeirão das Neves, que

ficou responsável pela execução em seu território, como seu gestor, de acordo com as diretrizes da SEDESE. No período de 2007 à 2008, o programa foi gerido pela SEDESE, que estabeleceu parceria com o Instituto de Cooperação e Educação ao Desenvolvimento (INCED). Entre os anos de 2009 e 2010, o programa passou a ser gerido pelo município de Ribeirão das Neves, que estabeleceu parceria com a Associação Preparatória do Cidadão do Amanhã (APRECIA).

Geralmente as políticas de juventude vêm sendo desenvolvidas por meio de parcerias com Organizações não Governamentais (ONG's) desde seu princípio. Conforme Silva e Andrade (2009), no fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, surgem inúmeras iniciativas públicas, muitas envolvendo parcerias com ONG's, fundações empresariais e as várias instâncias do Poder Executivo que, mobilizadas tanto no nível federal como no estadual e municipal, se responsabilizam pela implementação e execução das ações.

No caso da experiência de Ribeirão das Neves, essa opção pelo compartilhamento da gestão do programa, através de parceria com as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público¹⁵ (OSCIP's) tiveram consequências na organização do trabalho. Isso se deve ao fato de que a OSCIP escolhida para executar o programa é contratada para atuar no período de dois anos. A escolha da organização parceira é feita por meio de processo de licitação o que leva à descontinuidade do trabalho no programa, que pode sofrer alterações bianualmente. Esse problema foi destacado pela coordenadora local do programa, ao descrever as ações da coordenação no primeiro ano de atuação (onde a continuidade de trabalho é garantida para o próximo ano) e das limitações do segundo ano de atuação (uma vez que não se sabe se o trabalho terá continuidade). Um exemplo de tal descontinuidade pode ser visto no processo de divulgação e adesão do programa para os alunos de 2009 e 2010. No ano de 2009, quando foi iniciado o trabalho da atual instituição executora, a coordenação local deu início ao processo de execução

¹⁵ Organização da Sociedade Civil de Interesse Público ou OSCIP é um título fornecido pelo Ministério da Justiça do Brasil, cuja finalidade é facilitar o aparecimento de parcerias e convênios com todos os níveis de governo e órgãos públicos (federal, estadual e municipal) e permite que doações realizadas por empresas possam ser descontadas no imposto de renda. OSCIPs são ONGs criadas por iniciativa privada, que obtêm um certificado emitido pelo poder público federal ao comprovar o cumprimento de certos requisitos, especialmente aqueles derivados de normas de transparência administrativas. Em contrapartida, podem celebrar com o poder público os chamados termos de parceria, que são uma alternativa aos convênios para ter maior agilidade e razoabilidade em prestar contas. Uma ONG (Organização Não-Governamental), essencialmente é uma OSCIP, no sentido representativo da sociedade, mas OSCIP trata de uma qualificação dada pelo Ministério da Justiça no Brasil.

das atividades próprias do programa e, dentre tais atividades, a divulgação e adesão ao programa. Para garantir o sucesso das adesões dos alunos no ano de 2010, a coordenação local planejou uma divulgação junto aos potenciais alunos do ensino médio, quando os mesmos ainda estavam finalizando o ensino fundamental. Dessa maneira, a equipe do Poupança Jovem realizou um amplo trabalho de divulgação nas últimas séries do ensino fundamental nas escolas estaduais a fim de incentivar a adesão dos alunos no primeiro mês letivo do ano de 2010. A coordenadora relatou que esse planejamento surtiu efeito positivo e otimizou o processo de adesão dos jovens alunos que iniciaram o ensino médio conhecendo o programa e interessados em participar.

No entanto, no final do ano de 2010, esse mesmo trabalho não pôde ser realizado, uma vez que não estava garantida a permanência da equipe para o próximo ano. De acordo com a coordenadora, seria complicado divulgar o programa, descrevendo para alunos as atividades, sem garantir que elas aconteceriam da maneira como seria divulgado. Embora a coordenadora soubesse que o programa teria continuidade, ela não poderia garantir o formato das ações.

A questão deste ano da adesão (de 2010 para 2011) nós não tivemos esta liberdade de ir pra escola porque tá vencendo o convênio agora, ele foi 2009/2010. Então a gente não sabe, não veio convênio para 2011. Vai continuar o programa, só que a gente não sabe como vai funcionar, a gente até então não sabia quantos funcionários, nada. Agora tá começando a chegar, mas agora não tem tempo mais pra fazer essa reunião. Então a gente vai ter que negociar com escola, pra assim que começar as aulas, pra fazer essa reunião da mesma forma, pra proceder a adesão. Até porque pode mudar alguma coisa no termo de adesão... A gente tinha que ter todas estas informações, pra passar informações corretas para os pais (Coordenadora Local).

Dessa maneira, parece que se repetem alguns vícios das políticas públicas de juventude no Brasil. E isso ocorre devido ao fato de parte significativa das ações serem recentes, portanto sem grandes acúmulos em termos de concepção e formas de gestão. Soma-se ainda o fato de que, em geral, tais políticas se caracterizam pela falta de continuidade de suas ações e pela grande rotatividade de seus profissionais, que muitas vezes se vêem impedidos de acumularem conhecimentos nessa área.

3.2.3 – As turmas de 2007 a 2009 em Ribeirão das Neves

As primeiras turmas do programa Poupança Jovem, iniciadas em 2007, receberam as informações sobre o programa em meados do primeiro semestre desse mesmo ano, por meio da divulgação em todas as escolas . O processo de adesão foi realizado no final do primeiro semestre e as atividades tiveram início no segundo semestre de 2007. Assim, o processo de implantação dessa experiência piloto parece ter se dado de maneira atribulada, o que gerou consequências no seu desenvolvimento posterior.

A partir dos depoimentos dos jovens, percebemos que o primeiro ano do programa foi marcado pela ociosidade, uma vez que as atividades do Giro Jovem ainda estavam sendo organizadas e as parcerias com as entidades que ofereceriam os cursos ainda não estavam totalmente definidas. No segundo ano do programa, alguns cursos começaram a ser oferecidos, mas os jovens tiveram poucas chances de escolher do que participar. Contrapondo esse período inicial, no terceiro ano do programa, quando as parcerias já estavam consolidadas, os jovens tiveram uma sobrecarga de atividades, variando entre Giro Jovem, cursos, palestras e passeios.

Só que teve um período em que eu estava fazendo os três juntos, entendeu? Por isto é que eu não estava dando conta. Porque eu fazia curso todos os dias. Aí, eu não estava conseguindo não. Estava ficando muito cansada. (...) Este era o problema, porque eu queria desistir do curso de estética, fui lá na Casa Jovem conversar, e a moça disse que eu não poderia sair dos cursos porque senão eu perdia a bolsa. Só que aí eu falei com ela, então eu vou perder porque eu não estou agüentando, eu estou chegando muito cansada, está me atrapalhando na escola, aí eu saí (Ingrid, 18 anos).

De maneira geral, pelo que se depreende dos depoimentos, a experiência piloto foi se modificando na medida em que os acertos e erros foram constatados. A própria rotina do programa foi se definindo no decorrer da experiência e delimitando as ações direcionadas aos jovens a cada ano. O que causa estranheza é que, se tratando de uma experiência piloto, caracterizada por um planejamento anterior, a execução da primeira experiência do programa foi marcada pela dificuldade de desenvolver as atividades previstas.

3.2.4 – Poupança Jovem e a relação com a escola

O programa Poupança Jovem possui como um de seus principais objetivos a redução da taxa de evasão no ensino médio. Dessa maneira, é necessário estabelecimento de uma boa relação com a instituição escolar para garantir o cumprimento desse objetivo. Essa relação ocorre, primeiramente, no nível institucional, por meio de parceria entre a SEDESE e a SEE, que garante o apoio das escolas ao programa. Dessa maneira, a equipe do Poupança Jovem tem acesso às escolas para promover a divulgação e o processo de adesão ao programa.

A coordenadora local do programa avalia que, em geral, o relacionamento com as escolas é muito bom, pois “todas estão abertas ao Poupança Jovem”. Em alguns casos, porém, a equipe do programa encontra resistência por parte de alguns professores. É comum encontrar professores insatisfeitos com a carga horária de aula no ensino regular, que é considerada reduzida por muitos. Assim, eles se sentem prejudicados quando precisam ceder tempo da aula para assuntos relativos ao programa:

A gente tem uma rejeição não da escola, mas de muitos professores, porque assim, o horário de escola é aula, então, toda vez que eu entrar dentro de uma escola, eu vou atrapalhar uma aula, é isso que a gente tem a rejeição de alguns. (...) Então a gente tem esse pouquinho de dificuldade, então tem que ter todo aquele jogo de cintura. Tanto o educador, quanto o assistente de campo tem que saber chegar na escola, tem que saber entender o que a escola acha, ganhar a escola pra gente, pra poder, a gente não ter problema. (Coordenadora Local)

Ainda, segundo a coordenadora, alguns professores também avaliam que o investimento dedicado ao programa deveria ser aplicado na melhoria da educação pública. Na avaliação desses profissionais, a ampliação deveria se dar nos investimentos na infraestrutura escolar e salários dos professores.

A escola é um lugar delicado. Eles acham que não tinha que ter Poupança Jovem, que tinha que pagar eles melhor e não pagar a gente pra tá dentro da escola, atrapalhando aula. Eu tenho ouvido cada coisa de supervisor, de orientador, que é reflexo do professor também, a gente vê. Então é complicado essa relação. Se a gente não tem dificuldades maiores é porque eles já entenderam que o

Programa existe e enquanto ele existir, né? Mas a gente vê assim que é um pouco imposta. (...) A gente caminha, caminha, caminha, se der um probleminha assim, você perde tudo que você conquistou, porque é complicado. (Coordenadora Local)

Apesar das dificuldades, a coordenadora afirma que a realização do programa não é prejudicada. Segundo ela, “a gente sem a escola não faz nada, porque é onde a gente encontra os jovens”. Esse comentário nos ajuda a compreender o tipo de relação estabelecida entre as duas instâncias. A escola é apenas o espaço onde se encontra o público do programa. Assim, a relação com a escola se mostra distante, burocratizada e com uma articulação fraca, fator que diverge da proposta do programa, que seria incentivar a permanência dos jovens para que concluam o ensino médio. Como já foi verificado em outras pesquisas sobre as políticas públicas de juventude, há uma grande dificuldade em se constituir um diálogo entre a instituição escolar e seus profissionais e as experiências desenvolvidas junto aos jovens.

“Torna-se um desafio para os programas sociais dessa natureza estabelecer uma relação com as instituições escolares, onde os jovens estão matriculados, que seja capaz de problematizar a dinâmica escolar, que favoreça a participação nesse universo e crie instrumentos capazes de mediar a tensão entre ser jovem e ser aluno ali presente. Isso indica a necessidade de se discutir sobre uma nova concepção de universalização da educação e sobre a permanência dos jovens que vivem em condição de pobreza na escola que leve em consideração as suas demandas e necessidades para além da mera ampliação das estatísticas oficiais” (LEÃO e PIRES, 2009, p.290).

3.3 – Retratos dos sujeitos investigados

A seguir apresentaremos dados retirados de duas fontes, a pesquisa realizada pela João Pinheiro Consultoria Jr., em 2007, conforme apontamos anteriormente. Esse estudo abarcou um universo de 3426 alunos do primeiro ano do ensino médio de 25 escolas de Ribeirão das Neves. Em nossa investigação, focaremos nos dados relativos a duas escolas que foram selecionadas para essa pesquisa: a “Escola Serra” e a “Escola Planalto”.

O segundo banco de dados usado, com informações do ano de 2009, foi construído a partir da coleta de dados nas escolas supracitadas, junto aos alunos dos terceiros anos do ensino médio.

Em suma, nesse momento, buscaremos estabelecer uma comparação entre alguns dados gerados no ano de 2007, quando os alunos estavam iniciando o ensino médio e aderindo ao programa Poupança Jovem, e ao final dessa etapa do ensino, no ano de 2009.

A princípio apresentaremos os dados gerais, que revelam uma espécie de retrato dos jovens investigados. Por meio desse retrato, pretendemos mostrar o perfil dos alunos, contribuindo para a maior compreensão da condição juvenil dos mesmos e características que podem marcar a forma como vivenciaram as ações do programa Poupança Jovem. Entendemos a necessidade de revelarmos em nossas pesquisas mais do que “retratos” das juventudes investigadas. Nessa perspectiva, devemos nos aproximar dos sujeitos e nos apropriarmos de ferramentas metodológicas que nos permitam revelar “cenas” dessas juventudes. Na presente investigação, destacaremos os retratos que surgiram a partir dos dados dos questionários e, de maneira cautelosa, buscaremos, nos próximos capítulos, iniciar a construção de *flashs* que, mais tarde, poderão tornar-se cenas.

A primeira observação que podemos fazer é relativa ao número de alunos que responderam aos questionários quando iniciaram o ensino médio nessas escolas (240), no ano de 2007, e o número de alunos que participaram da coleta no final do ensino médio (120), em 2009. Estes números correspondem ao número de alunos presentes no momento da aplicação dos questionários. Chamou-nos a atenção a redução de 50% dos alunos em sala de aula. Para confirmar essa informação, recorreremos às secretarias das respectivas escolas para conhecermos o fluxo das turmas no período de 2007 a 2009.

TABELA 5

Número de Alunos Matriculados no período de 2007 a 2009			
	Escola Serra		Escola Planalto
2007	5 turmas / 171 estudantes no primeiro ano		4 turmas / 126 alunos no primeiro ano
2008	3 turmas / 101 estudantes no segundo ano		3 turmas / 104 alunos no segundo ano
2009	2 turmas / 83 estudantes no terceiro ano		3 turmas / 99 alunos no terceiro ano

Dados de matrícula das secretarias das respectivas escolas, 2007, 2008 e 2009.

Analisando os dados da tabela 5, percebemos o enxugamento da quantidade de alunos, na medida que avançam as séries do ensino médio. Para onde esses jovens foram? Será que mudaram de escola? Desistiram de estudar? Foram reprovados? Não foi possível formular uma resposta para essas indagações tendo em vista os limites de nossa pesquisa. Mas é possível levantar a hipótese de que tenham evadido durante o curso dos anos.

Como relatado anteriormente, o ensino médio brasileiro possui alta taxa de evasão. De acordo com Sousa *et al* (2011, p.26), “a evasão escolar entre jovens é alarmante. Dos 3,6 milhões de jovens que se matriculam no Ensino Médio, apenas 1,8 milhão concluem esse grau”. Trata-se de um fenômeno que tem intrigado pesquisadores, gestores e educadores.

Retomando a discussão realizada no tópico 2.2 deste estudo, os dados divulgados pela Fundação Getúlio Vargas (2009) sobre os principais motivos da evasão dos jovens alunos da instituição escolar, revelam que a falta de interesse predomina entre tais motivos (40,29%). Esses dados parecem indicar que, além de fatores extrínsecos à escola que dizem respeito às condições sociais (trabalho, pobreza, violência), pesa sobremaneira sobre a trajetória escolar dos jovens o fato de que a escola não se apresenta atrativa para eles. Podemos dizer que a cultura escolar, aliada às precárias condições da escola pública no Brasil, têm sido fatores determinantes na desistência dos jovens durante seus percursos escolares.

Em relação ao acesso e permanência dos jovens nessa fase do ensino, percebe-se que as mulheres são a maioria desde o início do ensino médio (53,3%), sendo esse número ainda maior no final dessa fase do ensino (59,2%), conforme podemos visualizar no gráfico 11.

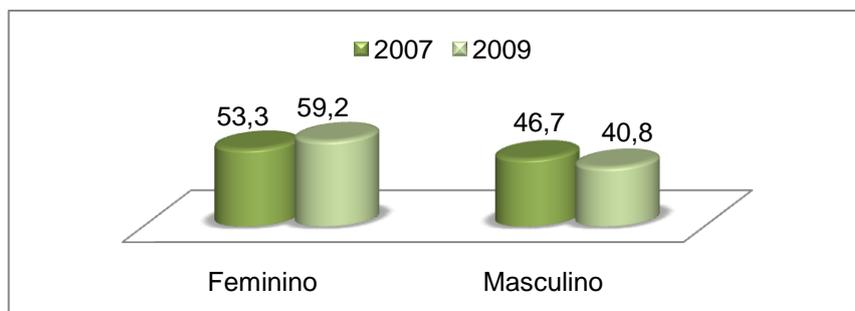


GRAFICO 11 – Proporção de jovens no primeiro (2007) e terceiro ano (2009) de acordo com o sexo

Esses dados dialogam com outros levantamentos sobre gênero que têm constatado a maior presença feminina em todas as fases do ensino, destacando que elas conseguem concluir a educação básica em maior número, se comparadas aos homens.

A presença das mulheres é crescente em todos os níveis de ensino no Brasil. Elas se consolidam como maioria a partir do ensino médio, dominam a graduação e detêm o maior número de bolsas de mestrado e doutorado, segundo o estudo Trajetória da Mulher na Educação Brasileira, lançado no dia 7 de março de 2005, no Ministério da Educação. (...) A partir do ensino médio, as mulheres apresentam uma superioridade numérica em relação aos homens. Em 2003, o índice de matrículas é de 54,0% para elas e de 46,0% para os homens. (Portal MEC, 2005).

Já em relação aos dados sobre raça/cor, infelizmente não há como estabelecer uma comparação entre a quantidade de alunos negros, pardos, brancos ou indígenas que responderam ao questionário no início e final do ensino médio. Isso se deve ao fato de que no questionário elaborado pela equipe da Fundação João Pinheiro não consta questão relativa à condição racial. De qualquer maneira, consideramos essa categoria importante na compreensão dos fenômenos sociais, principalmente quando se trata de dados relativos à educação, onde ainda predomina o sucesso escolar de alunos brancos em detrimento dos demais. Esse fato é evidenciado nos dados sobre jovens em idade escolar que, por algum motivo não estão frequentando a escola, entre eles os jovens negros são a maioria. Um exemplo dessa desigualdade pode ser observado na média de anos de estudo da população de 15 anos ou mais de idade, os brancos têm uma média de 8,4 anos de estudo e os negros apenas 6,7 (IPEA, 2010).

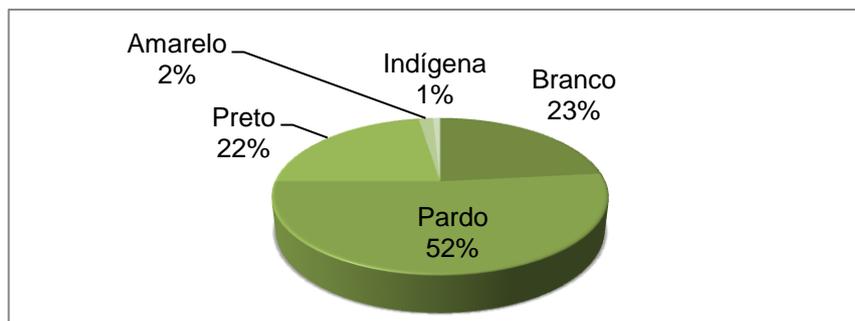


GRAFICO 12 – Proporção de jovens no terceiro ano (2009) de acordo com cor/raça

Em nossa pesquisa, é possível perceber grande presença de alunos negros no último ano do ensino médio (74%). Resta-nos saber quantos eram no primeiro ano.

Em relação à idade, os dados referentes ao ano de nascimento revelam que, no decorrer do processo de escolarização, os alunos que se encontram na série destinada a sua idade, ou seja, aqueles que vivenciaram uma trajetória regular de escolarização, tendem a permanecer dentro da escola, sendo a maioria, em proporção, comparados com aqueles que vivenciavam a distorção idade/série. É o caso dos jovens nascidos entre os anos de 1991 e 1992 que, no ano de 2007, tinham respectivamente 15 e 14 anos. No primeiro ano do ensino médio, eles representavam aproximadamente 60% dos alunos matriculados. Ao final dessa fase do ensino, eles representavam 70% dos alunos. Esses dados coincidem com a experiência de escolarização no cenário nacional. Os alunos que têm um ensino fundamental regular, sem interrupções, tendem a ter mais sucesso na conclusão do ensino médio. Contudo, neste caso específico, somos levados a questionar sobre o impacto do programa Poupança Jovem na trajetória escolar dos alunos que tiveram trajetórias escolares menos lineares. Será que, mesmo participando de um programa que busca estimular a permanência dos alunos e a conclusão do ensino médio, estes jovens que encontraram alguma dificuldade em suas trajetórias não chegam a ser incentivados? Qual a capacidade do programa em atender exatamente a esses jovens que seriam seu público prioritário?

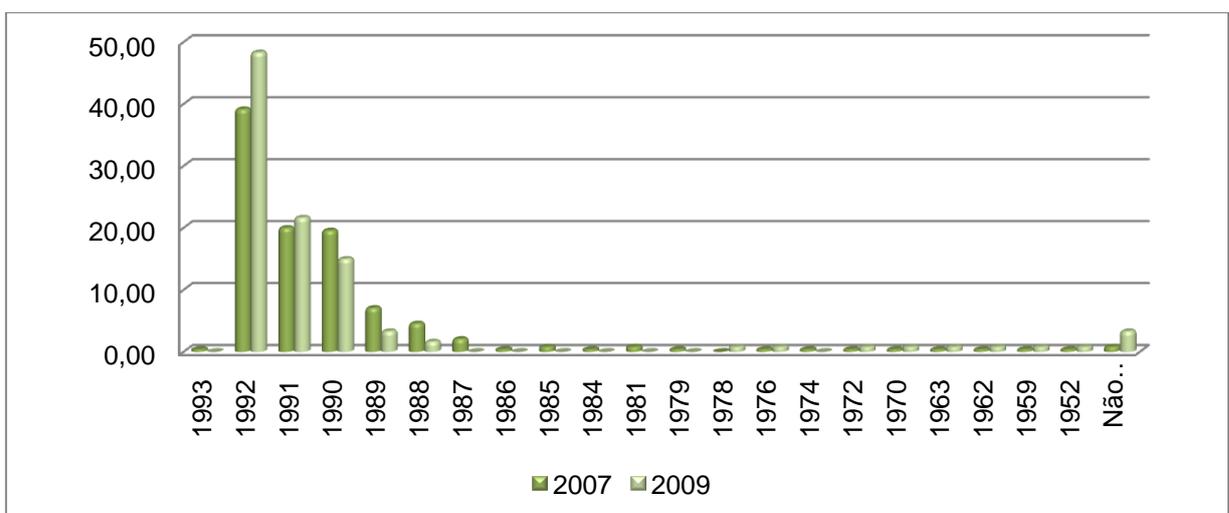


GRAFICO 13 – Proporção de jovens no primeiro (2007) e terceiro ano (2009) de acordo com o ano de nascimento

No âmbito familiar, percebemos que prevalece o arranjo em que o pai ou a mãe são os principais responsáveis pela família. Ainda se Destacam as famílias em que o pai é o principal responsável pela manutenção dos demais, o que acena para uma configuração familiar de tipo tradicional.

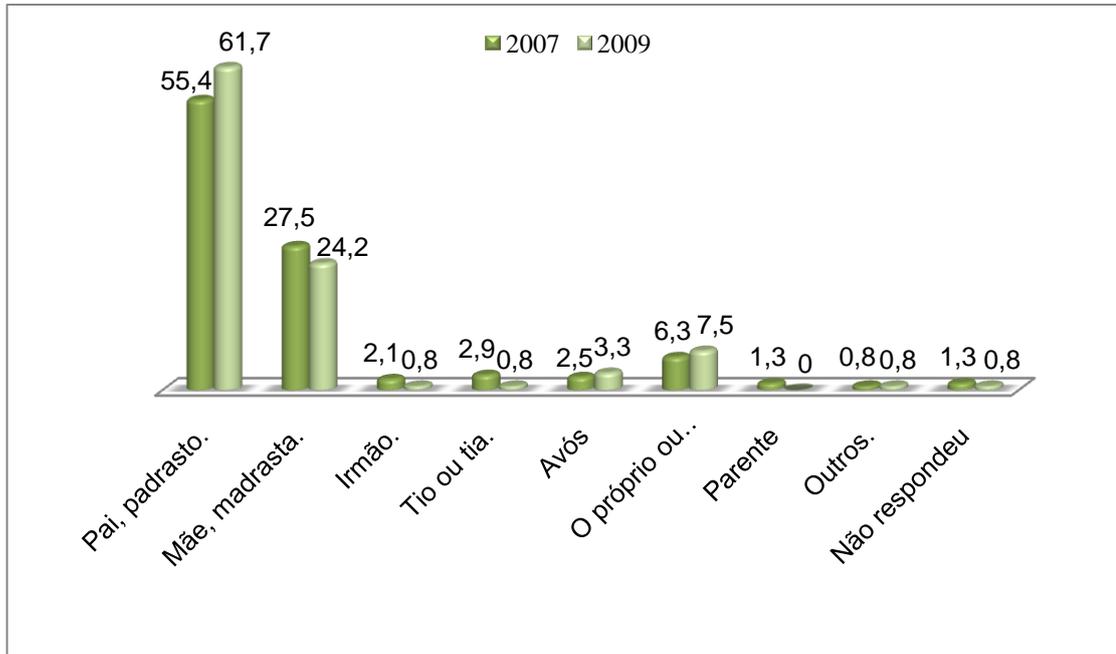


GRAFICO 14 – Principal responsável pelos jovens 2007-2009

Em relação à escolaridade do principal responsável pela família, podemos perceber que a grande maioria não possui sequer o ensino fundamental completo, aproximadamente 70%. Essa situação se mantém, considerando os anos de 2007 e 2009. Percebemos que estes alunos vivenciam uma realidade escolar completamente diferente de seus pais (apenas cerca de 10% deles possuem o ensino médio completo). Essa diferença de nível escolar traz novas reflexões para o contexto familiar, fazendo com que pais e filhos criem maiores expectativas com relação ao futuro escolar e profissional, mas, ao mesmo tempo, acarretando em um acompanhamento mais limitado por parte dos familiares responsáveis, que já não conseguem dar o suporte aos conteúdos próprios dessa fase do ensino.

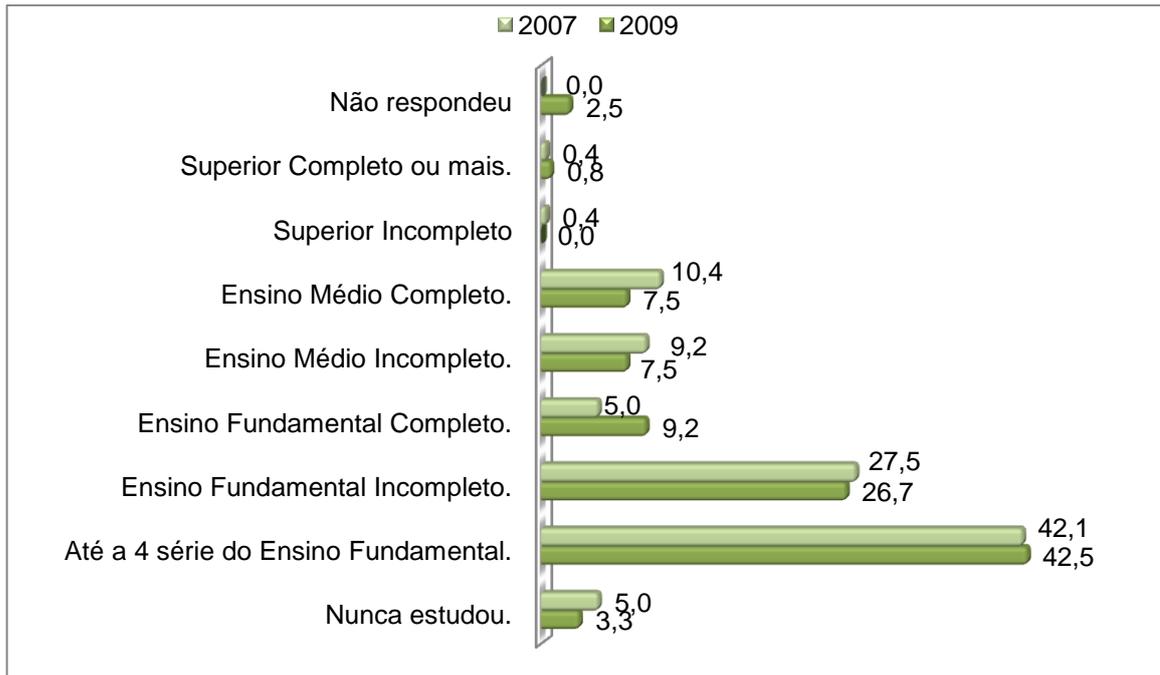


GRAFICO 15 – Escolaridade do principal responsável pelos jovens 2007-2009

Ainda com relação ao principal responsável pela família, observamos que entre os anos de 2007 e 2009, houve melhoria na situação de trabalho do mesmo. Notamos que em 2007, a proporção de desempregados era de 5,4%, enquanto que em 2009 esse número caiu para 0,83%. De acordo com essa lógica, houve um crescimento no número de trabalhadores com carteira assinada, passando de 47,5% para 55%. Ainda que os dados revelem uma melhora na situação laboral, é possível perceber certa instabilidade entre aqueles que não possuem carteira assinada, os desempregados e donos de casa, somando um terço dos principais responsáveis pela família.

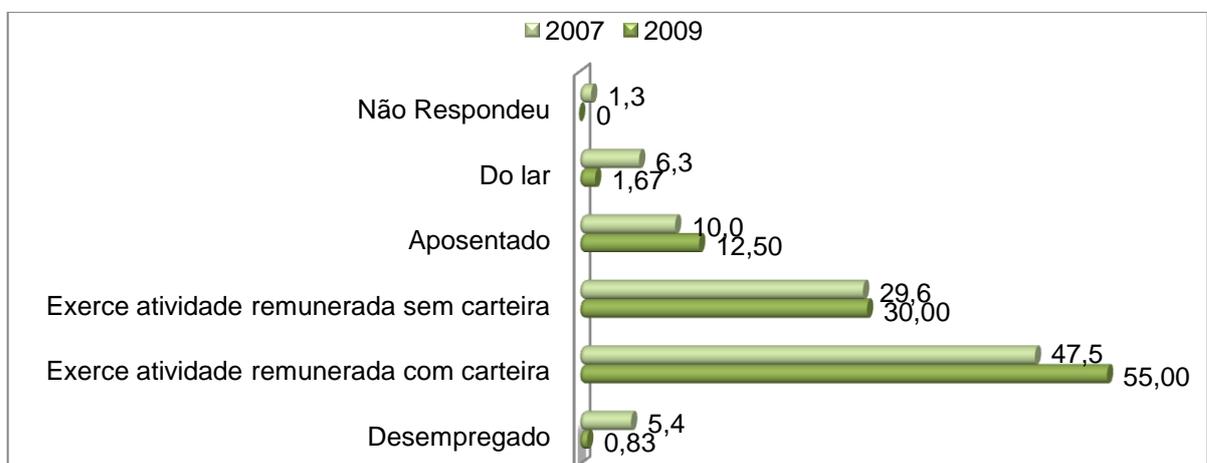


GRAFICO 16 – Situação de atividade do responsável 2007-2009

As famílias dos jovens investigados são formadas, em sua maioria, por quatro ou cinco pessoas (54,1%), uma parte delas convive com um número menor de pessoas, entre duas e três (20%) e por fim, um quarto das famílias reside com mais de seis moradores em suas casas. Essa tendência de famílias cada vez menores, mesmo na faixa de baixa renda, pode ser vista como positiva, pois traz o aumento da renda per capita, a possibilidade de maior atenção e investimento nos poucos filhos, mais conforto e espaço no ambiente familiar.

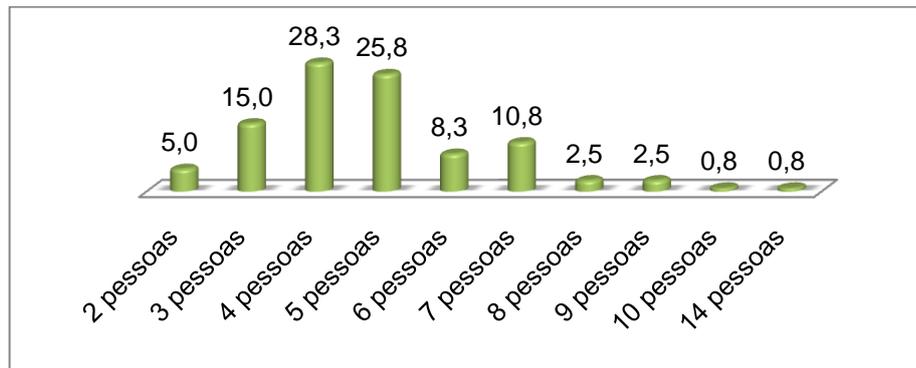


GRAFICO 17 – Número de residentes na casa - 2009

A renda mensal familiar pode ser considerada baixa, uma vez que a grande maioria sobrevive com uma renda entre um e três salários mínimos. No ano de 2007, 90% dos jovens viviam com suas famílias, com uma renda de um a três salários mínimos e 9,2% dos respondentes a renda familiar estava acima de três salários. No ano de 2009, o número de famílias que tinham renda entre um e três salários mínimos diminuiu para 72,% e aquelas com mais de três salários aumentaram para 21,6%. Por outro lado, as famílias que viviam com a renda de um a dois salários mínimos subiu de 45,8% para 49,2% e as que tinham uma renda inferior a um salário mínimo passaram de zero para 4,2% em 2009. A análise desses dados não é tarefa simples. Por que ocorreu a expansão na faixa intermediária de um a dois salários? Houve uma maior evasão entre jovens com famílias nessa faixa de renda? Embora não possamos tirar grandes conclusões desses dados, é possível afirmar que a grande maioria dos jovens que participaram da pesquisa tem uma baixa renda familiar.

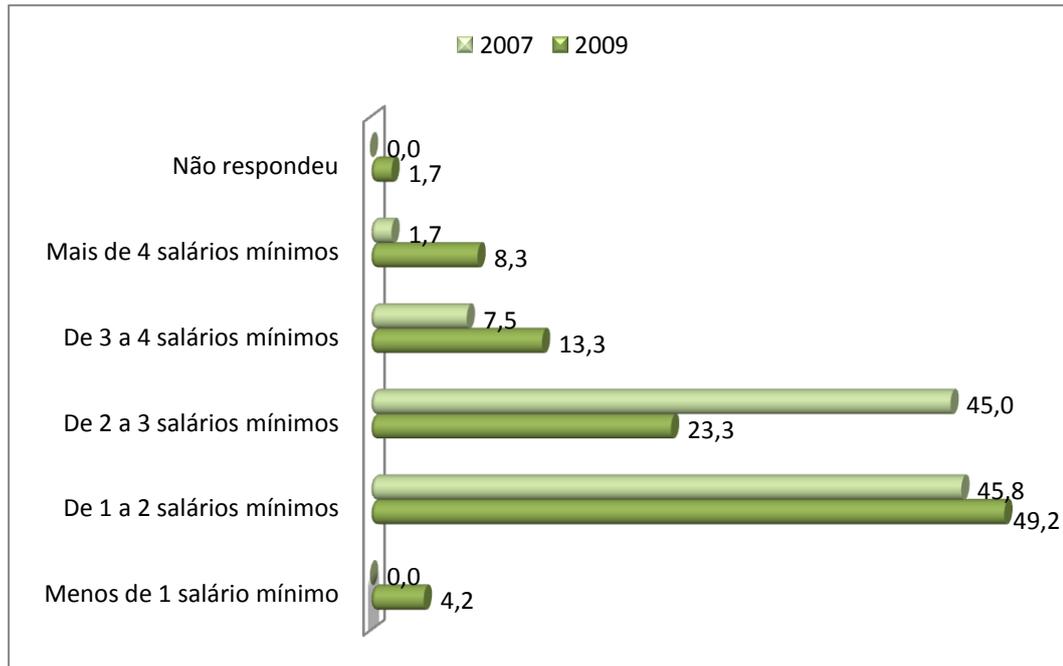


GRAFICO 18 – Renda mensal familiar 2007-2009

Com relação à situação de moradia, percebemos que apenas 12,5% das famílias moravam em imóveis de aluguel no ano de 2009, o que indica que, em geral, as famílias dos jovens pesquisados contavam com a segurança de residir em um imóvel próprio quitado. Porém, esses números podem ser relacionados com a discussão realizada no tópico 3.1 deste capítulo, a respeito da política de ocupação de Ribeirão das Neves.

Desde a constituição do município houve o incentivo à ocupação de sua área, através de loteamentos baratos, acessíveis à população de baixa renda. Essa estratégia de ocupação levou a uma grande densidade populacional da cidade., contudo, sem a implantação de infraestrutura adequada. Assim, ainda que grande parte da população tenha um imóvel próprio quitado, a condição das moradias é marcada pela precariedade em suas estruturas básicas. Além dos problemas de mau planejamento dos loteamentos, é comum observar estratégias familiares de subdivisão dos lotes entre filhos e parentes. Esses fatores contribuem para o elevado número de famílias proprietárias de imóveis, no entanto, é preciso considerar as restrições.

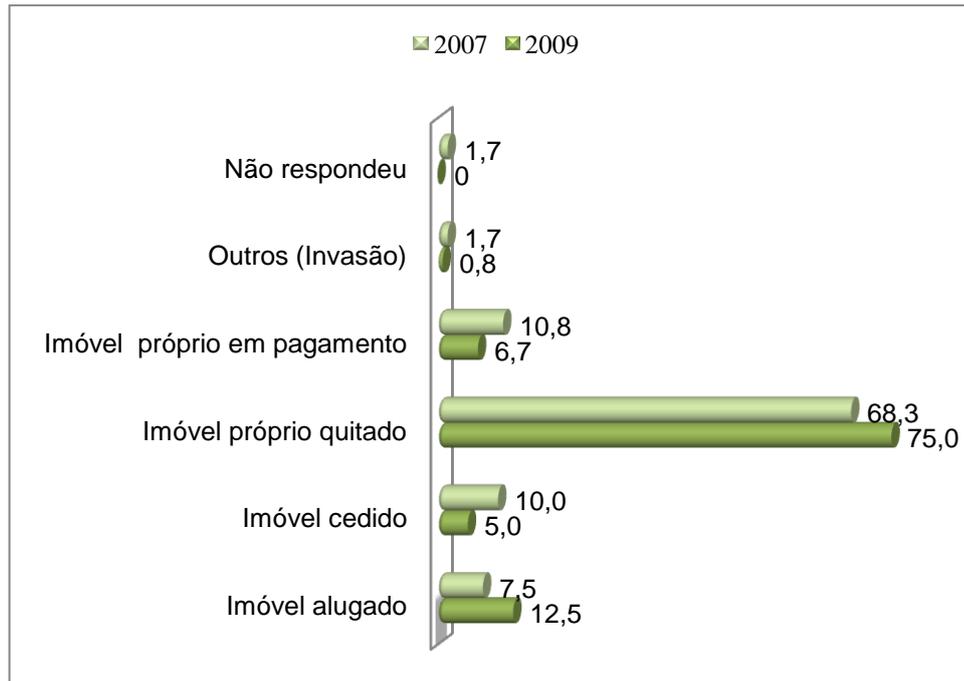


GRAFICO 19 – Situação de moradia 2007-2009

Em relação à atividade laboral, podemos perceber que, diferentemente de outros programas sociais, o Poupança Jovem não substitui o trabalho. É comum em outros programas de transferência de renda, que muitos jovens abandonem suas atividades laborais, principalmente aqueles envolvidos em ocupações precárias, para se dedicarem às atividades do programa. A principal diferença do Poupança Jovem, em relação a outros programas, está na forma como a renda é transferida. Geralmente, as políticas de transferência de renda seguem o formato de distribuição de bolsas mensais e, em contrapartida, os jovens se mantêm na escola e nas atividades do programa. No Poupança Jovem, a transferência de renda só é realizada ao final de todo o processo. Dessa maneira, aqueles jovens que necessitam contribuir com as despesas familiares ou se manterem, precisam exercer atividade remunerada, conciliando (ou tentando conciliar) trabalho, escola e atividades do programa.

A literatura evidencia a importância do trabalho na experiência juvenil. Guimarães (2005), citando os resultados da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, os jovens ouvidos não deixam dúvidas: “para eles, o trabalho não apenas ainda está na ordem do dia, como se destaca com relação a outros aspectos tidos como reveladores de interesses tipicamente juvenis” (GUIMARÃES, 2005, p.150). Todavia, “a questão do trabalho não se coloca para todos os jovens da mesma forma. Para

aqueles que provêm dos setores populares, em geral, o trabalho diz respeito à necessidade de sobrevivência e à possibilidade de viver a condição juvenil naquilo que ela propicia em termos de consumo cultural e fruição do lazer” (SOUZA; CORTI 2004, p.39).

A importância do trabalho para os jovens pode ser observada nos dados do gráfico 20. No ano de 2007, quando os jovens estudantes ainda iniciavam o ensino médio, um terço desses jovens trabalhavam. Essa proporção sofre um leve aumento no ano de 2009, quando os jovens finalizavam suas atividades como estudantes do ensino médio.

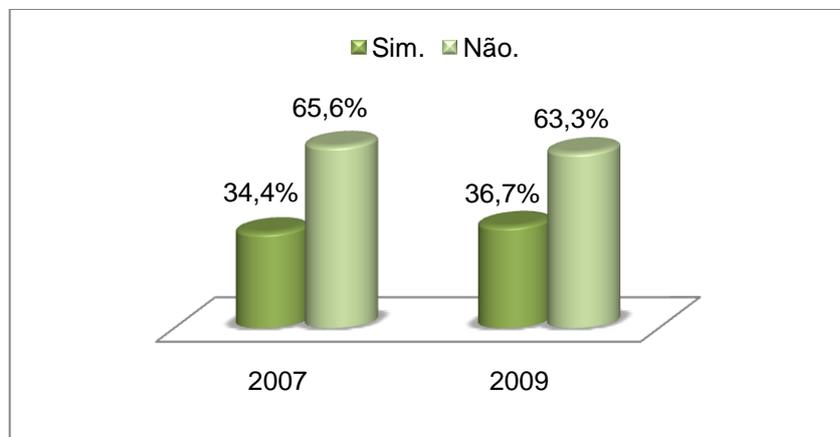


GRÁFICO 20 – Trabalha atualmente 2007-2009

Ainda em relação ao trabalho, percebemos que ao final do ensino médio, quase metade dos jovens já haviam tido alguma experiência profissional. Esse dado contribui para confirmar a importância da dimensão do trabalho para os jovens.

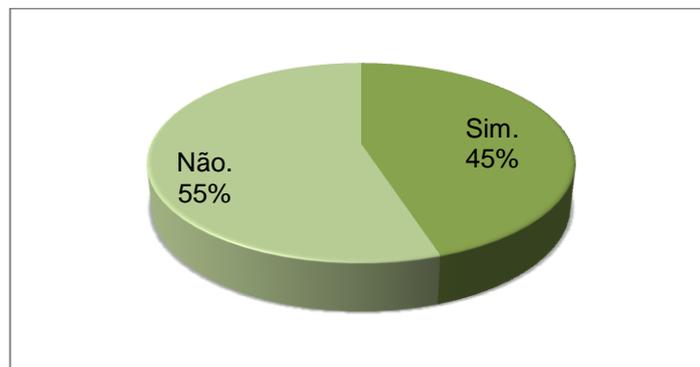


GRÁFICO 21 – Trabalhou nos últimos três anos - 2009

Outra dimensão importante na composição deste retrato sobre os jovens pesquisados está relacionado à escola. Os dados abaixo indicam que entre os pesquisados no ano de 2007, metade destes jovens nunca haviam repetido o ano escolar. Já no ano de 2009 este percentual sobe para quase 70% de jovens que nunca repetiram. A reflexão que podemos fazer a respeito deste dado se relaciona com outros dados aqui discutidos, como por exemplo, a questão da distorção idade/série no município (GRÁFICO 10). Os dados indicam que a suposta melhora – tanto na diminuição do número de jovens que já foram retidos em alguma série, como na diminuição da distorção idade/série no decorrer do Ensino Médio – na verdade pode ocultar um processo de evasão, em que os alunos que por alguma razão tiveram percalços em suas trajetórias escolares, acabam sendo excluídos da escola. As outras informações do gráfico abaixo corroboram para a interpretação de que no decorrer do Ensino Médio, os estudantes que experimentaram um percurso irregular de escolarização, tendem a “desaparecer”.

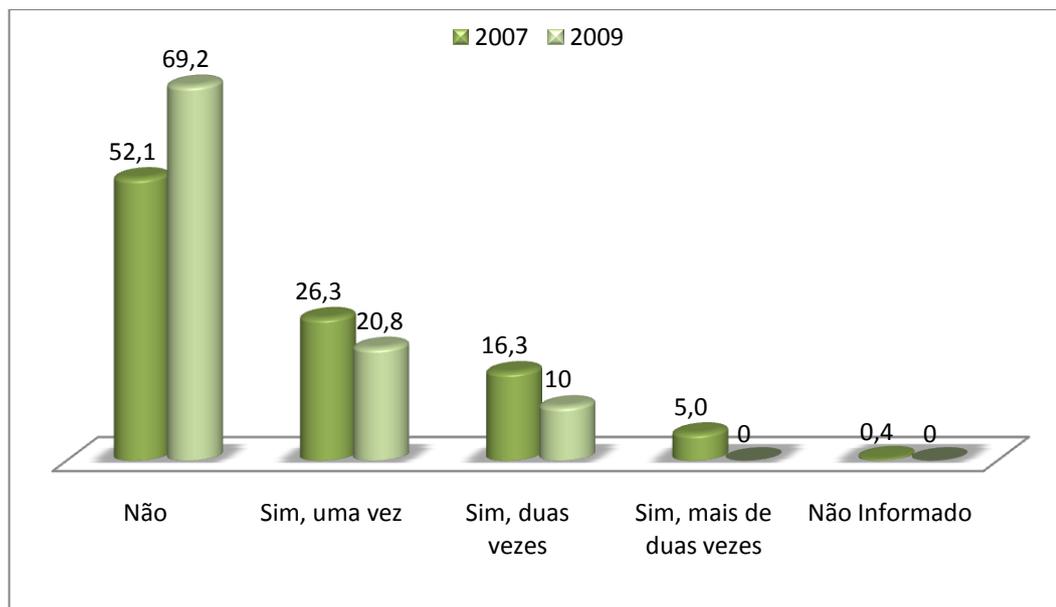


GRÁFICO 22 – Já repetiu o ano escolar 2007-2009

As conclusões que desenvolvemos em relação à evasão, nos leva a questionar sobre o grau de cumprimento dos objetivos do Poupança Jovem, principalmente o combate ao abandono da escola. O fato dos jovens participarem de atividades extracurriculares e contarem com a promessa de um benefício futuro realmente pode incentivá-los a permanecerem na escola? Os obstáculos para a

conclusão dessa fase do ensino podem ser superados? As relações estabelecidas entre o programa e a escola são suficientes para repercutir nas trajetórias escolares destes jovens?

Ainda em relação à escola, o gráfico 23 ilustra quais os interesses dos jovens na instituição escolar. Mais de 40% dos jovens citaram os amigos como o principal interesse na escola, o que reforça a importância da sociabilidade no contexto escolar. Dayrell (2007) conceitua a sociabilidade como uma dimensão central da condição juvenil, aliada às expressões culturais, que se desenvolve nos grupos de pares, preferencialmente, nos espaços e tempos do lazer e da diversão, mas também presente nos espaços institucionais, tais como a escola ou o trabalho. Além dos amigos, os jovens também apontam as atividades físicas como fonte de interesse (18,3%).

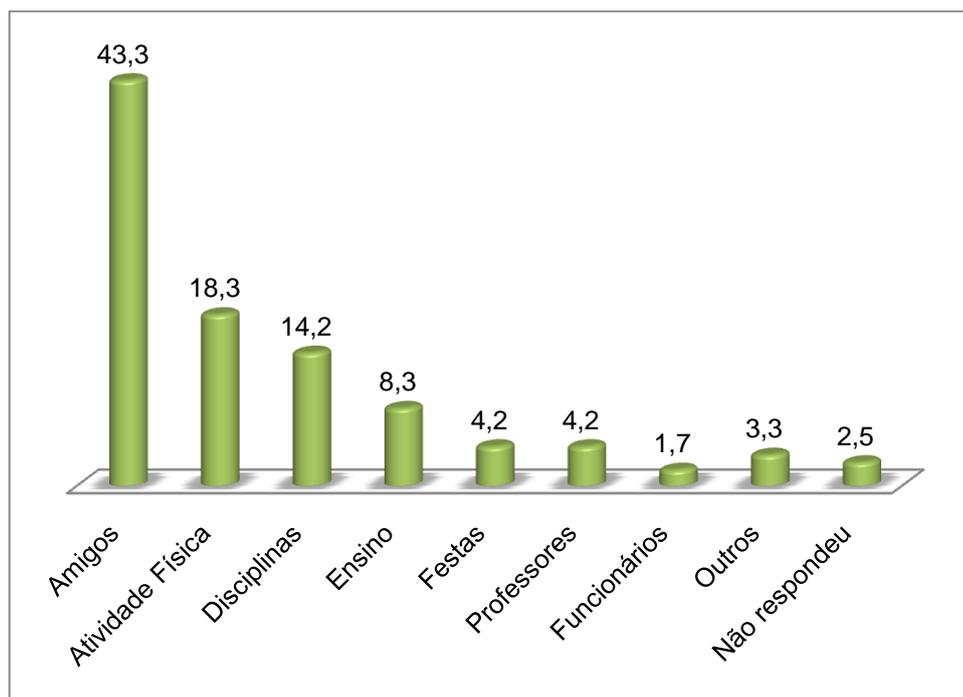


GRÁFICO 23 – O que mais gosta na escola - 2009

Podemos afirmar que ao analisar o papel da escola, especialmente aquela voltada para o jovem, é necessário ir além dos conteúdos das disciplinas tradicionais. Os jovens apontam que os sentidos da escola podem estar ligados também à possibilidade de encontrar seus pares, de se movimentarem e, é claro, de aprenderem.

Reunindo as caracterizações da cidade de Ribeirão da Neves, do desenvolvimento do programa Poupança Jovem na cidade e dos sujeitos dessa pesquisa, podemos aproximar desses jovens para perceber a visão deles em relação à existência desse tipo de política pública. Assim, a análise do contexto histórico e social permite uma aproximação concreta do objeto de pesquisa. No próximo capítulo, destacaremos a análise dos jovens sobre o Poupança Jovem.

4 – APROXIMANDO DOS SUJEITOS: COMO OS JOVENS AVALIAM A EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO NO POUPANÇA JOVEM

Nesse capítulo vamos identificar de que maneira os jovens avaliam a experiência de participação no programa Poupança Jovem, bem como percebem as possíveis repercussões dessa ação em suas experiências escolares. Para a realização dessa tarefa, recorreremos aos relatos dos jovens sobre as diversas etapas de desenvolvimento do programa, desde a inscrição até as formações e cursos oferecidos, buscando compreender as repercussões do programa em suas vidas. Além dos relatos, incorporamos uma análise sobre um caso específico, de uma aluna adulta que, embora saia do perfil traçado para o programa, configurou-se como uma especificidade da experiência piloto do Poupança Jovem.

4.1 – Breve descrição dos sujeitos

Antes de iniciarmos a análise das avaliações que os jovens realizaram sobre a experiência vivenciada no programa, vamos fazer uma breve descrição destes sujeitos. Cabe ressaltar que não temos a intenção de descrever em profundidade as informações sobre cada sujeito, mesmo considerando a riqueza de cada história narrada. O que pretendemos com este tópico é visualizar o perfil dos jovens com os quais conversamos, auxiliando na interpretação das experiências por eles vivenciadas.

Foram realizadas entrevistas com oito jovens, com idade entre 17 e 20 anos, quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Metade deles estudou na escola Planalto e a outra metade estudou na Escola Serra. Vejamos a seguir o perfil de cada um deles.

Júlia tinha 17 anos quando realizamos a entrevista, estudou na Escola Planalto. Ela residia com seus pais e um irmão um irmão mais velho. O pai de Júlia era porteiro de uma escola e a mãe empregada doméstica, seu irmão encontrava-se desempregado. Júlia vivenciou uma trajetória escolar regular, sem grandes

problemas e obstáculos. Sua vida escolar iniciou um ano antes do previsto e Júlia sempre esteve adiantada um ano em relação aos seus colegas de turma. A jovem já havia tido experiência profissional durante o ensino médio, trabalhou em uma escola de informática como monitora. Mas no momento da entrevista não estava trabalhando. Ela estava matriculada em curso especializado no ensino da disciplina de matemática e estava à procura de um curso pré-vestibular comunitário, para dar seguimento ao plano de prestar vestibular para o curso de engenharia civil. Entre os entrevistados, foi uma das jovens que apresentou o plano para o futuro mais elaborado.

Gustavo, 17 anos, estudou na Escola Planalto. Ele residia com mãe, professora da educação básica, o pai, metalúrgico, um irmão mais velho que era dono de uma fábrica de estamperia e trabalhava em uma gráfica de impressão digital; e uma irmã mais nova, de 15 anos. Gustavo também vivenciou uma trajetória escolar regular. Quando realizamos a entrevista ele não estava estudando, mas disse que tinha planos de retomar os estudos no ano seguinte. Ele trabalhava na fábrica de estamperia do irmão.

Guilherme, 18 anos, estudou na Escola Planalto. Em sua casa só residiam ele e a mãe, que era auxiliar de serviços gerais. Guilherme iniciou a vida laboral com apenas 11 anos de idade e desde então, não parou de trabalhar. Na época da entrevista ele trabalhava na em uma oficina mecânica como pintor automotivo. Começou a estudar aos cinco anos de idade e não teve nenhuma retenção, porém, relatou que uma marca de sua escolarização foi a bagunça.

Ingrid, 18 anos, estudou na Escola Serra. Ela residia com sua mãe, que era diarista, seu pai não estava trabalhando formalmente, mas estava fazendo uma série de serviços, como pintura e jardinagem; além dos pais, ela residia com seu irmão de 31 anos, que estava desempregado. Ingrid trabalhava como caixa em um supermercado e não estava estudando na época da entrevista. Sua trajetória escolar foi regular. Apenas sinalizou que teve dificuldades na passagem do ensino fundamental para o médio, pois sentiu a diferença no nível de dificuldades das matérias.

Rebeca, 18 anos, estudou na Escola Serra. No período da entrevista, ela morava com sua mãe, padrasto, um irmão mais novo de oito anos, e a filha do padrasto, que tinha 17 anos. Sua mãe trabalhava como operadora de caixa e seu padrasto como motorista de ônibus. Na época, Rebeca trabalhava como auxiliar em

um ônibus escolar. Sua trajetória escolar também foi regular, sem grandes obstáculos em seu percurso.

Michael, 18 anos, estudou na Escola Serra. Ele morava apenas com sua mãe, que era caixa em uma padaria. Michael trabalhava em um shopping popular, consertando videogames. Sua trajetória escolar também foi regular, e parecido com Ingrid, ele só sentiu dificuldade no início do ensino médio, porém, ele atribui a dificuldade à seu comportamento, pois foi a época em que tinha mais amigos e gostava de “matar aula”.

Jenifer, 19 anos, estudou na Escola Serra. Ela residia com sua mãe, seu padrasto e um irmão de 16 anos. Sua mãe era empregada doméstica, seu padrasto era operador de máquinas. Jenifer trabalhava como fiscal de caixa em um supermercado e não havia prosseguido com os estudos. Sua trajetória escolar foi regular até o final do ensino fundamental, porém, no início do ensino médio ela precisou repetir o primeiro ano. Jenifer relata que o principal motivo pela repetência foi a ausência de acompanhamento da mãe durante o período em que seu irmão ficou doente.

Felipe, 20 anos, estudou na Escola Planalto. Ele morava com seus pais e um irmão mais novo, de 10 anos de idade. A família possuía um supermercado e desta forma, todos estavam envolvidos com a atividade comercial. O pai de Felipe era responsável pela organização financeira do supermercado, a mãe acompanhava o dia-a-dia do comércio, atuando principalmente no caixa e Felipe ficava responsável pelo setor de carnes e também de entregas. Dentre os entrevistados, a família de Felipe apresentava a melhor condição econômica. Com relação à sua trajetória escolar, Felipe relata que foi bem até a quinta série. Já no final do ensino fundamental, ele ficou retido em duas séries. A primeira retenção foi na sexta série, segundo Felipe ele faltava muito às aulas; a outra retenção foi na oitava série e o problema foi o excesso de brincadeiras com os amigos e pouca dedicação à escola. A partir da oitava série, quando frequentou a série pela segunda vez, ele contou que passou a “levar a escola mais a sério”.

De maneira sucinta apresentamos algumas características dos oito jovens entrevistados. Percebemos que a maior parte deles veio de trajetórias escolares regulares. Muitos já vivenciaram a experiência de trabalho, até mesmo durante o ensino médio. Metade dos jovens eram oriundos de famílias de formato tradicional,

presença da mãe e do pai; outros dois jovens contavam com a presença da mãe e do padrasto e finalmente, dois deles conviviam apenas com a mãe.

A seguir iniciaremos as reflexões em torno da avaliação que esses oito jovens realizaram sobre experiência vivenciada no programa Poupança Jovem, concomitante ao ensino médio.

4.2 – Adesão ao programa

Instituído em março de 2007, o Poupança Jovem contou com ampla divulgação na mídia que anunciava a proposta para os jovens estudantes do ensino médio em Ribeirão das Neves. No primeiro momento, equipes da SEDESE se dirigiram às escolas estaduais do município, divulgando o programa junto à comunidade escolar, seguido de reuniões com os pais e responsáveis pelos alunos que iniciavam o ensino médio nas 29 escolas que compõem a rede estadual de ensino público do município.

A divulgação do programa foi feita durante o primeiro semestre, bem como a adesão processual dos alunos, que foram incentivados a se inscreverem, mesmo não tendo clareza sobre o que seria o Poupança Jovem, como afirma uma das entrevistadas:

Eles inscreveram todo mundo. Até quem não tinha documento, eles fizeram documento. Igual eu tinha perdido minha identidade, eles fizeram outra identidade, deram tudo (Jenifer, 19 anos).

Os jovens relatam que, inicialmente, havia uma descrença na proposta do programa. Eles desconfiavam que essa ação era simplesmente uma forma de exigir mais dos alunos sem, no entanto, garantir que eles recebessem algum benefício posterior. Essa desconfiança não nasce à toa no imaginário dos jovens, ela está fundamentada em um histórico de promessas não cumpridas, que repercutem na forma como os jovens encaram as políticas públicas. Leão (2007, p.17), ao relatar a experiência de uma política pública voltada para jovens, afirma que entre os

principais objetivos elencados para o Consórcio Social da Juventude em Belo Horizonte, estava a inserção no mercado de trabalho:

Havia uma expectativa comum quanto à formação profissional e ao encaminhamento ao mercado de trabalho alimentada pelas dificuldades vividas, sobretudo para se conseguir um primeiro emprego. As críticas mais fortes ao programa referiam-se ao sentimento de frustração com a promessa não cumprida (LEÃO, 2007, p.17).

Ainda que os sujeitos da pesquisa não tenham participado de alguma experiência negativa, há sempre o relato de pessoas do entorno, que reforçam essa desconfiança.

Aos poucos vai se construindo a ideia que pode ser resumida no ditado popular “quando a esmola é demais, o santo desconfia”. Essa visão ganha força quando atrelada à experiência de pertencimento às camadas populares que, especialmente nos últimos anos, viram surgir inúmeras iniciativas sociais (no âmbito do trabalho, educação, saúde, alimentação, etc.) que apresentam grandes propostas de apoio, contudo quase nunca vêem o cumprimento dos objetivos anunciados.

Aí eles começaram a me explicar que, que seria um certo período, começar no primeiro ano e terminar no terceiro, nós iríamos receber três mil reais, inclusive no jornal fala que o dinheiro com correção monetária iria pra quatro mil e oitocentos reais. Todo mundo ficou feliz e tal, mas era uma felicidade meio passageira porque ninguém tinha certeza do que ia acontecer (Júlia, 17 anos).

A desconfiança sobre o programa começou a diminuir, na medida em que os jovens foram recebendo os cartões da poupança no banco, que chegaram no endereço de suas respectivas residências. As contas bancárias foram abertas nos nomes dos próprios estudantes, o que trouxe mais confiança aos jovens.

Não acreditei, não acreditei. Fiquei sempre desconfiado. Eu pensei assim “quando é que o governo vai dar, oferecer dinheiro pra tá estudando?”. Mas aí no início eu não acreditei, só acreditei mesmo na hora que o cartão chegou pra mim (Guilherme, 18 anos).

Outro fato que contribuiu para diminuir a desconfiança em relação à proposta foi quando, ao final do primeiro ano, os jovens puderam consultar o saldo e posteriormente realizar o saque de até 100 reais da poupança.

Porque no final de cada ano, eles olha no final de cada ano, mas cê pode tirar o dinheiro só em março, que aí que nós fomos acreditar né? Que eles foram no final de cada ano cê pode tirar cem reais. Aí beleza, juntou todo mundo, foi pro banco, [risos]... (Jenifer, 19 anos).

O relato acima indica que o entendimento sobre o Poupança Jovem estava diretamente vinculado ao benefício, pois mesmo com o início das atividades do programa, os jovens entenderam que o Poupança Jovem só foi concretizado no momento em que foi realizado o depósito da primeira parcela do benefício.

Os relatos dos jovens sobre o processo inicial do programa apontam que o Poupança Jovem foi implantado de forma apressada, incentivando a adesão dos jovens sem, no entanto, informar as reais intenções do programa, suas características, regras e benefícios. Muitos jovens não compreenderam bem a proposta da ação e, dessa maneira, quando foram questionados sobre as expectativas iniciais em relação ao programa, a maioria das respostas estava ligada à perspectiva do recebimento do benefício de 3000 reais, informação amplamente divulgada e compreendida. Contudo, questões como formação, cursos e subsídios para a formulação de projetos para o futuro praticamente não apareceram no horizonte de expectativas dos jovens entrevistados, uma vez que os mesmos não tinham conhecimento de todas as características do programa.

Eu achava que era só receber o dinheiro mesmo, ia só pagar, ia ser um incentivo pra muitas pessoas formarem (Guilherme, 18 anos).

Ah, no começo todo mundo achou que era mentira, né? Três mil pra pessoa estudar? Todo mundo achou que era mentira, ninguém acreditou. Aí foi e começou, eles foi e falou que a gente tinha que fazer curso, que não podia tomar bomba, que não podia ter é... ai, como que fala? Que não podia ter muita advertência, cê não podia ser... ah, como é que fala? Tomar... tomar suspensão. Não podia tomar suspensão na escola. Aí assim, todo mundo ficou com um certo de medo, né, nó, se eu fizer isso eu vou perder os meus três mil, se eu fizer isso eu vou perder os meus três mil... (Jenifer, 19 anos).

Em outros casos, os jovens sequer criaram expectativas em relação ao programa e resolveram esperar para ver o que aconteceria. É o caso de Jenifer, que afirmou que as inscrições foram realizadas em massa, sem que os próprios alunos

compreendessem em que programa estavam inscritos. Outros jovens, também relatam fatos parecidos:

Eu nem sabia quando vi já tava inscrito. Já tinha meu cartão, já tinha tudo. Eles pediam documento, eu levava, não sabia pra quê. Aí acabou que eu tava inscrito. Eu só fui no primeiro ano eles falaram que tinha uns dias que era obrigatório (Gustavo, 17 anos).

Fui nessa. Ai, todo mundo falou assim, “ah, isso ai é falsidade do governo”, eu falei, “ah, eu vou indo, vou ver no que vai dar”... (Michael, 18 anos).

No caso específico de Júlia, as expectativas em relação ao programa eram mais elaboradas:

Esperava não só o benefício, esperava alguma mudança na escola, alguma mudança em relação à educação, em relação ao governo, alguma mudança pra gente. É como se fosse um socorro que sacudisse o ensino médio. Que eles acordassem pra gente. É, melhora na escola e a gente esperava, assim, das atividades extra-curriculares do curso. A gente pensava que quando saísse, já tava pensando o quê que ia fazer, como a gente pode estudar mais pra fazer isso e fazer isso, a gente tinha planos de acordo com as atividades que eles passavam. Mas antes deles passarem quais seriam as atividades, nós não tínhamos noção nenhuma do que fazer. A gente só sabia que a gente ia ganhar o dinheiro e que ia cumprir algumas coisas. Só depois que as atividades saíram que a gente começou a ter interesse mais pelo programa (Júlia, 17 anos).

Em linhas gerais podemos perceber que o processo de divulgação e adesão ao programa foi tumultuado. Ao contrário de muitos programas sociais, onde os jovens precisam procurar por uma vaga, no caso do Poupança Jovem, a adesão aconteceu quase que de forma automática, tutelada, direcionada, uma decisão que não partiu do jovem. Mesmo reconhecendo que os jovens alunos tinham interesses e necessidades nessa área, e desse modo, o programa se configurava como uma possibilidade interessante para eles, que poderia ter um impacto positivo em suas trajetórias, podemos dizer que não houve uma mobilização dos jovens para adesão ao programa. O que houve, na verdade, foi uma campanha de inscrições, em que os jovens se comprometiam por meio de um Termo de Compromisso a participar de atividades que até então eles não sabiam ao certo do que se tratavam.

Um dos grandes problemas das políticas públicas de juventude no contexto nacional tem se configurado na mobilização. Geralmente, após um levantamento sobre determinada região ou grupo de pessoas, os dados indicam um público potencial e os gestores reclamam que, apesar de divulgarem por meio de faixas e até propagandas na TV, esse público potencial não aparece. Em grande parte, isso acontece em função desse descompasso entre elaboração de uma política e o diálogo com as verdadeiras demandas dos jovens. A própria construção e desenho do programa não parte dos próprios usuários, ou de um diálogo mais estreito com os jovens.

Um dos maiores desafios da escola e das políticas sociais é fazer que o jovem não seja apenas atendido, mas sim mobilizado, que ele participe do processo educativo, que se identifique com as propostas e que perceba o sentido das atividades nas quais está envolvido. Todavia, o que se percebe é que, muitas vezes, as ações direcionadas aos jovens são elaboradas de forma atropelada, compreendendo o jovem numa perspectiva passiva, de alguém que precisa ser atendido, assistido. Em geral, traça-se um perfil, constata-se as necessidades e acredita-se que isso basta para trazer o jovem a um programa social ou educativo.

A necessidade do jovem não garante sua mobilização, ele precisa perceber tais atividades como demandas reais para suas vidas. Um exemplo disso é a própria escola. Não basta perceber que determinados jovens apresentam baixa escolaridade e a partir disso disponibilizar a escola e esperar que a mobilização aconteça de forma automática. Entre perceber tais necessidades e transformar essas necessidades em demandas, há uma distância muito grande. Muitas vezes as orientações das políticas estão focadas nas demandas apontadas pelas próprias políticas, na demanda de quem está propondo e não da necessidade de quem poderia aderir.

No caso do Poupança Jovem, os jovens têm dificuldades de lembrarem ou relatarem o que os mobilizaram num primeiro momento. Acreditamos que seja reflexo dessa forma de mobilização que não estabelece o diálogo com os sujeitos que participarão das ações. O processo de adesão ao programa foi efetivado no final do primeiro semestre, de forma apressada, o que nos leva a especular uma necessidade de implantar a experiência piloto rapidamente por parte da gestão estadual, já que essa ação representava para o governo do estado uma grande vitrine. Muitas vezes interesses no âmbito da política eleitoral interferem na

consolidação de um planejamento mais cuidadoso das ações públicas. Contudo, nem sempre o tempo da política coincide com o tempo da gestão, e ela acaba sendo realizada de uma forma atropelada, que acarreta consequências no nível de interesse e mobilização daqueles que seriam os principais sujeitos do processo.

O fato é que esse tumulto inicial impactou na forma como os jovens encararam o programa, o que poderemos conferir nos relatos sobre as primeiras atividades.

4.3 – Início das Atividades: o Giro Jovem

As atividades do programa tiveram início efetivo no segundo semestre de 2007, com as reuniões do Giro Jovem. Conforme destacamos anteriormente, o objetivo do Giro Jovem é proporcionar aos jovens participantes do programa atividades que permitissem o debate e a reflexão sobre questões importantes de cunho comunitário e cultural. Essa atividade foi desenvolvida nos três anos do Ensino Médio, variando apenas a periodicidade dos encontros que, no primeiro ano, aconteceram semanalmente, no segundo ano mensalmente e no terceiro ano foram promovidos três encontros. Importante destacar que no ano de 2007, a única atividade oferecida, de acordo com o relato dos jovens, foi o Giro Jovem.

Essa dinâmica do primeiro ano do programa também contribuiu para o clima de desconfiança descrito acima, já que o Poupança Jovem se apresentava como um programa que abarcava: atividades dinamizadoras; curso de informática e inglês, curso de qualificação profissional; Giro Jovem; além do benefício ao final dos três anos. Ao se depararem apenas com as reuniões semanais do Giro Jovem, no primeiro ano, os jovens reforçavam a descrença na veracidade do programa.

Aí depois nós começou a fazer aqueles encontros, no comecinho, no primeiro ano começou os primeiro encontro. Eles não era muito bom não, era nada a ver, parecia aquelas brincadeiras de criança. A gente fica nas cadeiras ao redor assim, todo mundo aí a mulher fazia uma brincadeira nada a ver, não, nada a ver (risos), aí... (Rebeca, 18 anos).

Esse primeiro depoimento sobre o Giro Jovem indica falta de identificação com a atividade proposta que, de acordo com Rebeca era caracterizado por “momentos de brincadeiras infantis”. Importante destacar a forma com a qual ela se refere ao Giro Jovem, como “aqueles encontros” e também à educadora como “a mulher que fazia a brincadeira” e finaliza como a opinião sobre as atividades que “eram nada a ver”. A forma como ela descreve o Giro Jovem destaca a baixa identificação e ausência de sentido na proposta dos encontros.

A gente ficava uma parte da tarde lá, debatendo, sabe. Às vezes, a moça que estava acompanhando nos trazia CDs pra gente ouvir, fazer um relatório, é, se a música baseava, entrava ali na questão escolar. E foi assim (Guilherme, 18 anos).

Guilherme também demonstra pouca animação em relação ao Giro Jovem. Ainda que a educadora usasse recursos, a princípio, de grande interesse dos jovens, como é o caso da música, as atividades acabavam sendo escolarizadas, exigindo que os jovens elaborassem relatórios sobre as reflexões realizadas. Aliás, isso é algo recorrente nas políticas públicas direcionadas aos jovens, que buscam a qualquer preço educá-los, não respeitando outros aspectos da condição juvenil, que ultrapassam o papel de aluno. Dayrell, Leão e Reis (2007), ao tratarem sobre o Programa Agente Jovem destacam que é possível perceber a presença da lógica escolar em grande parte das atividades que vem sendo desenvolvidas com crianças e jovens nas periferias, por ONGs ou projetos públicos, mesmo naqueles que não teriam uma relação direta com a escolarização. Os autores destacam que,

Qualquer relação ou atividade dirigida aos jovens, principalmente das camadas populares, tende a ser estruturada na ótica da educação, concretizada em práticas pensadas e pretendidas como educativas. Há uma tendência em transformar cada instante em instantes de educação, cada atividade em uma atividade educativa, ou seja, como uma atividade cuja finalidade é a formação: formar seus corpos, formar seus conhecimentos, formar sua moral. Como se não existisse outro modo de estruturação das atividades que não na forma escolar (DAYRELL; LEÃO; REIS, 2007, p.65).

Gustavo e Ingrid apresentam visões mais positivas em relação ao Giro Jovem, mas ainda é possível perceber a falta de sentido encontrado nas atividades,

que fazem com que Gustavo praticamente não se recorde dos temas discutidos e que Ingrid nem sempre tivesse vontade de comparecer aos encontros.

A gente ficava mais conversando, né? A mulher ficava perguntando a gente as coisas... era mais dinâmica, sabe? Era bacana, falava de tudo, vários assuntos é... nem lembro... falava de faculdade, falava de... ah, falava de tudo (Gustavo, 17 anos).

Tinha dias que eu não queria ir, que eu queria ficar em casa. Aí, eu acabava indo por ir. Mas, quando eu queria ir mesmo, aí era mais legal, porque a gente ficava vendo vídeo, né? Na televisão, ficava conversando, tinha o lanche lá também né? O horário do intervalo lá. Mas era legal até (Ingrid, 18 anos).

Chama-nos a atenção a forma como Rebeca, Guilherme e Gustavo se referem às educadoras, chamando-as por “mulher” ou “moça”. Essa forma de se referir aos representantes do Poupança Jovem na escola sugere uma dificuldade de compreensão do papel dessas pessoas, que não são consideradas professores e nem eram chamadas pelo nome, demonstrando a fragilidade na construção das relações entre os alunos e tais educadores.

Contrapondo de certa maneira essa visão mais negativa sobre o Giro Jovem, Júlia e Jenifer destacam pontos positivos das atividades, como o desenvolvimento da capacidade de trabalhar em grupo, convivência com diferentes pontos de vista e a possibilidade de diálogo sobre temas diversos.

E lá acontece como se fosse uma forma de todo mundo trabalhar em grupo, te ensinar a trabalhar em grupo, aceitar opiniões que você não concorda, opiniões que podem ser melhor que a sua, como se fosse convivência com pessoas. Te ensinar a trabalhar em grupo mesmo (Júlia, 17 anos).

Ah, era legal. Tinha dinâmica, tinha, ah, tinha muita coisa proveitosa lá. A psicóloga ela, assim sabe, ela conversava com a gente, se a gente tivesse precisando de alguma coisa, conversava com a gente... (Jenifer, 19 anos).

A partir desses depoimentos sobre as atividades do Giro Jovem, um questionamento que fizemos foi sobre a validade e sentido das atividades

realizadas. Em muitos momentos os jovens dão a entender que o tempo reservado ao Giro Jovem nem sempre era aproveitado com atividades que realmente pudessem auxiliar em algo em suas vidas. Reflexo desse fato é a dificuldade que eles encontram em descrever o que foi o Giro Jovem, quais atividades foram marcantes.

Em geral eles avaliam o Giro Jovem como bom, legal, espaço para se discutir vários assuntos. Contudo, não demonstram impressões que tenham sido significativas em sua trajetória durante os três anos. Voltamos a reforçar uma característica recorrente nas políticas voltadas para juventude, onde há uma preocupação em ocupar o tempo dos jovens, muitas vezes com atividades que não fazem sentido para eles. Algumas vezes, sendo o único eixo que orienta os programas e os jovens são obrigados a comparecerem porque, no desenho do programa, constam tais atividades.

Outra questão que nos chama a atenção refere-se à elaboração de tais atividades. Quem são os responsáveis pelo planejamento? Como as atividades são pensadas? Será que os jovens são levados em conta quando se organiza o planejamento? Ou será que a preocupação é com a discussão de temas pré-determinados?

Previamente, sabemos que a equipe de educadores do Poupança Jovem é formada por uma diversidade de profissionais, dentre os quais vários não possuem formação para atuar na área da educação, muito menos, com o público específico de jovens, que requerem uma metodologia que leve em conta as demandas dessa fase da vida. Com certeza, essa escolha por uma equipe tão diversa, acarreta em conseqüências para o trabalho pedagógico. Resta-nos questionar o motivo de tal escolha: será que a opção por uma equipe de formação tão variada está relacionada à ampliação de possibilidades de contratação? Ou será que essa variedade de profissionais atende outras demandas da própria política, como por exemplo, a contratação de profissionais por meio de indicação? Seria possível amenizar esses diferentes níveis de conhecimento da área de educação com formações mais recorrentes? Ou será que existe uma compreensão de que esse trabalho pode ser realizado por qualquer pessoa que possua alguma instrução?

4.4 – Os Cursos e as atividades dinamizadoras

Como destacamos anteriormente, a proposta do Poupança Jovem era oferecer duas linhas de cursos: a primeira seria os cursos de informática e inglês, sendo que o curso de informática seria ministrado por uma instituição especializada, que ficaria responsável também pela elaboração dos materiais pedagógicos e disponibilização dos equipamentos necessários. O curso de informática seria ofertado a todos os alunos nos módulos básico e avançado. Já o curso de inglês tinha caráter opcional, sendo ofertado para 1/3 dos participantes, com carga horária de 120h, distribuindo-se ao longo de oito meses, durante o segundo ano.

A segunda linha de cursos seria direcionada à qualificação profissional, que teria como foco principal os alunos do terceiro ano. Esta qualificação foi desenvolvida por meio de parcerias com instituições especializadas, especialmente aquelas credenciadas para compor a Rede Mineira de Formação Profissional Técnica de Nível Médio, do Programa de Educação Profissional (PEP) da Secretaria de Estado de Educação – SEE. A carga horária e os objetivos da Qualificação Profissional ficaria a cargo da instituição responsável, de acordo com as ocupações oferecidas.

No estudo realizado pela João Pinheiro Consultoria Junior no ano de 2007, quando os jovens alunos iniciavam o Ensino Médio, foi realizado um levantamento de preferências dos jovens em relação a atividades esportivas e interesses profissionais.

Analisando a Tabela 6 de forma global identifica-se que os esportes/ atividades esportivas que os alunos tinham mais interesse em praticar eram: Futebol (45,83% dos alunos), Natação (39,99% dos alunos), Academia (39,35%) e Dança (36,11% dos alunos). Entretanto, analisando as preferências esportivas especificamente por sexo tem-se que: os esportes que os alunos (homens) tinham mais interesse em praticar eram futebol e academia; já as alunas (mulheres) preferiam praticar dança e natação. É importante destacar que modalidade esportiva que obteve a distribuição mais homogênea de ocorrências, ou seja, a modalidade que mulheres e homens preferiam quase que na mesma proporção era academia.

TABELA 6

Preferências esportivas dos alunos - Ribeirão das Neves - 2007					
Esportes	Homens	Mulheres	Não Informado	Total	% de Alunos
Futebol	1197	362	11	1570	45,83
Natação	555	810	5	1370	39,99
Academia	642	701	5	1348	39,35
Dança	259	972	6	1237	36,11
Vôlei	367	581	5	953	27,82
Esportes radicais	483	218	5	706	20,61
Judô	316	219	3	538	15,70
Queimada	40	339	2	381	11,12
Basquete	260	67	0	327	9,54
Peteca	72	219	0	291	8,49
Handball	86	145	2	233	6,80
Ginástica olímpica	21	135	1	157	4,58
Atletismo	70	31	0	101	2,95
Tênis	35	14	0	49	1,43
Tênis de mesa	32	11	0	43	1,26
Não gosto de esportes	42	74	2	118	3,44

Fonte: João Pinheiro Consultoria Junior

A tabela 7 apresenta áreas de atividades profissionalizantes em ordem decrescente de interesse declarado pelos pesquisados. A maioria, 66,58% dos alunos, informou que tinha interesse na área de informática. Esse grande interesse se deve à necessidade de compreender e manusear um recurso tecnológico amplamente utilizado pela sociedade.

Administração foi a área de interesse de 41,83% e saúde de 28,52%. O resultado parece indicar uma pretensão de especialização a nível superior ou técnico nessas áreas. Telecomunicações aparecem em seguida com 27,82% de interesse, profissão amplamente difundida no mercado de trabalho atual, vista como uma oportunidade para os alunos.

A área agrícola foi a que apresentou menor número de interessados, o que demonstra um afastamento dos jovens em relação a atividades ligadas ao campo e uma maior preferência por práticas urbanas e tecnológicas.

A pretensão por profissões manuais especializadas, que abrange Mecânica, Eletricidade, Obras e Marcenaria foi grande, 47% dos alunos demonstraram. A tabela abaixo mostra a porcentagens de jovens de acordo com a área profissionalizante de interesse.

TABELA 7

Atividades Profissionalizantes de Interesse - Ribeirão das Neves - 2007		
Atividade Profissionalizante	N. de Alunos	% de Alunos
Informática	2281	66,58
Administração	1433	41,83
Saúde	977	28,52
Telecomunicações	953	27,82
Eventos	928	27,09
Mecânica	811	23,67
Artística	726	21,19
Vendas	716	20,90
Assistência técnica	599	17,48
Culinária	551	16,08
Eletricidade	507	14,80
Higiene / embelezamento	458	13,37
Corte costura / moda	250	7,30
Serviço social	186	5,43
Obras	148	4,32
Marcenaria	127	3,71
Agrícola	86	2,51

Fonte: João Pinheiro Consultoria Junior

Mesmo diante do levantamento realizado no início do programa, podemos perceber que entre os jovens entrevistados, estas demandas não chegaram a ser completamente atendidas. Os cursos que estes jovens tiveram a oportunidade de freqüentar foram: Informática, Inglês, Estética, Contabilidade, Violão, Dança, Cabeleireiro. A partir desta lista podemos verificar que as atividades esportivas praticamente não foram oferecidas, já que apenas uma jovem participou da aula de dança, e todos os outros entrevistados disseram que não participaram de atividades esportivas promovidas pelo programa. No que diz respeito à qualificação profissional, percebemos que a informática, que se configurou na maior demanda dos jovens, foi oferecida. Porém, outras atividades desejadas não chegaram a entrar na lista de opções destes jovens.

Eu fiz foi só informática e tinha informática, estética, que uma colega minha fez, acho que é só o que tinha. Elétrica, tinha elétrica que os meninos fizeram e eu acho que foram só esses, se não me engano. Ah, tinha de inglês também. Tinha informática e inglês, só que inglês era restrito, não eram todos que faziam. Acho que tinha uma quantidade de vagas lá então muitas pessoas deram o nome, mas não chegaram a fazer (Felipe, 20 anos).

Parte desta baixa oferta de cursos pode ser explicada pela estrutura do próprio município, que diferentemente da capital, não conta com um grande número de escolas de formação técnica e profissional.

Além da baixa quantidade de opções, os jovens tinham que aguardar longos períodos para iniciarem os cursos, dependendo da disponibilidade de vagas oferecidas pelas instituições parceiras.

Isso, porque era, tinha o tanto de gente que podia entrar, aí tinha que esperar, porque... ah, no segundo ano eu não fiz nenhum curso, fiquei só aguardando, aí depois que eles me chamaram pra fazer o curso, aí eu fiz o curso de contabilidade. O de informática era o que ficava mais cheio. Foi o de informática que eu tava esperando vaga. Mas era isso (Rebeca, 18 anos).

Em geral, os cursos oferecidos tiveram curta duração, o que pode indicar superficialidade na formação. De acordo com os jovens, os cursos tinham duração média entre dois e quatro meses. Dependendo da formação escolhida, esse período era insuficiente para garantir o aprendizado.

A gente, a gente que foi a primeira etapa do programa, foi praticamente, digamos, cobaia, porque pra gente foi, saiu o curso de informática, o curso de informática avançada, só que quando era pra gente começar, eles tavam começando a fazer as salas. Então nós pegamos um mês, dois meses de curso, então foi muito, muito início, tudo muito começo, a gente viu muito sombra do Poupança Jovem (Júlia, 17 anos).

Um problema com relação aos cursos foi a certificação. Os jovens revelam que mesmo concluindo todas as atividades propostas, não receberam o certificado do curso, o que segundo eles, foi uma perda.

Assim, eu não recebi certificado de nenhum curso do Poupança Jovem. E eles deram vários cursos. Eu recebi certificado de um que não saiu ainda, eu concluí um que o certificado não saiu até hoje. (Júlia, 17 anos).

Agora, no começo do segundo ano que eles começou a fazer esses cursinhos, que foi muito bom, teve de inglês, eu fiz ali de contabilidade, ali, que foi bom também. Só que tem um porém, um problema, eles não falaram que ia fazer o certificado né? E não entregaram até hoje. Eu fiz curso de contabilidade, o que mais que

eu fiz? Eu fiz de computação e informática, e não deram, não entregaram nada. E seria bom pra mim, pra trabalhar (Rebeca, 18 anos).

Já em relação às atividades dinamizadoras, aquelas referentes aos passeios, excursões e atividades externas, os jovens apresentam considerações divergentes. Júlia avalia tais atividades de maneira mais positiva, destacando a possibilidade de fazer algo que, até então, ela ainda não havia tido oportunidade de fazer:

A gente foi ao cinema, a gente foi no teatro, numa cidade histórica, eu não lembro o nome e lá tinha uma peça de teatro. Eu nunca tinha ido no teatro. Nossa, foi muito bom, foi muito interessante. Aí cê vê pessoas, cê revê pessoas que cê viu no primeiro encontro do Poupança Jovem. Aí começa a ter aquela relação mais interessante (Júlia, 17 anos).

Já Michael comenta sobre uma das atividades com menos empolgação. Talvez a falta de entusiasmo esteja ligada ao tema da atividade, que parece não ter despertado o seu interesse:

Foi numa usina de reciclagem. Foi numa usina de reciclagem e depois foi no Cine Mark. O filme foi sobre reciclagem também... Como é que no é México, poluição, matava os peixinhos... Foi legal... (Michael, 18 anos).

Guilherme apresenta outro ponto de vista sobre as atividades dinamizadoras, para ele, as atividades tinham um objetivo claro, que era o de ensinar algo e por este motivo, comparava vivências com a própria escola. Como já comentamos no tópico 4.3 deste capítulo, é recorrente em políticas públicas voltadas para juventude a tentativa de tornar todos os tempos, em tempos de aprendizados para os jovens. Guilherme classifica algumas destas atividades como chatas, mas que mesmo assim precisam ser realizadas, pois são obrigatórias:

Aí eu fui vendo que foi lugares que a gente foi conhecendo, pra eles passarem coisas pra nós aprendermos mesmo. Aí foi indo, em excursão, muitos lugares, palestras mesmo. Nossa, tinha palestra que era chata demais, mas tinha que tá lá né? Aí foi assim, aí fui vendo que era praticamente uma outra escola, um cursinho básico que eles davam, entendeu? (Guilherme, 18 anos).

Os cursos e as atividades dinamizadoras configuraram-se como momentos importantes na compreensão do programa, já que tais atividades representavam um dos eixos centrais do formato do Poupança Jovem. De acordo com o relato dos jovens, percebemos que esta ação experimentou as mesmas dificuldades de outras etapas da execução do programa, sendo acompanhada de tentativas de implementação de um planejamento, que não conseguiu abarcar as especificidades estruturais do município de Ribeirão das Neves. Desta forma, os cursos foram ofertados de maneira aleatória entre as escolas, dependendo das condições de oferta de cada região, deixando poucas possibilidades de escolha por parte dos jovens.

4.5 – As repercussões

Antes de focarmos nas falas dos jovens sobre as repercussões, utilizaremos dados divulgados pela imprensa oficial do governo do estado de Minas Gerais sobre o programa, divulgando os primeiros resultados após a experiência piloto.

De acordo com o referido veículo de comunicação, em novembro de 2010, estudantes que participam do programa Poupança Jovem em Ribeirão das Neves permanecem e foram mais aprovados no Ensino Médio entre escolas da rede pública estadual. A avaliação por amostragem de turmas do programa em 2007 e 2008, nas unidades de Neves e Ibirité, mostrou queda de 20% na repetência e de 55% na evasão, quando comparadas com turmas de escolas estaduais de municípios vizinhos.

A avaliação da primeira turma de Ribeirão das Neves, onde o programa foi iniciado em 2007, mostrou queda de 22% na repetência e de 11% na evasão em relação a escolas estaduais em Belo Horizonte, Esmeraldas e Pedro Leopoldo. Esses são os resultados preliminares da pesquisa realizada pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG (Cedeplar), em parceria com a SEDESE.

Ainda de acordo com dados divulgados pela Imprensa Oficial, no caso da primeira turma de Ribeirão das Neves, a avaliação mostrou queda estatisticamente significativa no comportamento de risco, medido a partir de um indicador cumulativo associado ao consumo de bebidas, fumo, uso de drogas e envolvimento com gangues. O indicador construído foi menor entre os alunos atendidos pelo programa em comparação com os não atendidos.

As informações supracitadas são, de certa forma, uma resposta do governo do estado sobre as repercussões do programa. Como mencionado, os dados são oriundo de uma pesquisa realizada pela Cedeplar, mas que não conseguimos ter acesso. Dessa forma, não podemos nos apropriar das informações, que foram divulgadas de maneira sucinta. Em todo caso, observamos que os resultados são aparentemente positivos, pelo menos no âmbito estatístico. A seguir vamos nos aprofundar nas repercussões do programa sobre o ponto de vista dos jovens atendidos e apreenderemos estes resultados no âmbito qualitativo.

4.5.1 – O Poupança Jovem concomitante à vivência do Ensino Médio

O ponto central dessa investigação está centrado nas repercussões do Poupança Jovem nas experiências escolares dos jovens participantes, ou seja, na relação estabelecida entre as atividades do programa e a vivência do ensino médio. Desta forma, traremos a seguir algumas falas dos jovens sobre duas questões: a primeira diz respeito ao entendimento do programa como incentivo para a finalização dos estudos e a outra é relativa à relação entre o desempenho dos jovens no ensino médio e a relação com o programa.

1) Incentivo para finalização do Ensino Médio:

Na primeira questão podemos observar que os jovens entrevistados indicaram que a principal característica do programa para incentivo aos estudos foi o benefício financeiro. Guilherme exemplificou a relação estabelecida entre permanecer na escola e em troca receber o benefício:

A educação assim, eu acho assim a educação muito fraca em alguns pontos e isso foi uma, como se diz, entusiasmou algumas pessoas que não gostavam de estudar, mas tava ali, nem que fosse forçado, mas tava ali (...). Pra mim foi um incentivo, não vou falar com você que foi um incentivo, não foi, porque de qualquer forma eu queria formar. Independente se tivesse rolando dinheiro ou não, eu queria formar, queria ter isso na minha vida, porque, com o estudo, tá difícil demais arrumar emprego, sem estudo então, nem com a metade que você tiver, é muito difícil também (Guilherme, 18 anos).

Guilherme esclareceu que mesmo não sendo seu caso – que terminaria o ensino médio com ou sem o programa – para muitos jovens o Poupança Jovem tornou-se um incentivo. Importante destacar como ele enxergava a relação de permanência estabelecida, “mesmo que seja forçado”.

Seguindo esta linha, podemos dizer que Michael lançou um olhar parecido sobre a relação estabelecida entre a permanência na escola e a participação no programa:

Não, porque, na escola era assim, se você matasse aula você perdia o Poupança Jovem. Ai foi nisso que eu fiquei mais preso dentro da sala de aula, aprendi até bem mais, nunca mais matei aula e ninguém também da minha sala não matou. Todo mundo foi normal (...) Ah, com Poupança Jovem, parece que deu mais vontade de estudar. Quando eu estava na oitava eu estudava por estudar mesmo, pra mim formar (...) E no primeiro ano, depois de ter matado aula, depois que eles chagaram ai me incentivou mais a estudar e igual, com o poupança jovem, eu nem vi nem o tempo passar. Passei, assim, de olho fechado. (Michael, 18 anos)

Com a chegada do Poupança Jovem, ele passou a se sentir mais “preso dentro da sala de aula”, ou seja, antes do interesse em aprender, predominou um estímulo externo para que ele não deixasse o espaço da sala de aula. Neste sentido, ele apontou que o fato de permanecer dentro da sala fez com que aprendesse mais, sentiu mais vontade de estudar e concluiu o ensino médio sem problemas.

Gustavo, assim como Guilherme, destacou que independentemente da ação do Poupança Jovem, concluiria o ensino médio. Desta forma, não considerou que o programa tenha sido um incentivo para ele.

Pra mim se tivesse, ou não tivesse, eu ia freqüentar (o ensino médio). Porque eu não ia parar de estudar. Mas pra quem não tem interesse em nada mudou alguma coisa, porque no final do ano eu

tenho dinheiro. Pra mim incentivou, foi bom, mas... incentivar não incentivou não porque eu não ia parar de estudar (Gustavo, 17 anos).

Já Rebeca conseguiu estabelecer uma relação direta entre o fato de se dedicar mais aos estudos e o recebimento do benefício. Para ela, o valor de três mil reais foi uma motivação para concluir o ensino médio. Entretanto ela reconheceu que para muitos jovens o benefício não serviu como um incentivo.

O programa aí, ele ajudou, tipo a pessoa estudar mais, porque três mil não cai do céu assim não. Quando, quando... nós nem tava acreditando que era verdade, todo mundo tava duvidando que esse dinheiro ia ser, que ia cair na nossa mão mesmo. Aí nós, tipo foi um motivação pra estudar né? Mas tem alguns que nem ligava, tava nem aí, não estudava nada, não acreditou. Mas eu, muitos colegas da minha sala esforçou muito pra passar por causa dos três mil. (Rebeca, 18 anos).

2) Relação com o desempenho no Ensino Médio

No segundo eixo, percebemos que o programa teve pouco reflexo nas experiências diretamente relacionadas ao ensino médio. Quando questionados se o Poupança Jovem ajudou a melhorar o desempenho escolar a maior parte dos jovens considera que não.

Pesquisadora: Você acha que o Poupança Jovem melhorou o seu desempenho na escola?

Felipe: Não. Eu acho assim, o meu desempenho foi melhorado por mim mesmo.

Pesquisadora: Veio anterior?

Felipe: Veio anterior. Eu queria crescer, ser alguém, aprender as coisas e às vezes, por causa da matéria, também me chamava muita atenção. Porque eu sempre fui curioso, sempre quis saber essas partes, estudar mais um assunto. Então eu acho que foi por causa disso mesmo. Pelo meu interesse.

Felipe apontou que seu desempenho dentro da sala de aula estava diretamente relacionado ao interesse que ele tinha em relação às disciplinas. Desta forma, não conseguiu estabelecer uma relação entre a participação no programa e a melhora do desempenho escolar.

Júlia também partilhou de opinião parecida:

Poupança Jovem não teve nenhuma influência em relação à matéria, aprendizado, em relação à conteúdo escolar não. Acho que o

Poupança Jovem queria influenciar você a daí pra frente, a da escola pra frente, pra ser um cidadão, não pra ser um futuro estudante. Era mais pra ser um, um, cê planejar uma vida, uma vida dali pra frente. Não que ali cê num tivesse, né, mas no foco de ser um ótimo estudante, é, pra eles era uma motivação pra influenciar o aluno a estudar porque ele ia ter o dinheiro e isso acho que funciona sim, porque afinal de contas quem não quer dinheiro? Mas ao mesmo tempo, mais é pra, praquelas pessoas que já não gostam de estudar e já não pensavam, ah, vou estudar pra quê. Essas pessoas ligam mais pro interesse material, liga mais pro dinheiro, não pensa que o conhecimento é algo que ninguém pode tomar (JÚLIA, 17 anos).

A jovem reforçou a idéia de não haver uma ligação direta entre o programa e o desempenho no ensino médio e enxerga as ações do Poupança Jovem muito mais voltadas para um conhecimento que não é o escolar. Está mais ligado ao conhecimento de cidadania.

Já Michael conseguiu estabelecer uma relação entre os aprendizados adquiridos a partir do programa e os conhecimentos necessários no desenvolvimento do ensino médio:

Agora que eu lembrei do de inglês, no terceiro ano...Foi, 3 meses, deram apostila, CD. Tenho até guardado até hoje ali... Estudei, comecei a tirar até, eu fechava as notas de inglês. Me ajudou bastante (Michael, 18 anos).

4.5.2 – O Benefício

Sob o ponto de vista dos jovens, o benefício financeiro, configurou-se como a mais importante característica do Poupança Jovem. Isso se deve em grande parte, ao próprio desenho do programa, que desde o princípio enfatizou na transferência de renda, seu principal atrativo para os jovens. Na discussão anterior pudemos visualizar claramente o lugar de destaque dado ao benefício, quando os jovens tratam das repercussões do programa. Mas será que os jovens só participam destas atividades por causa do dinheiro?

Em geral, nos programas que se caracterizam pela transferência de renda, os participantes relatam que muitas pessoas permanecem no programa apenas pelo benefício financeiro.

Isto é algo que podemos problematizar, pois quando se afirma que alguns jovens só participam de determinadas atividades para receber um benefício financeiro, significa que o sentido atribuído à atividade em si, não tem valor, ou seja, exprime que a atividade não tem poder de mobilização, de despertar o interesse dos jovens.

Muitos programas acabam traduzindo no dinheiro o sentido maior para adesão/permanência dos participantes. E dessa forma incentivam os mesmos a atribuírem um valor extrínseco ao programa, na remuneração que vão receber.

Em contraposição a esta situação, podemos observar que existem outros tipos de propostas em que os jovens não recebem nenhum benefício e, entretanto, freqüentam as atividades. Isso se deve ao fato dos jovens conseguirem atribuir um valor intrínseco à própria atividade, que pode ser o fato de estar junto, de encontrar os colegas, de sair de casa, ou seja, que existam outros interesses que os satisfazem nesta mobilização, principalmente no âmbito da sociabilidade. Um exemplo deste tipo de atividade é a participação na igreja, em que embora os jovens não recebam para participar, eles estão presentes.

O que fica claro é a necessidade de fazer com que as atividades propostas para os jovens tenham sentido para eles, de modo que os jovens consigam perceber o valor da atividade nela mesma, e não apenas num benefício que virá.

No caso do Poupança Jovem, percebemos que esta tensão entre permanência no programa/escola e o recebimento do benefício existe. Porém, torna-se difícil separar de maneira dicotômica se os jovens aderem ao programa interessados nas atividades propostas ou apenas no benefício. O importante é destacarmos a necessidade de que no desenho de tais programas haja a preocupação com o sentido das atividades oferecidas, bem como a importância do benefício para os participantes.

Na perspectiva de compreendermos a importância do benefício para os jovens que participaram do programa, podemos visualizar no gráfico 24 uma comparação entre como os jovens pretendiam gastar o benefício 2007 e 2009.

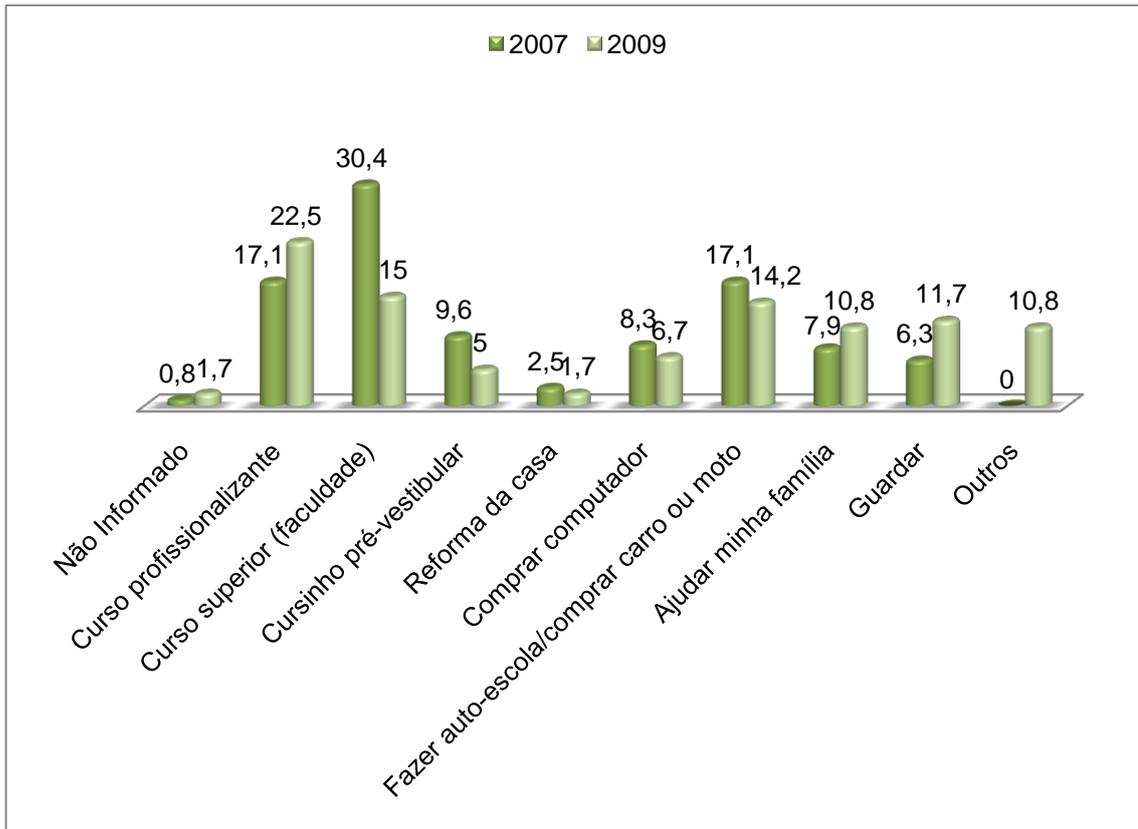


GRÁFICO 24 – Uso do benefício – 2007 e 2009

A primeira afirmação que podemos fazer é que no ano de 2007, a maior parte dos jovens, aproximadamente 30%, estavam interessados em investir o benefício no curso superior. No ano de 2009 esse número cai para a metade. Vários razões podem ter motivado a queda deste valor, uma delas pode ser o conhecimento de que o benefício não é suficiente para garantir nem mesmo o primeiro momento no ensino superior, outra possibilidade pode ser a mudança de planejamento, fazendo opção pelo curso técnico em detrimento da faculdade, etc. Outros projetos de gasto do benefício também ganham destaque. É o caso do acesso a um meio de transporte representado na opção “Fazer auto-escola/comprar carro ou moto”, que apresentou uma média de 15% dos interesses dos participantes.

Entre os entrevistados, observamos o uso do benefício de maneira diferenciada, dependendo principalmente das condições econômicas de cada família. Michael, por exemplo, optou por ajudar em casa:

Igual, ajudar a minha mãe a reformar a casa, comprar os móveis, através do Poupança Jovem eu falei assim, “eu vou fazer o seguinte, pega o dinheiro compra o seu guarda-roupa, sua cama”, eu comprei minha cama, meu guarda-roupa, a mesa. E teve um, igual, esse

negócio assim teve que passar o cartão, porque o dinheiro não deu não (Michael, 18 anos).

Já Felipe, que tem o suporte financeiro familiar optou por não utilizar o dinheiro, que na época da entrevista, ainda estava intacto na conta poupança:

Olha, eu ia gastar até na compra do carro, inteirar, mas, graças a Deus não precisou e eu ainda tenho ele guardado ainda. (Felipe, 20 anos)

Os outros jovens gastaram da seguinte maneira:

- ❖ Júlia, assim como Felipe, ainda não havia gasto nenhuma parte do dinheiro, pois pretendia investir em materiais quanto entrasse na faculdade.
- ❖ Rebeca aproveitou o dinheiro para viajar, emprestou uma parte para seu padrasto, e investiu na carteira de habilitação.
- ❖ Jenifer também optou por investir o dinheiro na habilitação de motorista.
- ❖ Gustavo comprou algumas roupas e guardou o dinheiro para investir na habilitação, quando completasse 18 anos
- ❖ Guilherme, assim como Michael, ajudou em casa. Com parte do dinheiro ele colocou cerâmica na casa inteira e com a outra parte deu início ao processo para tirar a carteira de motorista.
- ❖ Ingrid comprou roupas, sapatos, foi ao cinema e comprou alguns presentes: um microondas para sua mãe, um celular para o pai e outro para o namorado.

Vários destinos foram dados ao benefício recebido e o que destacamos é a importância desse momento para os jovens, que em geral se mostraram muito animados ao relatarem os investimentos. Observamos que o benefício significou a possibilidade de consumir, de terem controle sobre uma renda significativa, a oportunidade de auxiliar a família e de fazer planos.

4.6 – A especificidade da experiência piloto

Uma das surpresas nesta investigação foi encontrar adultos e idosos vinculados ao Programa Poupança Jovem. A princípio, nossa expectativa era encontrar em nosso universo de sujeitos, apenas jovens matriculados no Ensino Médio e que os demais alunos, que se encontrassem fora da faixa etária da juventude, não estivessem vinculados ao programa, porém, na turma do ensino noturno de uma das escolas, encontramos 12 pessoas com idade superior a 30 anos de idade que participavam do Poupança Jovem. Diante deste contexto, decidimos entrevistar Ester, 58 anos, auxiliar de serviços gerais, que nos auxilia na reflexão sobre a experiência do programa.

Ester estudou até a quarta série do Ensino Fundamental no ano de 1964 e só retomou seus estudos no ano de 2006, em uma turma de Educação de Jovens e Adultos, onde cursou em um ano as séries finais do ensino fundamental. No ano de 2007 ela deu início ao Ensino Médio em uma turma de ensino regular noturno. Neste mesmo ano, o programa Poupança Jovem foi instituído e a princípio, todos os alunos matriculados em escolas públicas estaduais do município de Ribeirão das Neves poderiam se inscrever para participar das ações do programa. Ester e outros colegas adultos aderiram ao programa e iniciaram as atividades junto com os jovens da escola.

O que observamos é que as mesmas instruções direcionadas aos jovens foram também dadas aos adultos, que deveriam participar de todas as atividades do programa. Ester nos relata que se interessou pelas atividades e que se dispôs a participar, mas destacou, assim como outros jovens, que as atividades só vieram acontecer no último ano do Ensino Médio:

Falou que nós tinha que participar de todos tipos de atividade que eles desse. Igual a gente saía pra fora, ia em alguma coisa, excursão, palestra, que a gente tinha que participar. Aí eu participei e gostei. Uma pena que quando eles lançaram os cursos pra fazer a gente já tava quase saindo da escola. Porque demorou eles preparar os lugar pra gente fazer. Igual foi no primeiro ano né? No segundo ano não teve nada, curso nenhum... foi no terceiro ano que nós conseguimos fazer mas já tava terminando também. Não deu pra aprender quase nada (Ester, 58 anos).

Dentre as opções oferecidas, Ester só conseguiu fazer o curso de informática. Sobre o curso ela diz que deu para aprender muito pouco, pois só havia uma aula por semana e ela não tinha onde praticar. Outra dificuldade era a distância para chegar ao curso, sendo necessário usar o transporte coletivo com dinheiro retirado do próprio bolso.

Quando perguntada sobre as atividades do Giro Jovem, Ester relata:

Era brincadeiras, fazia perguntas se a gente tava interessado mesmo, se tava gostando. Era uma vez por semana, sempre tinha no sábado. Bom, para os mais novo era bom, mas eu não tinha graça mais pra essas coisas mais não. Teve algumas que eu não participava não. Mas outras eu participava (Ester, 58 anos).

O relato de Ester sobre o Giro Jovem indica o descompasso entre a proposta do programa e a real capacidade em atender o público específico de adultos. Além da inadequação das atividades, Ester também relata como foi participar de um programa voltado para jovens:

Eu gostei. Eles (os jovens) mesmo que falavam “nossa participar com véio” e eu falava “não tem problema, se ocês tá achando ruim, eu não tô não”. Falavam! Falavam na brincadeira. Mas a gente via que eles... Teve um que nem quis estudar na nossa sala, falou que não ia ficar em sala de véio não. Porque na minha sala só tinha gente mais de idade mesmo, no primeiro ano. Só tinha gente mais de idade. Quando foi no segundo, já foi misturando, já foi outros mais novo. No terceiro foi mais novo ainda. Mas no primeiro ano mesmo, só tinha gente mais de idade (Ester, 58 anos).

O que percebemos com este caso específico, é que no momento da definição do desenho do programa, alguns detalhes passaram despercebidos, e uma das consequências desse descuido foi a inclusão de um público que o próprio programa não estava preparado para receber. Foi só a partir do Decreto n. 44.548 publicado no dia 22 de junho de 2007 que o critério idade passou a fazer parte das condições gerais de ingresso no programa. Neste período, muitos adultos já haviam se inscrito no programa, o que configurou-se em uma especificidade da experiência piloto.

4.7 – A avaliação geral

Diante de todo o percurso realizado pelos jovens durante o ensino médio e a participação no programa Poupança Jovem, de maneira geral, eles avaliam a experiência como muito positiva.

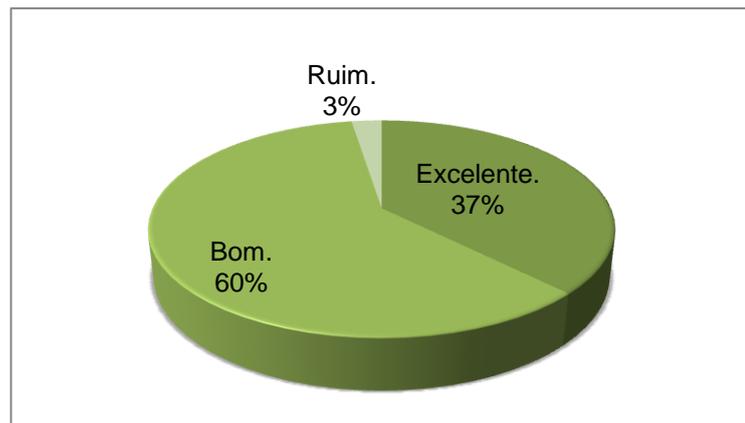


GRÁFICO 25 – Avaliação do Programa Poupança Jovem - 2009

Os dados do gráfico 25 revelam que mais de 95% dos jovens que responderam ao questionário no ano de 2009 avaliam a experiência como positiva, sendo que quase 40% consideraram o Poupança Jovem excelente. Essa avaliação positiva em torno da experiência é recorrente neste tipo de ação, onde os jovens tendem a considerar todo o processo para dar o resultado. Vários critérios são levados em conta como a possibilidade de sair de casa, de encontrar os amigos, de terem oportunidades de formação, de ocupar o tempo, e é claro, a chance de receber o benefício.

Que eu mais gostei foi disso, conheci novas pessoas. Tanto é que eu vou em alguns lugares que algumas pessoas me conhecem por causa do poupança jovem, que fez a gente ver pessoas diferentes e entrosar, né? (Guilherme, 18 anos).

Mas mesmo com a avaliação positiva, os jovens são capazes de fornecer pistas sobre o que eles consideram como falhas e deixam suas sugestões para que o programa melhore:

Eu acho que assim, deveria é ter mais excursão, sabe, pras pessoas interagir umas com as outras. Que muitas vezes tinha, mas a gente era restrito de misturar com o pessoal. Eu acho que devia ter isso, mas liberdade de conversar com as pessoas e tudo (Guilherme, 18 anos).

Guilherme também revelou a necessidade de se dar mais liberdade aos jovens no desenvolvimento das atividades e denunciou uma postura de infantilização no tratamento dos jovens. Além da crítica sobre a presença inconstante de representantes do Poupança Jovem na escola:

Porque muitas vezes a gente tinha que sentar em grupinhos, não podia sair, então isso era muito chato. As palestras também não vou falar que as palestras era muito boa porque era irritante, tinha hora. Mas às vezes, no intervalo, a gente meio que poderia tá ali se misturando, eles não, “faz a fila, vão com o moço, que...”. Tinha fila, o trem era chato, sô. Fila indiana, aí tinha que ir, uma atrás do outro. Nosso Deus, era horrível, porque a gente daquele tamanho, uns marmanjão velho, entendeu? Aí isso que eu ficava assim, indignado mesmo. Aí nós, fora isso, muito bom mesmo eles ter, e o outra também, ter a convivência deles, dos auxiliares na escola, que muitas vezes sumia, sabe? Ficava três meses sem ir, aí a gente ficava doido. Eu mesmo falava: “ih gente, esse trem de dinheiro, vai ter dinheiro não. Se fosse vocês estudava mesmo e caça um jeito de comprar seus negócios”. Eu mesmo não acreditava, só acreditei mesmo depois que eu vi meu cartão chegando. Mas que eu vi a falta deles lá, muitas vezes a gente querendo tirar uma dúvida e não ter ninguém pra tirar a dúvida (Guilherme, 18 anos).

Finalmente, Júlia manifestou sua opinião sobre o planejamento do programa, corroborando para a o fato que constatamos no início deste capítulo, a forma atropelada que a proposta piloto foi executada.

O Poupança Jovem, pra mim foi mais uma experiência, assim, inicial. Uma experiência que eu acho que deveria ter sido mais planejada. Eu acho que eles antes de anunciar já tinha que ter o planejamento. Já tinha que ter tudo assim, ah, vai ser aqui, vai ser aqui, vai ser aqui, as atividades vão ocorrer aqui, eu acho que deveria ter sido assim, porque essa correria de última hora, acaba que a gente faz e não faz ao mesmo tempo, quando faz, faz corrido (Júlia, 17 anos).

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso principal objetivo nesta pesquisa foi investigar as repercussões do programa Poupança Jovem nas experiências escolares de jovens egressos do ensino médio em Ribeirão das Neves.

Para tanto, buscamos compreender o Poupança Jovem, suas concepções e seus principais objetivos. Ao final desta investigação percebemos que o programa foi inicialmente desenhado de uma maneira, mas só ganhou forma no decorrer da ação. Como nossa investigação focou-se na primeira turma do programa, vários foram os apontamentos sobre as instabilidades iniciais, como as dificuldades para o início das atividades, a demora na conclusão dos convênios e parcerias. A forma como o programa foi executado teve impacto sobre as atividades oferecidas, fazendo com a experiência da turma piloto fosse limitada, com menores possibilidades de escolha por parte dos jovens e mau planejamento dos tempos entre os anos do Ensino Médio. Os contratemplos estiveram presentes em todas as etapas da execução da experiência piloto, mas ainda sim o programa foi executado, chegando a cumprir as etapas previstas.

Com esta pesquisa pretendíamos também conhecer e descrever as trajetórias escolares dos jovens pesquisados. Este objetivo foi resignificado no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, já que ao tratarmos de trajetórias escolares, precisaríamos de um investimento metodológico incompatível com o tempo destinado ao mestrado. Diante deste impasse, o que conseguimos captar foram fatos marcantes na experiência vivenciada no Ensino Médio pelos jovens. Mas ainda que estes fatos não representem a totalidade das trajetórias escolar destes jovens, podemos dizer que eles contribuíram para o melhor entendimento da relação que os jovens estabeleceram entre o Ensino Médio e o programa Poupança Jovem.

Buscamos identificar como os jovens avaliaram a experiência de participação no programa, bem como perceberam a interferência deste em sua experiência escolar. Este foi um dos objetivos que mais contribuíram para refletirmos sobre as repercussões do programa. A partir da fala dos jovens, pudemos conhecer diversos pontos de vista sobre a legitimidade do programa para cada um dos sujeitos participantes. Foi possível perceber que mesmo diante dos imprevistos

durante a execução do programa, os jovens consideraram a participação no Poupança Jovem positiva, apontando como principais ganhos a possibilidade de estar entre os amigos, fazer algum curso e especialmente receber o benefício de três mil reais.

No desenvolvimento da pesquisa houveram alguns percalços, principalmente na terceira etapa do trabalho de campo, no momento da realização das entrevistas. Quando realizamos a aplicação de questionários no ano de 2009, solicitamos aos jovens que se interessassem em participar da próxima fase da pesquisa, que deixassem seus contatos (Anexo I – Segunda Seção). Dos 120 questionários aplicados, 87 jovens se disponibilizaram a participar da pesquisa no segundo momento. Aproximadamente seis meses depois da aplicação dos questionários, em meados de 2010, iniciamos o contato através de telefonemas para os jovens, de acordo com os perfis selecionados. Nossa intenção era aguardar até que o jovem elaborasse melhor a idéia de término do ensino médio e participação no programa, fazendo com que ele pudesse contribuir com reflexões mais amadurecidas sobre o processo vivido. Porém, esta espera acabou dificultando o contato com alguns jovens, que se mostraram um pouco desconfiados com o convite. Mas em geral, eles se mostraram disponíveis e contribuíram com nossa pesquisa.

Ao final do processo de coleta de dados, consideramos que este percalço na realização das entrevistas foi inevitável, já que focamos nossa investigação nos jovens egressos, ou seja, naqueles que já haviam se afastado do ambiente escolar e que seguiam um novo percurso. Por este motivo o “reencontro” foi mais delicado.

Buscamos no momento do trabalho de campo encontrar perfis de jovens que deixaram o ensino médio, mesmo com a presença do programa nas escolas. Esta busca deu-se através de uma pergunta presente no roteiro de entrevista (Anexo II – Item 8). A questão foi direcionada aos entrevistados, no intuito de localizar algum jovem, que por algum motivo tivesse parado de estudar em um dos três anos do ensino médio. Nenhum dos jovens entrevistados souberam informar sobre este perfil. Nossa finalidade era encontrar pistas sobre as motivações da evasão, mesmo diante das possibilidades oferecidas pelo programa. Para a realização desse objetivo seria necessário um trabalho de acompanhamento mais denso para que estas peculiaridades da infrequência e/ou evasão no ensino médio fossem observadas. Assumimos as limitações deste trabalho e deixamos em aberto

para que outros pesquisadores possam investigar esta outra perspectiva das repercussões do programa.

Através dos dados das matrículas nas duas escolas (tabela 5), ficou perceptível que mesmo com a presença de um programa que buscava combater a evasão, o número de jovens que iniciaram o ensino médio, foi diminuindo até o final desta etapa do ensino. Esse afunilamento no número de concluintes do ensino médio não é um problema que aflige apenas o município de Ribeirão das Neves, nem tão pouco o estado de Minas Gerais. Este fenômeno está presente em todo o cenário nacional. Diante deste contexto, nossas considerações apontam para a necessidade de uma maior compreensão dos motivos que levam os jovens a deixarem a escola. Neste sentido, a pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas nos traz um novo elemento, a falta de interesse de quase metade dos jovens que deixam a instituição escolar. Partindo desse ponto, o Poupança Jovem dificilmente conseguiria combater a evasão, pois sua relação com a escola é frágil, ou seja, o programa teria pouca influência sobre as atividades ligadas ao ensino regular, não contribuindo para o maior interesse dos jovens no ensino médio. O que percebemos, na verdade, é que a o programa mantém uma relação “condicional” com os jovens, estabelecendo uma relação de troca, que por vezes pode ser confundida com chantagem. Parte dos jovens permanecem, mesmo que forçados (utilizando as palavras do Guilherme) a fim de conquistar o benefício final. Resta-nos questionar a validade desta relação estabelecida.

É difícil mensurar as repercussões específicas do Poupança Jovem nas experiências vividas pelos jovens, já que é impossível isolar os acontecimentos, de forma a atribuir a uma única ação, um determinado resultado. O que percebemos com o processo de investigação é que as repercussões aparecem de forma diferenciada para cada jovem, dependendo da expectativa que o mesmo nutria em relação ao programa; da organização e acompanhamento familiar; das experiências escolares anteriores, dos projetos para o futuro; entre outras motivações. Mas certamente o achado mais significativo desta pesquisa diz respeito à avaliação que os próprios jovens realizaram sobre o Poupança Jovem. Para a maioria deles, a participação em um programa como este foi vista como uma vantagem, que acrescentou na experiência vivenciada eles, mesmo que não tenha existido reflexos diretos em suas experiências escolares.

Refletindo sobre essa avaliação, percebemos que um dos grandes benefícios do Poupança Jovem foi a possibilidade de envolver todos os jovens inseridos no ensino médio, de forma inclusiva. Novamente destacamos a importância e necessidade de uma aproximação do “jovem comum”, seja nas pesquisas, seja nos programas direcionados à juventude. Pois o público jovem como um todo apresenta demandas que precisam ser consideradas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.) *Retratos da juventude brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 149-174.
- ANDRADE, Luciana Teixeira de; MENDONÇA, Jupira Gomes de. *Explorando as conseqüências da segregação metropolitana em dois contextos socioespaciais*. Cad. Metrop., São Paulo, v.12, n.23, pp. 169-188, jan/jun 2010.
- BOURDIEU, Pierre (org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis, Vozes, pp. 321-338, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Notícias, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2000&catid=202
- CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa, 2004. 250 p.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio. *A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. Educação e Sociedade, v. 28, p. 1105-1128, 2007.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio; NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; MIRANDA, Shirley Aparecida de. *Uma introdução: juventude ou juventudes?*. In: Caderno de Reflexões: Jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental. Brasília: Via Comunicação. 2011. 198p.
- DE TOMMASI, Livia. *Um olhar sobre as experiências de políticas públicas de juventude na América Latina*. Rev. Bras. Educ. [online]. 2004, n.25.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Motivos da evasão escolar*, [online]. 2009.
- FRANÇA, Júnia Lessa e VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. rev. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (2004). Escola de Governo. *Pesquisa de Origem e Destino 2001-2002*. Belo Horizonte.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. *Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?* In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.) *Retratos da juventude brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 149-174.
- GUIMARÃES, Tadeu Barreto e CAMPOS, Eder. *Sistema de monitoramento e avaliação no Governo do Estado de Minas Gerais: Aspectos de Gerenciamento*. Disponível em: http://siteresources.worldbank.org/INTLACREGTOPPOVANA/Resources/Tadeu_Barreto_Minas_Gerais.pdf. Acesso em: 02 março de 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS; INSTITUTO PÓLIS. *Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Rio de Janeiro: IBASE, 2005. 103P. (Relatório Final de pesquisa).

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. PNAD 2007 *Primeiras Análises: Educação, juventude, raça e cor*. Volume 4, 2008. (Comunicado da presidência nº 12).

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Comunicados do Ipea: Pnad 2009 – *Primeiras análises* – Situação da Educação Brasileira – Avanços e Problemas, 2010.

JOÃO PINHEIRO CONSULTORIA JR. *Relatório Diagnóstico Programa Poupança Jovem*. Belo Horizonte, 2007.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. *Juventude, pobreza e ações educativas no Brasil*. In: SPOSITO, Marília Pontes (coord). *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, p. 47-82, 2007.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. *Juventude, pobreza e trabalho: o que podem os jovens esperar das políticas públicas?* VII RAM – UFRGS, Porto Alegre, Brasil, 2007 – GT 25 Ciudadanía, exclusión y diversidad sociocultural: niños y jóvenes en contextos de socialización. Coordenação: Graciela Batallán (UBA, Argentina) e Ana Gomes (UFMG, Brasil). Disponível em <http://www.cinterfor.org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/temas/youth/doc/not/juwpobtr.pdf> (acesso em julho de 2011).

LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 287-298, maio/ago. 2004.

MINAS GERAIS. Decreto n. 44.476 de 6 de março de 2007. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6 mar. 2007.

MINAS GERAIS. Decreto n. 44.548 de 22 de junho de 2007. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 22 jun. 2007.

MINAS GERAIS. Decreto n. 44.696 de 2 de janeiro de 2008. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2 jan. 2008.

MINAS GERAIS. Decreto n. 44.697 de 2 de janeiro de 2008. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 2 jan. 2008.

MINAS GERAIS. Decreto n. 44839 de 19 de junho de 2008. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 19 jun. 2008.

MINAS GERAIS. Decreto n. 44944 de 13 de novembro de 2008. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 13 nov. 2008.

MINAS GERAIS. Decreto n. 44973 de 3 de dezembro de 2008. Minas Gerais, Belo Horizonte, 3 dez. 2008.

MINAS GERAIS. Resolução SEDESE n. 50 de 29 de maio de 2009. Minas Gerais, Belo Horizonte, 29 mai. 2009.

MINAS GERAIS. Resolução SEDESE n. 460 de 30 de dezembro de 2010. Minas Gerais, Belo Horizonte, 30 dez. 2010.

PAIS, José Machado. *Ganchos Tachos e Biscates: Jovens, trabalho e futuro*. Enciclopédia Moderna Sociológica. Âmbar, 2001.

PERALVA, Angelina T. *O jovem como modelo cultural*. In: Revista Brasileira de Educação- ANPED – Juventude e Contemporaneidade. n. 5 e 6 , 1997, pp. 15-24.

SILVA, Enid Rocha Andrade da; ANDRADE, Carla Coelho de. *A política nacional de juventude: avanços e dificuldades*. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANRADE, Carla Coelho de (orgs). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009.

SOUSA, Antônia de Abreu; SOUSA, Tássia Pinheiro de; QUEIROZ, Mayra Pontes de e SILVA, Érika Sales Lôbo da. *Evasão escolar no ensino médio: velhos ou novos dilemas?* Vértices, Campos dos Goytacazes/RJ, v.13, n. 1, p.25-37, jan./abr. 2011.

SOUZA, Joseane. *A Expansão Urbana de Belo Horizonte e da Região Metropolitana de Belo Horizonte: O Caso Específico do município de Ribeirão das Neves*. Tese de doutorado, defendida em 27-02-2008. Cedeplar/UFMG.

SPOSITO, Marília Pontes. (Coord.) *Juventude e Escolarização (1980-1998) – Série Estado do Conhecimento n. 7*. MEC/Inep/ Comped: Brasília. 2002.

SPOSITO, Marília Pontes. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SPOSITO, M. P. e CARRANO, P. C. (2003), "*Juventude e políticas públicas no Brasil*." Revista Brasileira de Educação, 24: 16-39, Sep./Dec., São Paulo: Anped/Autores Associados.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. *A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência*. Revista Perspectiva. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes (coordenação). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, volumes 1 e 2 – Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

TEIXEIRA, I. A. C. ; PADUA, K. C. . Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa. In: II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica, 2006, Salvador. Anais II CIPA Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica. Salvador: UNEB, 2006.

ZIBAS, Dagmar M. L. Refundar o Ensino Médio? Alguns antecedentes e atuais desdobramentos das políticas dos anos de 1990. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n.92, p. 1067-1086, Especial – Out. 2005.

Sites consultados:

Cinterfor – <http://www.cinterfor.org.uy> (acesso em 20/06/2011)

DataSus – www.datasus.gov.br (acesso em 07/06/2011)

Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais – www.der.mg.gov.br (12/07/2011)

IBGE – www.ibge.gov.br (acesso em 07/06/2011)

Imprensa Oficial Governo do Estado de Minas Gerais – www.iof.mg.gov.br (12/07/2011)

Inep – www.inep.gov.br (acesso em 07/06/2011)

MEC – www.portal.mec.gov.br (12/07/2011)

Observatório da Juventude da UFMG – www.fae.ufmg.br/objuventude (acesso em 01/08/2011)

Portal Ensino Médio em Diálogo – www.emdialogo.uff.br (acesso em 18/04/2011)

Prefeitura de Ribeirão das Neves – www.neves.mg.gov.br (acesso em 07/06/2011)

ANEXOS

I - Questionário

--	--	--

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social



PRIMEIRA SEÇÃO

1 – DADOS PESSOAIS E FAMILIARES

1.1– Sexo: () Masculino () Feminino

1.2– Ano de nascimento: ___/___/___

1.3– Local de residência:

Rua _____

Bairro _____ Cidade _____

1.4– Há quantos anos mora em Ribeirão das Neves?

() Não moro em Ribeirão das Neves

() Até 1 ano

() De 1 ano a 2 anos

() De 2 anos a 3 anos

() Mais de 3 anos

1.5– Quantas pessoas residem em sua casa incluindo você? _____

1.6– Quantos irmãos moram com você em sua casa? _____

1.7– Você possui quantos filhos? _____

1.8– Quem é principal responsável por sua família?

() Pai, Padrasto

() Avós

() Mãe, Madrasta

() O próprio ou o esposo(a)

() Irmão

() Parente

() Tio ou Tia

() Outros

1.9– Sua família recebe Bolsa Família? () Sim () Não

1.10– Qual é a renda mensal aproximada da sua família, incluindo todos os rendimentos de todos os membros de sua família? R\$ _____

1.11– De acordo com as categorias de cor/raça do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), você se declara:

() Branco

() Amarelo

() Pardo

() Indígena

() Preto

1.12– Situação de moradia:

- Aluguel
 Cedida
 Casa própria quitada
- Casa própria em pagamento
 Outros (invasão).

1.13– Sua casa possui quantos cômodos? _____

1.14– Quantos cômodos servem de dormitório? _____

Dados do(a) responsável pela sua família:

1.15– Escolaridade do responsável pela sua família:

- Nunca estudou
 Até 4º série do Ens. Fund.
 Ensino Fundamental incompleto
 Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
 Ensino Médio completo
 Superior incompleto
 Superior completo ou mais

1.16– Situação de atividade do responsável pela sua família:

- Desempregado
 Exerce atividade remunerada com carteira
 Exerce atividade remunerada sem carteira
 Aposentado
 Do lar

1.17– Profissão do responsável pela sua família: _____

Dados do(a) companheiro(a) do(a) responsável pela sua família (Somente se o(a) companheiro(a) morar com o responsável):

1.18– Escolaridade do(a) companheiro(a) do(a) responsável pela sua família:

- Nunca estudou
 Até 4º série do Ens. Fund.
 Ensino Fundamental incompleto
 Ensino Fundamental completo
- Ensino Médio incompleto
 Ensino Médio completo
 Superior incompleto
 Superior completo ou mais

1.19– Situação de atividade do(a) companheiro(a) do(a) responsável:

- Desempregado
 Exerce atividade remunerada com carteira
 Exerce atividade remunerada sem carteira
 Aposentado
 Do lar

1.20– Profissão do(a) companheiro(a) do(a) responsável pela sua família: _____

1.21– Com quais questões abaixo você mais se preocupa atualmente? (Marque três opções)

- Emprego/profissional
 Saúde
 Relação familiar
 Relacionamento íntimo
 Moradia
 Sexualidade
 Violência
- Educação
 Fome/miséria
 Crise econômica
 Política
 Meio ambiente
 Drogas
 Outros

2 – TRAJETÓRIA E VIDA ESCOLAR

2.1– Já repetiu ano escolar?

- Não Sim, duas vezes
 Sim, uma vez Sim, mais de duas vezes

2.2– No último ano fez algum tipo de prova especial ou recuperação para ser aprovado?

- Não Sim, em duas disciplinas
 Sim, em uma disciplina Sim, em mais de duas disciplinas

2.3– Já ficou algum tempo sem estudar? Sim Não

2.4– Se sim, qual o principal motivo?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Nunca deixei de estudar | <input type="checkbox"/> Conflito com professor |
| <input type="checkbox"/> Trabalho remunerado | <input type="checkbox"/> Conflito com colega |
| <input type="checkbox"/> Ajuda nos fazeres domésticos | <input type="checkbox"/> Reprovação |
| <input type="checkbox"/> Doença ou morte de familiar | <input type="checkbox"/> Baixo desempenho |
| <input type="checkbox"/> Doença própria | <input type="checkbox"/> Medo da violência |
| <input type="checkbox"/> Viagem | <input type="checkbox"/> Desinteresse |
| <input type="checkbox"/> Gravidez | <input type="checkbox"/> Outros motivos |

2.5– Tem mais dificuldade em aprender quais disciplinas? (Marque duas opções)

- | | |
|---|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Português | <input type="checkbox"/> Física |
| <input type="checkbox"/> Biologia | <input type="checkbox"/> Literatura |
| <input type="checkbox"/> História | <input type="checkbox"/> Matemática |
| <input type="checkbox"/> Língua estrangeira | <input type="checkbox"/> Química |
| <input type="checkbox"/> Geografia | |

2.6– Estuda em casa quantas vezes por semana?

- Mais de cinco vezes
 Três a cinco vezes
 Uma ou duas vezes
 Apenas quando tem trabalho ou avaliação
 Nunca

2.7– Sabe usar o computador? Sim Não

2.8– Tem computador em casa? Sim Não

2.9– Sabe usar internet? Não sabe usar computador Sim Não

2.10– Com qual frequência utilizou computador na última semana?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Não sabe operar computador | <input type="checkbox"/> De 4 a 5 vezes |
| <input type="checkbox"/> Não usou | <input type="checkbox"/> Mais de 5 vezes |
| <input type="checkbox"/> De 1 a 3 vezes | |

2.11– O que mais faz na internet? (marque somente 1 opção)

- | | |
|---|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Não sabe operar Internet | <input type="checkbox"/> Jogos |
| <input type="checkbox"/> Bate-Papo / MSN / Orkut | <input type="checkbox"/> Outros |
| <input type="checkbox"/> Pesquisas e Consultas | |

2.12– Principal meio de transporte utilizado para chegar à escola:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Transporte gratuito | <input type="checkbox"/> Perua / Van / Ônibus |
| <input type="checkbox"/> Transporte da Prefeitura | <input type="checkbox"/> Carona |
| <input type="checkbox"/> Bicicleta | <input type="checkbox"/> Interno |
| <input type="checkbox"/> A pé | <input type="checkbox"/> Outros |

2.13– Seus pais ou responsáveis sabem / acompanham sua vida escolar?

- Sim, freqüentemente
- Somente quando tenho problemas
- Quando são chamados
- Não participam de nada

2.14– Do que você mais gosta na sua escola?

- Disciplinas (História, geografia, matemática, etc.)
- Atividades físicas / educação física
- Ensino
- Professores
- Amigos
- Funcionários
- Festas da escola e atividades complementares
- Outros

2.15– O que você acha que poderia melhorar na sua escola?

- Infra estrutura (cadeiras, carteiras, prédio, quadra)
- Administração (funcionários, diretores)
- Relacionamento aluno/professor
- Oferta de atividades extra-escolares (cursos, esportes, oficinas)
- Métodos das aulas
- Eventos da escola
- Professores
- Outros

3 – VITIMIZAÇÃO E VIOLÊNCIA

3.1– Classifique seu relacionamento com os colegas da escola:

- Muito bom
- Bom
- Ruim
- Péssimo

3.2– tem medo da violência na escola?

- Me sinto bastante seguro
- Me sinto mais seguro do que inseguro
- Me sinto mais inseguro do que seguro
- Me sinto bastante inseguro

3.3– Já sofreu violência na escola? Sim Não

3.4– Se já sofreu violência, por quem? (múltiplas alternativas)

- Não sofreu violência
- Colegas
- Professores
- Outros funcionários
- Visitantes

3.5– Apresentou denúncia ao diretor, polícia, juizado ou conselho tutelar?

- Sim
- Não
- Não sofreu violência

3.6– Já sofreu algum tipo de discriminação na escola? (múltiplas alternativas)

- Nunca
- Por colegas
- Por funcionários
- Por professores ou diretores

5 – LAZER, CULTURA E ACESSO A SERVIÇOS

5.1– Do que mais você sente falta na sua casa ou família? (marque a opção mais importante)

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Mais diálogo e compreensão dos pais | <input type="checkbox"/> Um espaço melhor para viver/dormir |
| <input type="checkbox"/> Mais recursos (dinheiro, bens) | <input type="checkbox"/> Mais amor |
| <input type="checkbox"/> Menos violência, cobranças, brigas | <input type="checkbox"/> Indicações para meu futuro |
| <input type="checkbox"/> Mais liberdade para sair e passear | <input type="checkbox"/> Outros |

5.2– O que é mais importante pra você? (marque as três questões mais importantes)

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Família, mãe, pai, irmãos, avós | <input type="checkbox"/> Religião, fé, Deus |
| <input type="checkbox"/> Namorado(a), companheiro(a) | <input type="checkbox"/> Estudo |
| <input type="checkbox"/> Amigos, colegas | <input type="checkbox"/> Trabalho |
| <input type="checkbox"/> Música, arte, cultura, dança, etc | <input type="checkbox"/> Dinheiro |
| <input type="checkbox"/> Festas, bailes, baladas | <input type="checkbox"/> Fama / status |
| <input type="checkbox"/> Sexo | <input type="checkbox"/> Outros |

5.3– Que tipo de atividade você prefere? (marque 3 opções)

- | | | |
|----------------------------------|--|---|
| <input type="checkbox"/> Esporte | <input type="checkbox"/> Literatura | <input type="checkbox"/> Dança |
| <input type="checkbox"/> Teatro | <input type="checkbox"/> Ouvir música | <input type="checkbox"/> Internet, computador |
| <input type="checkbox"/> Artes | <input type="checkbox"/> Tocar instrumentos musicais | <input type="checkbox"/> Cinema/vídeo |
| <input type="checkbox"/> Desenho | | <input type="checkbox"/> Outras |

5.4– Marque as áreas de atividades profissionalizantes que você tem mais interesse. (selecione até 4 áreas)

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Área de culinária | <input type="checkbox"/> Área de assistência técnica |
| <input type="checkbox"/> Área agrícola | <input type="checkbox"/> Área de higiene/embelezamento |
| <input type="checkbox"/> Área de mecânica | <input type="checkbox"/> Área de corte e costura |
| <input type="checkbox"/> Área de eletricidade | <input type="checkbox"/> Área de obras |
| <input type="checkbox"/> Área de marcenaria | <input type="checkbox"/> Área de telecomunicações |
| <input type="checkbox"/> Área de saúde | <input type="checkbox"/> Área de vendas |
| <input type="checkbox"/> Área de serviço social | <input type="checkbox"/> Área de informática |
| <input type="checkbox"/> Área artística | <input type="checkbox"/> Área |
| <input type="checkbox"/> Área administrativa de eventos | |

6 – ASPECTOS SOBRE O PROGRAMA

6.1– Que tipo de atividade esportiva você praticou no Poupança Jovem?

- | | | |
|-----------------------------------|------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Futebol | <input type="checkbox"/> Basquete | <input type="checkbox"/> Ginástica Olímpica |
| <input type="checkbox"/> Vôlei | <input type="checkbox"/> Atletismo | <input type="checkbox"/> Tênis |
| <input type="checkbox"/> Peteca | <input type="checkbox"/> Academia | <input type="checkbox"/> Esportes Radicais |
| <input type="checkbox"/> Handball | <input type="checkbox"/> Judô | <input type="checkbox"/> Natação |
| <input type="checkbox"/> Queimada | <input type="checkbox"/> Dança | <input type="checkbox"/> Nenhuma |

6.2– Pensando no futuro, com qual afirmativa você concorda mais?

- Tenho todo um futuro pela frente, sei o que quero e estou fazendo tudo para conseguir.
- Sei que tenho um futuro pela frente, mas me sinto perdido, sem saber o que fazer.
- Não consigo me ver no futuro, não tenho muitos planos, não penso muito sobre isso.
- Não importa o futuro, e sim agora. Não importa se tenho um futuro ou não.

6.3– Se você pudesse escolher qualquer atividade/profissão para exercer, independentemente de qualquer limitação ou restrição, o que você gostaria de ser?

6.4– O que você faz no tempo livre? (Múltiplas alternativas)

- | | |
|---|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Esportes, academia, etc. | <input type="checkbox"/> Passeio |
| <input type="checkbox"/> Uso o computador | <input type="checkbox"/> Namoro |
| <input type="checkbox"/> Atividades domésticas | <input type="checkbox"/> Descanso |
| <input type="checkbox"/> Leio | <input type="checkbox"/> Brinco |
| <input type="checkbox"/> Ouço música | <input type="checkbox"/> Assisto TV |
| <input type="checkbox"/> Estudo | <input type="checkbox"/> Outros |
| <input type="checkbox"/> Danço | |

6.5– Você acha que o benefício (3 mil reais) incentivou os seus estudos?

- Sim, fiquei mais empenhado, fiz de tudo para participar das atividades extra-escolares e melhorar minhas notas.
- Sim, melhorei minhas notas, mas faltou tempo para participar das atividades extra-escolares.
- Não, não tive tempo para estudar e /ou para participar das atividades extra-escolares.
- Não, não me dediquei aos estudos.

6.6– Você pretende gastar a maior parte do dinheiro (3 mil reais) do Programa com:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Curso profissionalizante | <input type="checkbox"/> Fazer auto-escola |
| <input type="checkbox"/> Curso superior (faculdade) | <input type="checkbox"/> Ajudar minha família |
| <input type="checkbox"/> Curso pré-vestibular | <input type="checkbox"/> Guardar |
| <input type="checkbox"/> Reforma da casa | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |
| <input type="checkbox"/> Comprar computador | _____ |

6.7– Ao terminar o ensino médio você pretende:

- Somente continuar estudando
- Trabalhar e fazer um curso superior ao mesmo tempo
- Trabalhar e futuramente fazer um curso superior
- Fazer um curso profissionalizante
- Trabalhar e fazer um curso profissionalizante
- Trabalhar e futuramente fazer um curso profissionalizante.
- Somente trabalhar
- Outros: _____

6.8– De uma maneira geral você avalia o Programa Poupança Jovem como:

- | | |
|------------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Excelente | <input type="checkbox"/> Ruim |
| <input type="checkbox"/> Bom | <input type="checkbox"/> Péssimo |

6.9– De quais atividades você participou no Poupança Jovem? (cursos, esportes, etc)

6.10– Das atividades que você participou, qual foi a melhor?

6.11– Das atividades que você participou, qual foi a que você menos gostou?

SEGUNDA SEÇÃO

Agradecemos sua colaboração respondendo às perguntas deste questionário. No próximo ano realizaremos a segunda etapa desta pesquisa, para tanto entrevistaremos alguns jovens de forma a aprofundar algumas questões que surgirão a partir das informações de todo o grupo. Sua colaboração será muito importante para o prosseguimento da pesquisa.

Você gostaria de colaborar na segunda etapa desta pesquisa? () Sim () Não

Se sim, pedimos que preencha os dados abaixo e informamos que esses dados não serão divulgados em hipótese alguma. Seus dados serão mantidos em sigilo e somente servirão para que entremos em contato com você posteriormente. Desde já agradecemos sua disponibilidade.

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone Residencial: _____

Telefone Celular: _____

Telefone Comercial: _____

E-mail _____

II – Roteiro de Entrevista – Jovens

1) DADOS PESSOAIS E FAMILIARES

- Nome, idade.
- O que faz atualmente (trabalha, estuda...)
- Com quem mora
- Quantas pessoas trabalham
- Informações sobre os pais

2) INFÂNCIA

- Como foi a infância, de uma maneira geral?
- Relembrar como era sua vida antes da entrada na escola.
- Como seus pais participavam de sua vida na infância? Que tipo de apoio, acompanhamento eles davam?
- Como era a relação com os irmãos?

3) TRAJETÓRIA ESCOLAR

Fale um pouco da sua vida escolar:

- Começou a estudar com quantos anos?
- Em quais escolas estudou? (quais as dependências? Particular/estadual/municipal)
- Repetiu de ano? Ficou algum tempo sem estudar?
- Em que ano começou o Ensino Médio? Você chegou a interromper alguma vez o ensino médio?
- Durante o Ensino Médio como você avalia a sua experiência escolar? Qual a principal motivação para ir a escola? O que mais gostava? O que menos gostava? Como era sua relação com os amigos, professores?
- Você trabalhou enquanto estudava no Ensino Médio? Em quê? Como era? Fale um pouco dessa experiência de trabalhar e estudar.

4) POUPANÇA JOVEM – AVALIAÇÃO GERAL

Fale um pouco da sua entrada no Poupança Jovem. Como você chegou ao programa? Porque você decidiu participar? O que você esperava do programa?

A) Como você avalia a sua participação no Programa Poupança Jovem?

B) De quais atividades participou no primeiro ano, segundo ano e no terceiro ano? Você teve aulas de inglês e informática? O que você achou?

C) O que você achou das discussões realizadas no Giro Jovem? Elas contribuíram para sua formação? Por quê?

Como era o espaço onde aconteciam as atividades do Poupança Jovem? Como vocês utilizavam este espaço?

D) O que você achou dos educadores do Poupança Jovem?

E) Você recebeu algum tipo de orientação profissional e/ou formação profissional? Que tipo?

F) Como você avalia o programa? Qual foi a maior contribuição deste programa na sua vida? O que você acha que o programa poderia ter feito para contribuir mais para sua vida?

5) POUPANÇA JOVEM – TRAJETÓRIA/EXPERIÊNCIA ESCOLAR

Fale um pouco de sua experiência no ensino médio com o Poupança Jovem. Havia atividades comuns? Havia alguma forma de acompanhamento da vida escolar? Se sim, como era?

Como você avalia o impacto do programa na sua experiência no ensino médio? (desempenho escolar, relação com os professores, relação com os colegas, estudos em casa, habilidades que desenvolveu, etc.)

Você acha que o Poupança Jovem melhorou o seu desempenho na escola? Fale um pouco sobre isso.

Você acha que se não tivesse participado do programa sua experiência no Ensino Médio teria sido diferente? Por quê?

6) CONDIÇÃO JUVENIL

- Para além da escola, o que você gostava/gosta de fazer?
- Fale-me um pouco sobre os seus amigos. Onde você os conheceu? (escola, bairro, outros espaços)
- Namora? Para onde costuma sair? Com quem?
- O que gosta de fazer no seu tempo livre?

7) PLANOS FUTUROS

- O que você planeja para este ano?
- O que você planeja para o próximo ano?
- Como você se vê daqui a dez anos?
- Quais são suas estratégias para conseguir alcançar estes objetivos?
- O que você pretende fazer (ou já fez) com o benefício recebido? Teve orientação?

8) DETALHES FINAIS

- Você conhece ou se lembra de alguém que iniciou o ensino médio com você, mas que por algum motivo não continuou a estudar?

*Escolha do nome fictício.

* Assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

III – Roteiro de Entrevista – Educadores

- 1) Função / Natureza do trabalho.
- 2) Envolvimento com os jovens (tem algum contato?).
- 3) Envolvimento com os educadores
 - Quem seleciona?
 - Qual a formação necessária?
 - Qual o tipo de contratação?
- 4) Turma 2007/2009
 - Você está presente desde o início do Programa?
 - Qual o balanço da experiência com esta primeira turma?
 - Especificidades.
- 5) Parceria com o município
 - Qual a função do estado? Município?
 - Existe alguma comunicação com os coordenadores dos outros municípios?
- 6) Relação com as instituições de formação profissional
 - Quais os critérios de escolha?
 - Qual o número de parceiros?
 - Estas informações também valem para a turma 2007/2009?
- 7) Relação com a escola
 - Além da adesão no princípio do ano, existe mais comunicação/diálogo com a escola? Qual tipo?
 - Existe a figura do professor referência?
- 8) Estudos relativos ao Poupança Jovem
 - Vocês têm acesso aos levantamentos e pesquisas sobre o Poupança Jovem realizados por instituições como Fundação João Pinheiro? Cedeplar UFMG?
 - Existe um banco de dados sobre os jovens que passaram pelo Poupança Jovem (dados de entrada/formatura)?
 - Quem é responsável pelo Programa na SEDESE?

IV – Roteiro de Entrevista – Gestores

1) Dados pessoais

- Nome completo / Idade / Formação / Tempo ligado ao Programa / Escola a qual está vinculado.

2) Natureza do trabalho (o que faz?)

- Existe uma formação por parte do Programa?
- Como o trabalho é planejado?
- Com quais pessoas trabalha (quem faz parte da equipe?)
- Quais os materiais utilizados?
- Fale-me sobre o Giro Jovem

3) Os jovens atendidos

- Como é a relação com os jovens?
- Quem são estes sujeitos?
- Quais as principais demandas deles?
- Quais as principais dificuldades?

4) O Programa Poupança Jovem

- Cotidiano do/no programa
- Qual a principal contribuição do Programa para os jovens de acordo com sua opinião?
- Quais os limites do Programa para os jovens de acordo com sua opinião?

5) Coordenação

6) Espaço físico